



SÉRIE
ESPADA DO
ESPÍRITO

ALCANÇANDO O PERDIDO

COMPARTILHANDO O AMOR DE DEUS

COLIN DYE

Alcançando o Perdido

Série a Espada do Espírito

- 01 *Oração Eficaz*
- 02 *Conhecendo o Espírito*
- 03 *O Governo de Deus*
- 04 *A Fé Viva*
- 05 *Glória na Igreja*
- 06 *Ministério no Espírito*
- 07 *Conhecendo o Pai*
- 08 *Alcançando o Perdido*
- 09 *Ouvindo a Deus*
- 10 *Conhecendo o Filho*
- 11 *Salvação pela Graça*
- 12 *Adoração em Espírito e em Verdade*

www.swordofthespirit.co.uk

Copyright © 2015 by Colin Dye
Segunda edição
Kensington Temple
KT Summit House
100 Hanger Lane
London, W5 1EZ

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida, armazenada em sistemas de recuperação de informação ou transmitida, em nenhuma forma, ou por meio eletrônico, mecânico, fotocópia, gravação, ou de outras maneiras, sem o consentimento prévio do autor.

As citações bíblicas são – salvo indicação em contrário – da Bíblia Almeida Revista e Atualizada – 2ª. edição – Sociedade Bíblica do Brasil.

Coordenação geral: Print International Brasil Editora Ltda.
Supervisor de tradução: João Guimarães
Tradução: Vera Jordan
Revisão: Edna Batista Guimarães
Diagramação: Rafael Alvares - alvaresdesign.com.br

Espada do Espírito

Alcançando o Perdido



Colin Dye

Sumário

Introdução		7
01	<i>Evangelismo</i>	11
02	<i>O perdido</i>	29
03	<i>Motivos para o evangelismo</i>	41
04	<i>A mensagem do evangelismo</i>	53
05	<i>Evangelismo pessoal</i>	83
06	<i>Evangelismo na igreja</i>	97
07	<i>Evangelismo e discipulado</i>	113
08	<i>Evangelismo e o Espírito</i>	129
09	<i>Evangelismo e oração</i>	143

Introdução

Missão é, de fato, a maior paixão e propósito da igreja. Assim como o fogo existe para queimar, toda congregação deveria ser uma conflagração santa que alcança, mediante a graça e amor infinitos de Deus, aqueles que estão em seu entorno. Toda igreja deve proclamar o evangelho ou se esconder de vergonha; obedecer à Grande Comissão ou fingir que não tem nada a ver com ela; alcançar os perdidos ou deixá-los perecer. Não há meio-termo.

Deus nos confiou a missão premente de transmitir a Sua mensagem de pleno perdão com palavras que as pessoas possam entender, demonstrar o Seu amor compassivo em atos que as pessoas possam ver e encarnar o Seu evangelho doador de vida com um viver que cause fascínio nas pessoas por causa da santidade.

Ninguém finge ser fácil – nós sabemos que custou a vida a Jesus e que a igreja missionária sempre enfrentou uma mescla de apatia e oposição. Em todo tempo haverá algumas pessoas que não querem ouvir uma palavra acerca de Jesus, enquanto outras tentarão abafar o nosso ardor e nos colocar uma mordacha.

Nos últimos sessenta anos houve milhares de conferências, cursos, livros e vídeos a respeito de evangelismo – contudo, a igreja continua inativa e o mundo amplamente inalcançado. Diante de uma tarefa tão urgente e de tamanha necessidade, parece quase um equívoco pedir a uma pessoa que consiga tempo para estudar o evangelismo. Porém, a igreja não recobrirá a paixão por sua missão até que se tenha feito e respondido a algumas perguntas muito básicas.

As pessoas estão verdadeiramente perdidas? Deus está pes-

soalmente preocupado com os 6,5 bilhões de pessoas que vivem hoje? O evangelho trata realmente de boas-novas? A natureza das pessoas pode ser mudada? A morte de Jesus fez efetivamente diferença? Ele ressuscitou dos mortos literalmente? Todas as pessoas serão, de fato, julgadas por Ele algum dia? Se a resposta para essas perguntas for um “sim” muito consciente, missão ou evangelismo é a única conclusão sensata.

Este é um livro para crentes que estejam dispostos a deixar de lado as ideias próprias acerca de evangelismo e ansiosos por estudar a Palavra de Deus, a fim de descobrir a Sua revelação a respeito da missão que temos. Precisamos aprender o que as Escrituras ensinam com relação ao perdido, o que revelam sobre as boas-novas e como mostram a igreja alcançando esses perdidos com o evangelho.

Há material extra disponível para facilitar o seu aprendizado. Você pode encontrá-lo no respectivo Livro do Aluno – Espada do Espírito, no site www.swordofthespirit.co.uk. Há um manual para estudo complementar de cada capítulo, com Perguntas para Discussão e Testes Rápidos. Após se inscrever para esse módulo no site, você poderá ter acesso a mais testes e exames. Também há uma Webtool (o livro texto com links inseridos para referências bíblicas), além de amplo ensino em áudio e vídeo. O uso desses materiais extras lhe ajudará a testar, reter e aplicar o conhecimento adquirido neste livro.

Você também poderá usar o Livro do Aluno com pequenos grupos, selecionando, mediante oração, as partes que achar mais relevantes para o seu grupo. Ou seja, em algumas reuniões você poderá usar todo o material enquanto que em outras, apenas uma pequena parte dele. Por favor, use o bom senso e o discernimento espiritual. Sinta-se à vontade para tirar cópias das páginas e distribuí-las a qualquer grupo que estiver liderando.

Quando você terminar de ler este volume, a minha oração é que você tenha uma compreensão muito melhor do propósito de Deus em nos enviar a este mundo com o Seu evangelho, as diferentes maneiras que deveríamos proclamá-lo e os recursos que Ele nos deu a fim de nos equipar para a tarefa. Eu oro es-

pecialmente para que você seja tão convencido pela verdade do evangelho, tão equipado com o poder do Espírito, e tão motivado pelo amor do Pai, que comece a alcançar com a eficácia do evangelho os perdidos e feridos à sua volta.

Colin Dye

Parte Um

Evangelismo

Este oitavo livro da série Espada do Espírito trata do evangelismo bíblico. Seu nome é *Alcançando o Perdido*, devido ao fato de muitos crentes não perceberem o significado completo de evangelismo. Eles limitam o seu entendimento às grandes cruzadas, distribuição de panfletos, pregações pela TV e o porta a porta; parece que não valorizam a profundidade, a largura e a variedade caleidoscópica da missão do Novo Testamento.

Alguns crentes parecem pensar que o evangelismo é melhor quando deixado para os seus especialistas; enquanto outros o confundem com *evangelicalismo* – eles relacionam o ato de proclamar as boas-novas com as ideias de uma tradição existente na igreja. Se, contudo, estivermos interessados em alcançar o perdido da maneira que Deus almeja, precisaremos entender o que Ele revela nas Escrituras acerca do ministério de evangelismo.

O que é evangelismo?

Nos últimos noventa anos, houve uma quantidade considerável de debate e discussão sobre o significado de “evangelismo”. Diversas definições importantes foram sugeridas, cada uma com uma ênfase levemente diferente.

Em 1918, a Comissão de Inquérito dos Arcebispos sobre o trabalho evangelístico da igreja na Inglaterra definiu que “evangelizar é apresentar Jesus Cristo no poder do Espírito Santo, de modo que por meio Dele os homens venham a pôr sua confiança em Deus, aceitar Jesus como seu Salvador e servi-Lo como seu Rei na Comunhão da Igreja”.

Esta definição famosa enfatiza positivamente que o evangelismo inclui:

- Declaração de uma mensagem específica
- Dependência do Espírito
- Apresentação de Jesus como o Cristo
- Exigência de Discipulado

Também sugere, entretanto, que a essência do evangelismo é *produzir conversões*.

Os líderes que enfatizam a soberania de Deus discordam. Eles argumentam que o evangelismo é nossa obrigação humana, ao passo que Deus somente é quem concede fé e cria vida nova. Eles reconhecem que o evangelismo direciona as pessoas a confiar em Deus, mas insistem que é o Espírito que as capacita a confiar Nele. Analisamos este aspecto no volume *Salvação pela Graça*, da série *Espada do Espírito*.

Esses líderes argumentam que o evangelismo não deveria ser definido por resultados ou medido por conversões; mas dizem que deveria ser entendido como *uma obra de proclamação* que objetiva alcançar ou criar recursos para conversões. A maioria deles enfatiza a prioridade de pregar e define evangelismo como “proclamar Jesus Cristo a pecadores, a fim de que, pelo poder do Espírito, eles possam vir a confiar em Deus por meio de Jesus”.

Na realidade, alguns grupos evangélicos influentes insistem que a palavra “evangelismo” deveria ter seu significado restrito a *proclamar a mensagem da salvação*.

Líderes eclesiásticos de outras tradições cristãs criticam essa ênfase evangélica na proclamação. Eles concordam que pregar é uma parte importante do evangelismo; mas líderes ortodoxos insistem que a presença da Igreja no mundo, sua vida e serviço santos, é igualmente indispensável; enquanto os líderes pentecostais sustentam que os *sinais e maravilhas* sobrenaturais devem acompanhar a pregação.

Essas ideias básicas acerca de evangelismo podem nos ajudar a entender as diferentes ênfases de outros grupos eclesiásticos, mas devemos nos voltar às Escrituras se quisermos perceber o significado real do evangelismo bíblico.

O Novo Testamento utiliza dois grupos de palavras gregas para descrever o que os cristãos chamam de “evangelismo”. Muitos dos desacordos em relação ao evangelismo resultam da compreensão errada a respeito dos significados desses dois grupos de palavras importantes – e de uma ênfase exagerada em um ou outro.

Boas-novas

O primeiro grupo de palavras do Novo Testamento baseia-se no substantivo grego *euangelion*. Esse substantivo provém de duas palavras gregas: eu, “bem” ou “nobre” e *angelia*, “mensagem” ou “novas”; então *euangelion* significa “as boas-novas”, “as novas de alegria”, ou “a mensagem nobre”. Em inglês, a palavra comum gospel (evangelho) é simplesmente a antiga forma de se soletrar “boa fala” (good spell).

A conclusão imediata aqui é que evangelismo está inseparavelmente ligado ao evangelho, às boas-novas. Podemos dizer que qualquer coisa que esteja relacionada a evangelho deve estar relacionada a evangelismo e que qualquer coisa que não esteja relacionada a evangelho não está relacionada a evangelismo.

O substantivo grego relacionado *euangelistes* também é usado no Novo Testamento. Ele vem de eu, “bem” e *angelos*, “mensageiro”, e significa literalmente “um mensageiro do bem”. A palavra evangelista é simplesmente uma transliteração de *euangelistes*.

A palavra grega *euangelizo* é a forma verbal de *euangelion*, e é quase impossível de ser traduzida. No volume *Fé Viva* desta série, vemos que o substantivo *pistis* e o verbo *pisteuo* são formas diferentes da mesma palavra e expressam ideias idênticas.

Diferentes tradutores da Bíblia escolhem verbos distintos e a palavra que usam reflete, inevitavelmente, a perspectiva teológica de cada um deles. A maioria escolhe “pregar o evangelho”, ou “anunciar as boas-novas”, ou “trazer novas de alegria”. No grego literal, entretanto, é tudo ‘to evangelise’ (evangelizar).

A maioria dos tradutores bíblicos evangélicos traduz *euangelizo* como “pregar o evangelho” ou “proclamar o evangelho”, o

que leva alguns crentes a indicar que a pregação é a essência do evangelismo!

Outros líderes eclesiásticos argumentam que também poderíamos traduzir *euangelizo* como “ser o evangelho” ou “demonstrar o evangelho”. De fato, um verbo mais neutro como “espalhar”, “trazer” ou “portar” seria melhor.

Devemos reconhecer, contudo, que o verbo extra não existe no Novo Testamento.

Podemos pensar nesse grupo de palavras das seguintes maneiras:

Palavra grega	Transliteração	Tradução Literal	Boa tradução
<i>euangelion</i>	o evangelho	as boas-novas	o evangelho
<i>euangelizo</i>	evangelizar	as boas-novas	a boa-nova
<i>euangelistes</i>	um evangelista	anunciador de boas-novas	mensageiro do evangelho

Os cristãos modernos usam cada vez mais o verbo “evangelizar”, e faria sentido empregar essa transliteração de *euangelizo* no próprio Novo Testamento – especialmente porque *euangelistes* é sempre transliterado como “evangelista”. Porém, deveríamos começar a usar “evangelizar” somente quando soubermos plenamente o que a Bíblia ensina a respeito dessa palavra.

Lembre-se, o nosso entendimento acerca de evangelismo deve se fundamentar na forma que o Novo Testamento usa o grupo de palavras *euangelion* e não em ideias humanas ou tradições da igreja.

Evangelizar

O verbo grego *euangelizo* aparece cerca de 50 vezes no Novo Testamento. É usado, por exemplo, em Lucas 4:18,43; 7:22; 9:6; 20:1; Atos 8:4,25,35; 14:15,21; 15:35; Romanos 10:15; 15:20; 1Coríntios 1:17; 9:16; 15:1-2; 2Coríntios 10:16; 11:7; Gálatas 1:11, 16; 4:13; Efésios 3:8; Hebreus 4:2, 6; 1Pedro 1:12,25 e 4:6.

Lucas 4:18-19 elucida de modo especial. Trata-se de uma das declarações mais importantes de Jesus, e podemos pensar nela como a Sua “proclamação” ou “declaração missionária”. Nessa passagem, Jesus resume o propósito de Sua unção no sentido de proclamar/pregar/portar/trazer/espalhar as boas-novas ao pobre. Na verdade, Ele foi ungido com o Espírito “para evangelizar o pobre”.

Embora a maioria das traduções use uma única palavra – “pregar” – três vezes nesses versículos, no grego são utilizadas duas palavras. *Euangelizo* é empregada na primeira oração, mas uma palavra diferente – *kerusso* (cuja melhor tradução é “anunciar” ou “proclamar”) – é usada na quarta e sétima orações.

Jesus oferece cinco exemplos de o que significa, na prática, “evangelizar o pobre”: essa é a Sua definição de evangelismo ungido pelo Espírito. Podemos dizer que, de acordo com Jesus, o evangelismo bíblico inclui:

- Curar os quebrantados de coração
- Libertar os cativos
- Restaurar a vista aos cegos
- Libertar o oprimido
- Proclamar a mensagem divina de liberdade e favor

Jesus não foi enviado pelo Pai e ungido com o Espírito apenas para pregar sermões nas sinagogas judaicas. Em vez disso, Ele veio para revelar Deus por meio de palavras, por intermédio de atos e de uma vida perfeita; e veio para fazê-lo de um modo que fosse especialmente relevante ao pobre – a palavra grega *ptochoi* significa “o aflito” ou “o ferido”.

Essa ideia se repete em Lucas 7:18-22. João Batista queria saber se Jesus era o Messias ou não, e enviou dois discípulos para Lhe perguntar. O versículo 21 descreve a resposta ativa de Jesus a essas perguntas e o versículo 22 registra a mensagem para João: “Ide, e anunciai a João o que *tendes visto e ouvido*: que os cegos veem, os coxos andam, os leprosos são purificados, os surdos ouvem, os mortos ressuscitam e aos pobres anuncia-se o evangelho”.

Isso é muito semelhante ao anúncio do próprio Jesus em Lu-

cas 4:18. Primeiro, Ele lista os aspectos de Sua missão evangelística ungida pelo Espírito; em seguida Ele resume o Seu propósito ungido no sentido de “o pobre (o aflito ou o ferido) ter o evangelho trazido (anunciado/espalhado/entregue/proclamado) a eles” – *o ferido é evangelizado*.

Esse princípio é destacado novamente em Lucas 8. A maioria das versões desse versículo 1 descreve Jesus como “pregando e trazendo as novas de alegria” a toda cidade e vilarejo da área. Isso cria um problema para os tradutores. Lucas relata que Jesus “*kerusson e euangelizmenos*”: está claro, portanto, que se trata de atividades diferentes. Se aqueles tradutores que traduzem *euangelizo* como “pregar o evangelho” quisessem ser coerentes, eles teriam de declarar que Jesus “pregou e pregou!” “Pregando” não é, de fato, nem sequer uma tradução exata de *kerusson*, pois aponta para uma proclamação indiscriminada da mensagem imutável de Seu mestre.

Lucas 8:1 é prova conclusiva de que o evangelismo não é apenas uma ação verbal. A proclamação e o evangelismo devem caminhar de mãos dadas, mas não são a mesma coisa.

Lucas 8:2-56 parece a exposição de Lucas 8:1. Ele faz uma declaração geral no versículo 1 e em seguida a ilustra por todo o restante do capítulo. Nós vimos que Jesus:

- Pregou e respondeu perguntas – 8:4-18
- Trouxe paz ao aterrorizado – 8:22-25
- Libertou os cativos – 8:26-39
- Curou o enfermo – 8:43-48
- Ressuscitou o morto – 8:49-56.

Se, conforme sugere Lucas 8:1, a proclamação e a evangelização forem diferentes, parece provável que os milagres nos versículos 22 a 56 ilustram a evangelização de Jesus – pois as parábolas nos versículos 4 a 18 enfatizam claramente essa proclamação.

E se “evangelizar” for “portar, trazer ou espalhar boas-novas”, os milagres de Lucas 8 foram um modo tremendamente eficaz de fazê-lo. Esses milagres não foram preparação para o evangelismo nem consequências dele – foram eles próprios o evangelismo.

O apóstolo Paulo defende a mesma ideia em Romanos 15:18-20.

A maioria das traduções se refere a pregar nos versículos 19 e 20, mas essas palavras não existem no grego. O que Paulo literalmente escreve no versículo 19 é: “tenho pregado o evangelho de Jesus Cristo”; e no versículo 20 “me esforcei para anunciar o evangelho”. Os versículos 18 e 19 mostram como Paulo havia “passado tempo evangelizando” e “anunciado o evangelho” – como ele tinha evangelizado: foi em palavras e atos, em poderosos sinais e maravilhas pelo poder do Espírito.

Marcos inicia o seu relato do ministério de Jesus referindo-se, no primeiro versículo, à *euangelion* – às boas-novas de Jesus. Em seguida ele define o cenário registrando um dia típico na vida de Jesus. Os versículos 21 a 34 mostram que em um dia de sábado, o ato de “pregar o evangelho” ou “evangelizar” de Jesus inclui:

- Pregar na sinagoga – 1:21-22
- Libertar um cativo – 1:23-26
- Curar o doente – 1:29-31 e 34
- Expulsar demônios – 1:34

• Em todo o livro de Marcos e de cada “Evangelho”, vemos que Jesus anunciava boas-novas por meio da pregação, ensino e conversas individuais; que Ele demonstrava boas-novas por intermédio de sinais e maravilhas poderosos; e que vivia as boas-novas aceitando, recebendo, abraçando e perdoando as pessoas aflitas e feridas de Seus dias.

O mesmo ocorre na igreja primitiva. Atos 8:1 descreve a dispersão dos discípulos perseguidos por toda a Judeia e Samaria, e 8:4 mostra que eles iam a todos os lugares “evangelizando”.

Atos 8:5-13 ilustra esse evangelismo com a história de Filipe e relata que nele se incluía:

- Pregação – 8:5
- Milagres – 8:6
- Expulsão de demônios – 8:7
- Cura do enfermo – 8:8.

Atos 8:1 resume a atividade de Filipe dizendo que os samaritanos acreditaram na medida em que ele evangelizomemo –

evangelizou. Não é de se admirar que Atos 21:8 descreva Filipe como um “evangelista”.

O mesmo ocorre em Atos 10:36-38. Primeiro, Pedro descreve Jesus como “o Verbo”, o “Senhor de todos”, que foi enviado a Israel euangelizomenos – evangelizando. Em seguida, Pedro repete o princípio de Jesus em Lucas 4:18 e relata o Seu evangelismo aos Seus ungidos. Ele relata que o evangelismo de Jesus incluía:

- Proclamação – 10:37
- Fazer o bem – 10:38
- Curar o oprimido – 10:38.

Esse material bíblico deveria nos convencer de que o evangelismo não consiste inteiramente de pregação: o evangelismo bíblico verdadeiro inclui a proclamação verbal das boas-novas, mas deve incluir também a sua demonstração visual em sinais, maravilhas, paz e boas obras. É alcançar o perdido e não apenas pregar para o perdido.

O evangelho

O substantivo *euangelion* aparece quase oitenta vezes no Novo Testamento. Em quase todas as situações ele está ligado a outra palavra que descreve o originador da mensagem, ou o conteúdo da mensagem, ou o propósito da mensagem.

É, por exemplo:

- O evangelho do reino – Mateus 4:23; 9:35 e 24:14
- O evangelho de Deus – Marcos 1:14; Romanos 1:1; 15:16; 2Coríntios 11:7; 1Tessalonicenses 2:2, 9 e 1Pedro 4:17
- O evangelho de Deus em relação ao Seu Filho – Romanos 1:1-3
- O evangelho de Seu Filho – Romanos 1:9
- O evangelho de Jesus Cristo, o Filho de Deus – Marcos 1:1
- O evangelho de nosso Senhor Jesus – 2Tessalonicenses 1:8
- O evangelho de Cristo – Romanos 15:19
- O evangelho da glória de Cristo – 2Coríntios 4:4
- O evangelho da graça de Deus – Atos 20:24
- O evangelho da glória do Deus abençoado – 1Timóteo 1:11

- O evangelho da sua salvação – Efésios 1:13
- O evangelho da paz – Efésios 6:15
- O evangelho eterno – Apocalipse 14:6
- Meu evangelho – Romanos 2:16; 16:25 e 2Timóteo 2:8
- Nosso evangelho – 2Coríntios 4:3; 1Tessalonicenses 1:5 e 2Tessalonicenses 2:14

Dessas passagens aprendemos quatro verdades básicas sobre a mensagem que somos chamados a portar no evangelismo bíblico.

1. É o evangelho do Reino

Nesta série *Espada do Espírito*, estudamos o Reino em *O Governo de Deus*. Definimos que o Reino se refere aos “governo e reino majestosos de Deus”; que ele é ambos: “agora e ainda não” e que Deus governa “pessoalmente, em e por meio de Cristo; em vez de governar por intermédio da Lei”. O governo pessoal de Deus veio com Jesus, o que significa que o Reino está aqui porque Ele está aqui.

É interessante que a primeira referência ao “evangelho do reino” seja estabelecida no contexto da proclamação falada, e cura do enfermo e expulsão de espíritos malignos; e que a segunda referência seja estabelecida no contexto da proclamação falada, e cura e compaixão incomum. Vemos isto em Mateus 4:23-24 e 9:35-36.

O evangelho do Reino é a boa-nova de que o governo de Deus agora está presente em pessoa; e que Ele governa sobre os homens, os doentes, o mal e sobre todas as coisas.

Cada aspecto do governo de Deus é anunciado em palavras, demonstrado em atos e revelado em compaixão. Se o evangelho que portamos não for tudo isso, então, de fato, ele não será as boas-novas bíblicas.

2. É o evangelho de Deus

O evangelho de Deus é boas-novas a *respeito* de Deus. Trata-se das notícias maravilhosas acerca do Pai que inaugura a graça, conforme verificamos no volume *Conhecendo o Pai*. É a mensagem incrível da revelação divina e redenção humana que consi-

deramos no volume *Salvação pela Graça*. É a história de doação de vida do Filho que se submete eternamente, conforme estudamos em *Conhecendo o Filho*. E trata-se das verdades fortalecedoras acerca do Espírito instrumentador, despretensioso, que descobrimos em *Conhecendo o Espírito*.

O evangelho não é somente boas-novas acerca de Jesus; é também boas-novas a respeito do Pai e boas-novas sobre o Espírito. É o evangelho acerca do pleno Deus trino.

Entretanto, o evangelho de Deus também é boas-novas de Deus. Trata-se de Sua iniciativa, Sua revelação – Deus falou verdades acerca de Si mesmo.

Como observamos nos volumes *Fé Viva* e *Ouvindo Deus*, toda palavra vinda de Deus é sempre uma autorrevelação Dele mesmo; então o Evangelho de Deus é a boa-nova acerca Dele mesmo – o pleno Deus trino.

Isso significa que devemos ter muito cuidado para não deturpar ou alterar o evangelho de modo algum. Gálatas 1:6-9 e 2Coríntios 11:4 enfatizam a seriedade desse aspecto.

3. É o evangelho de Jesus Cristo

O evangelho de Jesus é a boa-nova que Ele *trouxe ao mundo*. Sem o Seu ministério não haveria perdão, não existiria vida, liberdade, esperança; sem Ele a humanidade permaneceria alienada de Deus, cativa a Satanás, destruída pela culpa e espiritualmente morta; sem a Sua atividade de portar o evangelho simplesmente não haveria boas-novas.

Porém, o evangelho de Jesus também é a boa-nova que Ele *incorporou no mundo*. A encarnação é o centro do evangelho. Deus não proclamou uma mensagem no céu, Ele viveu uma vida na terra. E Deus não apenas enviou uma mensagem do céu, pois o Verbo se fez carne e o jeito perfeito de Deus viver foi visto na terra. Sem a vida de incorporação do evangelho que Jesus viveu, não haveria boas-novas.

Em certo sentido, podemos dizer que o que consiste somente de proclamação falada é quase uma negação do evangelho – pois encarnação é tanto o conteúdo como a incorporação, o

Verbo e a carne, a mensagem, e os meios, da boa-nova. João 14:9 ensina que conhecemos a verdade acerca de Deus porque vemos a verdade na vida de Jesus.

4. É um evangelho pessoal

O Novo Testamento fala de “meu evangelho” e “nosso evangelho”. É uma mensagem da qual devemos nos apropriar pessoalmente – a ponto de se tornar o nosso evangelho quase como é o evangelho Dele.

Ao usar muitos verbos diferentes com *euangelion*, o Novo Testamento deixa clara a maneira como deveríamos e não deveríamos reagir ao evangelho. Por exemplo, nós podemos:

- Crer no evangelho – Marcos 1:15
- Perder as nossas vidas pelo evangelho – Marcos 8:35
- Ser separados para o evangelho – Romanos 1:1
- Servir no evangelho – Romanos 1:9
- Ter vergonha do evangelho – Romanos 1:16
- Obedecer ao evangelho – Romanos 10:16
- Ministrando o evangelho – Romanos 15:16
- Esconder o evangelho – 1Coríntios 9:12
- Receber o evangelho – 2Coríntios 11:4
- Ter comunhão no evangelho – Filipenses 1:5
- Trabalhar no evangelho – Filipenses 4:3
- Sofrer adversidade no evangelho – 2Timóteo 1:8

O Novo Testamento também usa diversos verbos diferentes para descrever o modo que espalhamos o evangelho. Por exemplo, nós podemos:

- Pregando o evangelho – Mateus 4:23 e Gálatas 2:2
- Falando do evangelho – 1 Tessalonicenses 2:2
- Testificando do evangelho – Atos 20:24
- Evangelizando o evangelho – 1 Coríntios 15:1; 2Coríntios 11:7 e Gálatas 1:11
- Proclamando o evangelho – 1Coríntios 9:14

Essa linguagem bíblica rica sugere que somos chamados a ser profundamente comprometidos com o evangelho e dedicados firmemente a espalhá-lo.

O evangelista

O substantivo *euangelistes* é usado apenas três vezes no Novo Testamento – em Atos 21:8; Efésios 4:11 e 2Timóteo 4:5.

Vimos que *euangelistes* significa um mensageiro do evangelho e percebemos que Atos 21.8 identifica Filipe como um evangelista porque ele espalhou o evangelho por meio de palavras e atos, por intermédio de proclamação e demonstração.

É interessante que a ordem de Paulo em 2Timóteo 4:5 para “fazer a obra de um evangelista” vem após a ordem de “pregar a Palavra” no capítulo 4:2-4. Isso revela que “pregação” e “evangelismo” não são a mesma atividade, e que a pregação evangelística não é tudo que se tem para pregar.

Efésios 4:11 mostra que o ministério evangelístico é funcionalmente distinto dentro da igreja, e que o principal propósito de um evangelista é “equipar os santos para a obra do ministério, para a edificação do corpo de Cristo”. Analisamos esse aspecto no volume *Glória na Igreja*.

Evangelismo

Já deve estar claro que a nossa ideia de evangelismo deve se fundamentar no uso que o Novo Testamento faz do grupo de palavras *euangelion*. E está igualmente claro que evangelismo bíblico envolve:

- Proclamação – pregar, testificar, falar, proclamar, debater, anunciar, responder a perguntas etc.
- Demonstração – curar o enfermo e o desolado, libertar o cativo, expulsar demônios, sinais, maravilhas, milagres etc.
- Encarnação – viver a vida de Deus entre os aflitos e os que sofrem, sentir a compaixão de Deus, sofrer adversidade, estar pronto para perder as nossas vidas etc.

Vimos ainda que o evangelismo bíblico foca de modo especial em *ptochoi*. Muitas versões bíblicas traduzem essa palavra como “o pobre”, mas a forma singular *ptochos* literalmente significa “alguém que está se acovardando ou se escondendo de medo”. Poucas versões modernas refletem isso ao traduzir *ptochoi* como “o aflito”, e hoje podemos ter um entendimento melhor ao pensar em termos de “o ferido” em vez de “o pobre”.

Isso significa que o evangelismo que realmente se assemelha a Cristo não foca simplesmente em alcançar aqueles que têm poucos recursos materiais ou financeiros; em vez disso, concentra-se em alcançar aqueles que estão aflitos e feridos, o desolado, o cego, o encarcerado, o oprimido, ou seja, alcançar todos esses homens e mulheres que, de algum modo, foram feridos pelo pecado, por Satanás e pelas ações e atitudes da sociedade.

Arauto

A maior parte do pensamento cristão a respeito de evangelismo também é moldada por um segundo grupo de palavras do Novo Testamento. Essas palavras são fundamentadas no substantivo grego *kerux* – que significa “um arauto”.

Um arauto

Kerux é usado apenas três vezes no Novo Testamento, em 1Timóteo 2:7; 2Timóteo 1:11 e 2Pedro 2:5 e normalmente é traduzido como “pregador”. Hoje, porém, a ideia comum de um pregador é bem diferente da ideia de um arauto.

A essência de arautos (e, portanto, de todas as palavras no grupo *kerux*) é que eles vão de um lugar a outro anunciando uma mensagem que lhes foi dada por seu rei, e anunciando-a publicamente a quem quer que encontrem.

Temos a tendência de pensar em um pregador como alguém que oferece um discurso doutrinário que elaborou cuidadosamente para um grupo fechado de crentes convictos em uma igreja. Isso é totalmente o oposto de um arauto!

Os arautos não precisam ser cultos ou inteligentes, e não precisam ser treinados ou experientes; eles precisam simplesmente ser fidedignos e confiáveis. Eles não expressam as próprias ideias, simplesmente transmitem a mensagem do rei. E eles não dão a própria opinião, apenas proclamam o que o rei lhes manda dizer. Em si mesmos os arautos não são nada; a significância deles está somente em representarem aquele que os enviou.

Em 1Timóteo 2:7 e 2Timóteo 1:11, Paulo descreve a si mesmo como um arauto, apóstolo e mestre. Ao usar essas palavras

em um elo sequencial, Paulo mostra que elas são tanto relacionadas como distintas.

Por exemplo, um arauto é distinto de um mestre, e transmitir mensagem/pregar é diferente de ensinar. O arauto/pregador entrega uma mensagem de modo indiscriminado, ao passo que um mestre instrui somente aqueles que querem aprender e escolhem ouvir.

Entretanto, os arautos se relacionam aos apóstolos e mestres no sentido de que são todos “enviados”. Um arauto é enviado pelo rei com a mensagem do rei; a palavra grega *apostolos* significa literalmente “o que é enviado”; e Paulo deixa claro que ele foi enviado como um mestre para um grupo específico de pessoas.

Nessas passagens, Paulo usa as três palavras de forma sequencial. Primeiro, ele é enviado aos gentios como um arauto: ele porta a mensagem do rei— as boas-novas — e a anuncia publicamente a cada um que encontra. Em seguida, ele é enviado como um apóstolo àqueles que creem na mensagem do rei e trabalha em cima disso: ele os constitui igreja — um grupo operante de pessoas que pertencem ao rei. E em seguida ele é enviado a ensinar aqueles que querem aprender o jeito de ser do rei. Analisamos esse aspecto no volume *Glória na Igreja*.

Anunciar

O verbo grego *kerusso* deriva de *kerux*. Seu significado é “anunciar” ou “agir como um arauto”, mas normalmente é traduzido no Novo Testamento como “pregar” ou “proclamar”. Como vimos, pregar já não comunica com precisão o significado do grupo de palavras *kerux*.

Kerusso é usado cerca de sessenta vezes no Novo Testamento e seu significado literal está claro em Marcos 1:45; Lucas 12:3 e Apocalipse 5:2. Por definição, *kerusso* sempre implica três coisas:

- Um comissionamento pessoal como um arauto para um grupo específico de pessoas: por exemplo, Marcos 3:14; 16:15-20; Lucas 9:2 e Atos 10:42
- Uma mensagem especial do rei; por exemplo, Mateus 4:23;

9:35; 10:7; 24:14; Marcos 1:14; 16:15; Lucas 4:19; 8:1; 9:2; Atos 8:5; 9:20; 20:25; 28:31; Romanos 10:8; 1Coríntios 9:27; 15:12; 2Coríntios 1:19 e 1Tessalonicenses 2:9

- Obediência à comissão e a mensagem: por exemplo, Mateus 11:1; Marcos 1:39; 6:12; Atos 8:5; 9:20; 1Coríntios 15:11 e Gálatas 2:2.

Essas passagens mostram que *kerusso* com frequência está ligado a *euangelion*. Os arautos do rei são enviados basicamente para proclamar Seu “evangelho”, as boas-novas que vêm do rei e que falam do rei.

Observamos isso, por exemplo, em Mateus 24.14; Marcos 13:10; 14:9; 16:15, 20; Lucas 8:1; 9:2; 24:47; Atos 8:5; 19:13; 28:31; Romanos 10:14-15; 1Coríntios 1:23; 15:11-12; 2Coríntios 1:19; 4:5; 11:4; Gálatas 2:2; Filipenses 1:15; Colossenses 1:23 e 1Tessalonicenses 2:9.

Entretanto, conforme observamos, a proclamação falada da mensagem do arauto é somente um aspecto do evangelismo. É uma parte importante, mas deve complementar a demonstração e a encarnação do evangelho.

A mensagem do arauto

O substantivo *kerugma* refere-se à mensagem do arauto, e tende a ser traduzido como “pregar”. Ele sempre aponta para o conteúdo da proclamação do arauto, em vez de seu ato de proclamar. Significa uma mensagem distinta e delineada que foi dada ao arauto pelo rei, em vez de uma mensagem que ele compôs ou adaptou.

Kerugma é usado no Novo Testamento em Mateus 12:41; Lucas 11:32; Romanos 16:25; 1Coríntios 1:21; 2:4; 15:14; 2Timóteo 4:17 e Tito 1:3.

Pelo fato de *kerugma* significar literalmente uma mensagem preparada, os teólogos e líderes eclesiásticos debatem fortemente se a pregação evangelística da igreja primitiva continha ou não uma *kerugma* preparada.

Alguns líderes argumentam que a *kerugma* era uma série preparada de declarações factuais a respeito da vida e ministério de

Cristo, o que culminava em uma demanda por arrependimento e fé. Outros, por sua vez, defendem que *kerugma* era simplesmente a apresentação de um encontro pessoal com o Senhor Jesus vivo.

Na realidade, *kerugma* da igreja primitiva parece ter sido ambos, uma mensagem com raízes nos fatos históricos da vida, morte, ressurreição e ascensão de Jesus, e uma introdução ao Cristo vivo que ressurgiu dos mortos. Observamos isto, por exemplo, em 1Coríntios 1:23 e 15:14. Analisamos em detalhe o conteúdo da mensagem do arauto na Parte Seis.

Evangelismo

Na medida em que avançamos na leitura, vamos continuar nos referindo a “evangelismo”. É crucial que comecemos a entender isso em termos do modo que ambos os grupos de palavras *euangelion* e *kerux* são usados no Novo Testamento.

Por enquanto, deveríamos compreender que o evangelismo bíblico depende da união com o Espírito, foca nos feridos e envolve uma demonstração do evangelho em sinais e maravilhas, uma encarnação do evangelho em compaixão e santidade e uma proclamação pública, semelhante à proclamação de um arauto, da boa mensagem do rei para cada pessoa que encontramos.

Parte Dois

O Perdido

Mateus 9:35–10:15 é uma passagem importante a respeito de evangelismo e ilustra a maioria dos princípios que observamos na Parte Um. Ela registra o ministério evangelístico de Jesus nas cidades e vilarejos da Galileia, e mostra que Ele ensinava nas sinagogas, anunciava as boas-novas entre as pessoas, curava o enfermo e se comovia com tremenda compaixão.

As necessidades das pessoas eram tão grandes que Jesus clamou a Deus por mais obreiros. Então, em resposta parcial ao Seu clamor, enviou Seus doze discípulos em pares a evangelizar os necessitados.

No capítulo 10:5-7, Jesus ordenou aos discípulos que anunciassem a mensagem, supriu-os com a mensagem específica que deveriam proclamar e os dirigiu a um grupo específico de pessoas. No versículo 8 do mesmo capítulo, Ele disse aos discípulos como *demonstrar a mensagem*. E nos versículos de 9 a 12 Ele os instruiu a como vivê-la em meio às pessoas a quem foram direcionados a alcançar.

É importante que reconheçamos *quem* Jesus direcionou os discípulos a alcançar. Ele os enviou a evangelizar (proclamando, demonstrando e vivendo a Sua boa mensagem) o *probata*, o *apololota*, “a ovelha, o perdido” de Israel. Jesus usou a mesma palavra em Lucas 19:10 para descrever a própria missão evangelística. Ele veio para salvar *apololos*, “o perdido” ou “aquele que estava perdido”.

Hoje, nós normalmente pensamos que a palavra “perdido” significa o que está perdido ou no lugar errado. A palavra grega, porém, é muito mais forte. Ela vem do verbo *apollumi*, que significa “destruir”, ou “arruinar completamente”, ou “estragar totalmente”, ou “perder completamente”. Vemos isso, por exemplo, em Mateus 10:28, 42; Marcos 1:24; 9:22; Lucas 9:25; 15:4 e João 17:12.

Embora algumas versões da Bíblia traduzam *apollumi* como “matar”, o seu significado verdadeiro é mais “uma perda de bem-estar” do que “uma perda de ser”: significa devastação e ruína, e não extinção e morte.

Apollumi eventualmente é traduzido como “perecer”, como em João 3:16. Isso significa que podemos traduzir esse versículo famoso como, “Pois Deus tanto amou o mundo que Ele deu Seu único Filho, todo aquele que crer Nele não deve estar perdido, mas ter vida eterna”.

Isso significa que “alcançar o perdido” é uma expressão totalmente bíblica; devemos reconhecer, contudo, a dura gravidade do estado de “perdição”. O perdido não se desviou alguns metros apenas; ele está totalmente perdido. Está tão perdido que está perecendo.

E a Bíblia nos diz que o estado final do perdido é uma eternidade de punição consciente no inferno. Inferno é um assunto difícil de entender e nós o analisamos mais detalhadamente no volume *Salvação pela Graça*. Porém, é no mínimo importante observar aqui que Jesus falou mais de inferno do que de céu, exatamente para advertir as pessoas a evitá-lo. Hoje, muitas pessoas acham a doutrina do inferno intragável – e temos testemunhado de muitas maneiras o desaparecimento do inferno em nossos púlpitos. Contudo, nosso dever é permanecer firme na verdade de Deus e expor com compaixão a verdade acerca do inferno para as pessoas perdidas que estão à nossa volta. Embora o perdido esteja totalmente arruinado e totalmente devastado, ele ainda existe: o Filho do Homem veio para salvá-lo do inferno e Ele nos enviou a alcançá-lo com o evangelho do Reino de Deus.

O mundo

João 3:16 é um versículo evangelístico importante. Ele contrasta vida eterna com “ruína e perdição” em vez de “morte e extinção”; ensina que Deus Pai é o grande inaugurador da salvação; mostra que o amor com graça é o motivo determinante para a Sua missão divina de resgate; estabelece que Deus não deseja que ninguém se perca e – principalmente – revela o *kosmos*, “o mundo”, como o objeto do amor de Deus e o alvo de Sua missão.

O pensamento cristão moderno acerca do evangelismo normalmente foca em homens e mulheres específicos, mas há uma dimensão inevitável de “mundo inteiro” para a Bíblia. As Escrituras começam, por exemplo, com a criação do mundo em Gênesis 1 atingindo seu clímax com a nova criação em Apocalipse 21.

Nesse entremeio, a Bíblia mostra como o pecado estraga toda a criação, como Deus ainda ama o Seu mundo, e como atua para salvá-lo. O evangelismo individualista que não contempla uma dimensão original de “mundo” e ignora a esperança escatológica da “nova criação” não é o bíblico.

O Novo Testamento usa a palavra *kosmos* 170 vezes para destacar o trabalho de Deus para com o Seu mundo. *Kosmos* aparece em todo o Novo Testamento, mas se destaca mais nos escritos de João e Paulo.

Os Evangelhos

Os autores do Evangelho usam *kosmos* de diversas maneiras diferentes para estabelecer princípios complementares. Por exemplo, “o mundo” refere-se a:

- A terra material – Mateus 24:21
- A ordem geral criada – João 1:10 e 17:5
- A ordem de existência na qual homens e mulheres nascem – Mateus 4:8; Lucas 12:30 e João 6:14
- O lugar designado para divulgar o evangelho – Mateus 13:38; 26:13 e Marcos 16:15.

O Evangelho de João foca no relacionamento de Deus com o mundo todo. Mostra, por exemplo, que:

- Deus fez o mundo – João 1:10
- Deus ama o mundo – João 3:16

- Deus age para salvar o mundo, não para condená-lo – João 3:17
- Jesus é o Salvador do mundo – João 4:42
- Jesus é a luz do mundo – João 9:5
- O Filho de Deus vem ao mundo – João 11:27.

Os Evangelhos enfatizam também que o mundo está em conflito com Deus. Eles não ensinam, todavia, que o mundo é em si mesmo inerentemente mau; em vez disso, mostram que o mundo é *dominado pelo mal*. Trata-se de uma distinção fundamental que está no centro da ideia de “perdição”.

Os autores do Evangelho enfatizam esse conflito mostrando que o mundo:

- Está em escuridão espiritual – João 1:5; 8:12 e 9:5
- É antagônico a Jesus – João 7:7 e 8:23
- É dominado pelo mal – João 12:31; 14:30; 16:11 e 1João 5:19
- Vai passar – 1João 2:17
- Ignora Deus – João 1:10 e 1João 3:1
- Odeia cristãos – 1João 3:13
- Recebe falsos profetas – 1João 4:1
- Ouve o próprio povo – 1João 4:5

Deveria estar claro que Deus não amaria o mundo se o mundo fosse inerentemente mau. Porém, é o mundo Dele, Ele o criou e Ele é motivado por Sua infinita compaixão para alcançar o perdido e resgatá-lo do domínio do mal. É por isso que em João 17:18, Jesus enviou Seus discípulos ao mundo do mesmo modo que foi enviado ao mundo. Como Ele, nós somos enviados pelo amor de Deus para alcançar o perdido com o evangelho.

As epístolas de Paulo

Em suas epístolas o apóstolo Paulo usa *kosmos* de maneira semelhante. Ele se refere ao mundo físico criado por Deus em passagens como Romanos 1:20, 25; 1Coríntios 4:9; Efésios 3:9 e Colossenses 1:15-18; e, em Colossenses 1:16, revela que o mundo inteiro foi feito para Cristo.

O princípio elementar de que Jesus é “o objetivo e o propósito

do mundo” deveria transformar o modo que pensamos acerca do mundo, e deveria nos ajudar a entender mais plenamente por que deve haver uma dimensão ambiental ou de “nova criação” para o nosso evangelismo. Embora devamos focar em conversões individuais, não devemos jamais ignorar os elementos coletivos e cósmicos do evangelho.

Igual aos Evangelhos, Paulo também se refere ao *kosmos* como:

- A ordem de homens e mulheres – 1Timóteo 6:7;
- 1Coríntios 14:10; 1Timóteo 1:15e 2Coríntios 1:12
- Em conflito com Deus – Romanos 3:6, 19; 1Coríntios 1:20; 2:12; 3:19; 6:2; 11:32 e Efésios 2:12
- Passando – 1Coríntios 7:31
- Dominado pelo (não inerentemente) mal – Efésios 2:2 e Filipenses 2:15

Diferentemente dos Evangelhos, as epístolas de Paulo remetem para a cruz, conforme mostra 2Coríntios 5:19, ou seja, Cristo agora reconciliou “o mundo” com Deus; e enfatizam, em Colossenses 2:20 e 2Coríntios 10:3, que isso deveria levar os crentes a viver de uma maneira nova e com uma postura nova.

A “criação”, “cósmica” ou dimensão “ambiental” da salvação, é esclarecida de modo especial em Romanos 8.19-24, e precisamos incorporar essa ideia difícil em nosso entendimento dos propósitos de Deus para o mundo.

Algumas pessoas parecem achar que Romanos 8 bate de frente com 2Coríntios 5, mas esses capítulos ensinam verdades complementares que precisamos manter num mesmo peso de valor. 2Coríntios 5 remete ao passado, à cruz e se regozija em o que Deus faz para homens e mulheres; enquanto Romanos 8 olha para a frente em esperança, para aquilo que Deus fará para todo o *kosmos* no dia de Apocalipse 21.

A maioria dos crentes pentecostais e evangélicos se concentra na nova criação, em Cristo, de homens e mulheres específicos. Trata-se de uma ênfase bíblica correta, mas também deveríamos olhar para a frente, para a suprema nova criação do mundo para Cristo.

Humanidade

Embora o nosso entendimento do “perdido” deva englobar todo o *kosmos*, é óbvio que a humanidade é, de longe, a parte mais importante da ordem criada.

Podemos começar a compreender a dimensão completa da “perdição” da humanidade somente ao considerarmos a humanidade perfeita de Jesus. Colocado de maneira bem simples, Ele é a revelação de Deus sobre o que cada pessoa deveria ser.

Analisamos esse aspecto em detalhe no volume *Conhecendo o Filho*, mas deveríamos reconhecer aqui que Jesus oferece o padrão pelo qual toda humanidade é avaliada. Os Evangelhos O apresentam como unicamente irrepreensível: descrevem o Seu impacto sobre outras pessoas, a Sua compaixão e preocupação com o necessitado, a Sua postura revolucionária para com as mulheres e crianças, a Sua gentileza e generosidade, a Sua abnegação e sacrifício, o Seu desapego por posses materiais, a Sua submissão e obediência, e daí por diante. Comparado a Jesus, todo homem, mulher e criança está totalmente “perdido” – está destruído, arruinado, devastado e perece.

A Bíblia sempre considera as pessoas como seres integrais que são infinitamente valorosos para Deus. Embora o Novo Testamento utilize palavras especiais para se referir a vários aspectos do ser humano, essas palavras são empregadas vagamente e com considerável sobreposição. A Bíblia não considera as pessoas como feitas de duas, três ou mais partes distintas, mas como um ser completamente integral.

As palavras principais usadas no Novo Testamento para descrever aspectos diferentes do ser humano são:

- Alma, *psyche* – que geralmente se refere à vida integral da pessoa – Romanos 11:3; 16:4 e Filipenses 2:30.
- Espírito, *pneuma* – que descreve o lado de uma pessoa que, uma vez despertada, é capaz de reagir a Deus. Antes da conversão, o espírito está “morto” para Deus, mas “vivo” para o mundo, a carne e o diabo. O espírito é “revivido” na conversão pelo Espírito Santo de modo que podemos reagir

a Deus e viver em comunhão com Ele. O espírito revivido pode estar manchado ou consagrado, porém deve ser devotado a Deus e dominado por Ele – Romanos 8:16; 1Coríntios 7:34; 16:18; 2Coríntios 2:13; 7:1 e 13.

- Carne, *sarx* – que geralmente representa uma pessoa em sua origem terrena, fraqueza natural e alienação de Deus. Está intimamente ligada ao pecado e é com frequência a causa da atividade pecaminosa – Romanos 1:3; 3:20; 7; 1Coríntios 1:29; 2Coríntios 10:3; Gálatas 1:16 e 5:16-19.

- Corpo, *soma* – que se refere à estrutura física literal de uma pessoa. Deveria ser um templo para o Espírito Santo e não ser usado para atividade imoral. Embora o corpo seja mortal, Deus pode lhe conceder vida; e é merecedor de ressurreição e redenção – Romanos 8:10-11, 23; 1Coríntios 6:13, 18-20 e Filipenses 3:21.

- Coração, *kardia* – normalmente indica todo o interior da pessoa. Pode indicar o centro da vida de uma pessoa, vontade, emoções, ou o seu centro motivacional – Salmo 9:1; 16:9; 112:7; 119:10; Provérbios 2:2; 3:5; 23:26; Romanos 10:10; 1Coríntios 4:5; 7:37; 2Coríntios 2:4; 3:3; 4:6; 7:2; Efésios 1:17-18; Gálatas 4:6 e Colossenses 3:16.

- Mente, *nous* – descreve as atividades mentais totais de uma pessoa: intelecto, pensamento e entendimento. Sua condição ou moralidade depende de ela ser dominada por Deus, cegada por Satanás ou controlada pela “carne”. Funciona adequadamente apenas quando tiver sido renovada e se conformar à mente de Deus – Romanos 1:28; 7:13-25; 12:2; 1Coríntios 2:16 e 2Coríntios 4:4-6.

- Consciência, *suneidesis* – capacita as pessoas a estarem cientes de si mesmas como seres racionais, morais; e lhes mostra o que é “certo”, independente dos próprios padrões. É a capacidade de determinar o que é certo e não envolve o exercício da vontade. Quando desobedecida de forma constante, a consciência se torna manchada e endurecida – Romanos 2:15; 9:1; 1Coríntios 8:7; 10:25; 2Coríntios 1:12 e 1Timóteo 4:2.

A humanidade e o pecado

Todo homem, mulher e criança deveriam ser como o Jesus humano. Cada ser integral – que possui uma alma, espírito, carne, corpo, coração, mente e consciência que se sobrepõem – foi feito para ser dirigido por Deus e para viver em comunhão eterna e perfeita com Ele.

Porém, ninguém é integral. Toda a humanidade está perdida ou perecendo; foi “arruinada”, “estragada”, “devastada” pelo pecado. Simplificando, o perdido está perecendo por causa do pecado. Examinamos esse aspecto mais plenamente no volume *Salvação pela Graça*, mas precisamos perceber aqui a dimensão total do pecado sobre a humanidade.

A Bíblia ensina que:

- O pecado é universal – Romanos 1–3 e 5:12
- O pecado refere-se a atitudes internas e ações externas – Romanos 1:29-31; 13:13; 1Coríntios 5:10-13; 6:9-10; 2Coríntios 12:20-21; Gálatas 5:19-21; Efésios 4:31; 5:3-5; Colossenses 3:5-8; 1Timóteo 1:9-10; 2Timóteo 3:2-3 e Tito 3:3
- Pecado é escravidão a Satanás – 1João 3:8-10
- Pecado é um mestre do escravo – Romanos 6:16-17
- Pecado é rebelião contra Deus – Lucas 15:11-32
- Pecado é alienação de Deus – João 7:7; 9:41; Romanos 5:10 e 1João 2:16
- Pecado é descrença – João 5:24 e 16:9
- Pecado é cegueira e escuridão – João 1:4-9; 8:12 e 1João 2:8-9
- Pecado é iniquidade – Romanos 6:19; 2Coríntios 6:14 e 1João 3:4
- Pecado é dívida – Mateus 6:12 e Colossenses 2:14
- Pecado é falsidade – Romanos 1:18, 25; Efésios 4:25; 2Tessalonicenses 2:11-12 e 1Timóteo 6:5
- Pecado é desvio – Romanos 2:23
- Pecado é desobediência – João 3:36; Romanos 11:30 e Efésios 2:2
- O pecado merece condenação da parte de Deus – Mateus 12:36; Lucas 12:47-48 e Mateus 11:20-24
- Pecado leva à morte – Romanos 6:21-23 e 7:13

A Bíblia deixa claro que ninguém – exceto Jesus – é como deveria ser: estão todos “perdidos” ou “perecendo”. Partes diferentes das Escrituras descrevem isso de maneira levemente distinta, mas o panorama geral é claro.

A humanidade se rebelou contra Deus; desobedeceu às Suas leis; permitiu-se entrar em servidão ao pecado do qual não consegue escapar por esforços próprios. Como resultado, a humanidade está cega quanto ao próprio potencial e ignorante acerca de Deus. Isso se expressa pela recusa da humanidade de crer em Cristo – que é o único que pode resgatá-la do pecado, reconciliá-la com Deus e restaurá-la ao seu estado justo.

A Bíblia também deixa claro que o pecado humano merece punição divina. Analisamos esse aspecto mais plenamente no volume *Salvação pela Graça*, mas devemos compreender aqui que a condenação do pecado por um Deus justo é um pressuposto básico da salvação. Não podemos entender plenamente a missão evangelística de Jesus sem entender essa verdade importante.

De fato, todas as facetas do pecado que percebemos são básicas para a missão do evangelho de Cristo. Por exemplo, se pecado é escravidão, Jesus traz libertação; se é falsidade, Ele traz verdade; se é dívida, Ele traz perdão; se é alienação, Ele traz reconciliação; se é desobediência, Ele mostra o caminho da obediência; se é desvio, Ele indica o exemplo de retidão; se merece condenação, Ele suportou a punição e assim por diante.

Conhecendo o perdido

Se quisermos alcançar o perdido com o evangelho, precisamos conhecer não apenas a sua verdadeira condição espiritual, mas também ele próprio e as suas preocupações. E se quisermos que o *ptochoi* seja o foco de nossa missão evangelística, precisamos conhecer as suas aflições e dores específicas.

Vimos que Jesus foi ungido com o Espírito para evangelizar os que são afligidos pelo pecado, por Satanás e pela sociedade. O pecado fere pessoas e as consequências do pecado incluem dor emocional, relacionamentos quebrados e vidas feridas. Todas as

peças são afligidas pelo pecado – elas são cegas, oprimidas e mantidas cativas por ele.

O mesmo ocorre com relação a Satanás. Como observamos na série *Espada do Espírito*, volume *Ministério no Espírito*, ele é o enganador e destruidor da humanidade; ele é um difamador maligno e um governante tirano. Todas as pessoas são mantidas cativas por Satanás como “prisioneiras de guerra” e ele se alimenta do medo e do sofrimento dessas pessoas.

Porém, também devemos reconhecer que a sociedade infringe um profundo sofrimento. As pessoas são afligidas financeira, política e emocionalmente por causa do jeito que a sociedade funciona. Ela oprime e isola as pessoas; ela as cega para a justiça e verdade; ela desvaloriza e despersonaliza as pessoas. A sociedade lhes quebra o coração, rouba-lhes a esperança, arranca-lhes a humanidade e as mantém cativas aos seus falsos valores.

Quando pensamos nas pessoas e na sociedade moderna, podemos observar que estão afligidas, por exemplo por:

- Medo de violência e crime
- Saúde e preocupações com emprego
- Ruptura familiar
- Materialismo
- Dívida
- Isolamento social, insignificância
- Solidão, Superstições
- Autopiedade, ódio de si mesmas
- Culpa, ideias imorais e amorais

Alguns desses não são novos, pois as pessoas comuns da época de Jesus eram afligidas por sua sociedade – por seus conquistadores romanos, pelas autoridades religiosas judaicas, tributação dupla e corrupta, doença e escassez de alimentos, um senso de impotência e insignificância e todas as pressões de suas vidas breves.

Os Evangelhos mostram que Jesus as conhecia e conhecia as suas dores. Ele vivia entre os *ptochoi* e compartilhava as suas aflições porque os amava com o amor infinito de Deus. Ele

desprezava a falta que as pessoas tinham de status e educação, valorizava o verdadeiro valor eterno delas e contrariava as convenções sociais de Seus dias tratando-as como iguais à elite dos educados e poderosos.

É óbvio que as palavras de Lucas 4:18 têm uma aplicação espiritual: Jesus veio para o espiritualmente perdido, espiritualmente aprisionado, espiritualmente cego, o espiritualmente pobre e assim por diante.

Porém, os Evangelhos sugerem que Jesus também usou essas palavras no sentido literal, pois os líderes religiosos de Sua época eram continuamente afrontados pelo modo que Jesus recebia, se misturava e ajudava os mendigos, leprosos, coletores de impostos, mulheres com “certas reputações”, pecadores impuros, doente terminal, e assim por diante.

Isso implica que deveríamos estar tão focados quanto Jesus em alcançar o perdido que habita às margens da vida moderna – bem como os perdidos mais prósperos e homens e mulheres comuns de fora da igreja. E, como Jesus, a nossa ação não deveria ser de menosprezo, mas sim o afeto legítimo de Deus.

Se compartilhamos a unção de Cristo, certamente também compartilhamos o propósito dessa unção. Ele nos envia para valer ao *kosmos*, para alcançar com a Sua compaixão todos os que estão aflitos e sofrendo – e isso inclui o jovem alienado, o idoso isolado, o sem-teto, o desempregado, grupos imigrantes, minoridades étnicas, bem como o pobre humilde.

Parte Três

Motivos para o Evangelismo

Evangelismo não é fácil. Muitos crentes querem alcançar o perdido com as boas-novas de Jesus, mas desistem ao sentirem desânimo. E muitas igrejas não persistiram em sua tarefa fundamental de evangelismo porque sofreram uma frustração real.

Embora haja um vasto número de cursos e conferências sobre o assunto, além de toda espécie de esquemas e estratégias, muitos crentes não buscam ativamente alcançar o perdido com o evangelho – e, portanto, uma maioria esmagadora de perdidos não está sendo alcançada.

O problema é simples. É motivação. É mais fácil elaborar uma estratégia do que motivar um discípulo frustrado, e mais simples programar uma conferência do que animar um cristão desmotivado.

Desencorajamento

Nem mesmo Jesus era imune ao desencorajamento e frustração. João 6 relata como multidões imensas vieram ouvi-Lo: as pessoas eram atraídas pelos milagres maravilhosos que tinham testemunhado e Jesus as ensinou que Ele era o verdadeiro pão da vida e que elas precisavam comer a Sua carne para ter uma vida verdadeira.

Jesus fazia afirmações abalizadas, atrativas – contudo as pessoas “murmuravam contra Ele”. Os versículos 41, 52, 60-61 e 66 descrevem como Jesus era mal-entendido, mal interpretado e rejeitado. Até mesmo alguns de seus discípulos viraram as costas para Ele e se foram. É praticamente possível sentir a frustração aguda de Jesus no versículo 67.

O mesmo ocorreu com o apóstolo Paulo. Em 2Coríntios 4, ele descreve as pressões que enfrentou para parar de evangelizar. Ele afirma duas vezes que recusou perder a confiança – o que parece sugerir que isso era uma tentação que ele conhecia muito bem.

Cegueira

2Coríntios 4.2-6 descreve a cegueira espiritual das pessoas que Paulo estava querendo alcançar. Elas não estavam interessadas nas boas-novas que ele trouxera nem podiam perceber a relevância do evangelho que ele estava proclamando.

O versículo se refere ao *apollumenois* – ao “perdido” ou ao “que perece” – e mostra que as suas mentes foram cegadas para o evangelho. Isso explica por que o evangelismo é tão duro: a cegueira é a principal razão da indiferença do perdido – e, portanto, de nosso desânimo.

No versículo 6, Paulo explica como ele continuou evangelizando diante dessa apatia desanimadora. Ele sabia que Deus podia fazer a luz brilhar da escuridão. Ele sabia que outrora fora cego e que Deus brilhara a luz de Jesus em seu coração. Paulo sabia que Deus podia fazer a qualquer pessoa o que fizera para ele; então se recusou a perder a confiança.

Fadiga

Em 2Coríntios 4:7-15, Paulo descreve a exaustão física e mental que também o tentou a perder a confiança – e acrescenta mais alguma coisa acerca disso nos versículos 22 a 33 do capítulo 11.

Ele sabia o que significava estar aflito, perplexo, perseguido, acabado e constantemente enfrentando a morte: era tudo intensamente desgastante. Paulo sabia que o cansaço desanimador e

a dor cessariam se ele parasse de evangelizar. Porém, se recusou a perder a confiança.

Em 2Coríntios 4:16-18, Paulo explica como conseguia continuar evangelizando quando estava mental e fisicamente exausto. Ele sabia que a sua condição física presente o estava preparando para um “peso eterno de glória muito mais excelente”.

Paulo tinha uma perspectiva eterna e espiritual. Ele sabia que o seu cansaço era simplesmente uma condição temporária e o que o aguardava no céu superava infinitamente o desconforto temporário de suas dificuldades presentes. E ele sabia que, embora o seu corpo físico estivesse perecendo devagar, o seu homem espiritual interior estava sendo renovado a cada dia – e isso era muito mais importante.

Em 2Coríntios 5:9-21, Paulo avança descrevendo cinco fatores que motivaram o seu evangelismo. Visto que tais fatores foram definidos contra esse cenário de frustração e desânimo de 2Coríntios 4, podemos ter certeza de que os fatores não são apenas teorias: eles são os motivos práticos que induziram Paulo a vencer o seu desânimo e frustração e continuar a alcançar o ferido com as boas-novas acerca de Jesus.

O julgamento de Cristo

2Coríntios 5:10-11 mostra que “o terror do Senhor”, a verdade do julgamento de Cristo, foi um motivo elementar para a atividade evangelística de Paulo. Ele sabia que ia aparecer diante do trono de Cristo para ser julgado – isto é enfatizado em 1Coríntios 3:5-15.

Nosso julgamento

Muitas parábolas de Jesus ensinam que teremos de prestar contas dos dons e oportunidades que Deus nos deu. Teremos de explicar a Cristo como usamos o nosso tempo, dinheiro, dons e energia no serviço do evangelho.

É possível que consigamos enganar a outros e justificar a nossa inatividade para nós mesmos, mas 1Coríntios 4:1-5 mostra que Cristo exporá os propósitos secretos do nosso coração. Quan-

do tivermos um conceito real do Dia do Juízo e das recompensas que fluirão ao fiel – e a respectiva perda e frustração que fluirá ao infiel – nós faremos tudo que pudermos para alcançar o perdido com o evangelho. Vemos isto em 1Coríntios 3:15.

O julgamento deles

Os próprios perdidos serão julgados por Cristo naquele grande e terrível dia. Seus olhos cegos serão abertos e eles verão a si mesmos como são de fato.

Muitos dos perdidos parecem pessoas boas e decentes; eles se preocupam com os outros, trabalham duro por uma sociedade mais justa, levam uma vida contente e de paz – e sua perdição espiritual não fica evidente de imediato. Porém, Cristo dividirá as pessoas em apenas duas categorias quando julgar o mundo – as ovelhas e os bodes, os retos e os ímpios, os salvos e os perdidos, e daí por diante.

Jesus dá o ensinamento bíblico mais claro, mais forte e mais detalhado acerca do juízo final. Ele anuncia as boas-novas de salvação e adverte o perdido acerca do julgamento e o chama ao arrependimento. Isso significa que a nossa consciência do juízo, o nosso entendimento do céu e inferno, deveriam nos impelir a alcançar o perdido com compaixão, com admoestações santas e perdão evangélico.

Devemos nos lembrar de que os apuros do perdido no inferno são reais. Alguns líderes tentam explicar o inferno numa tentativa de torná-lo mais tragável. Eles alegam que o inferno tem a ver com aniquilação – que o fim supremo do perdido é a extinção. Outros sugerem que no final todos serão salvos do inferno – um universalismo de tipos. Porém, Jesus, que forneceu o ensinamento bíblico mais claro acerca do inferno, ensinou que o perdido é consciente após a morte – por exemplo, Mateus 13:40-42 – e que o inferno é um lugar de fogo e punição eternos – por exemplo, Mateus 25:46.

Quando entendermos um pouco do bom e saudável “terror do Senhor” que Paulo escreveu, seremos influenciados de duas maneiras positivas:

Seremos exigentes em nosso evangelismo – usaremos todos os meios e oportunidade para anunciar a mensagem porque queremos ouvir um “muito bem” e desviar as pessoas da rota de destruição.

Viveremos de modo coerente com a nossa mensagem – 2Coríntios 4:2; 5:11; 6:3 e 1 Tessalonicenses 1:5 revelam a confiança de Paulo em sua integridade pessoal.

Quanto mais contemplarmos o juízo de Cristo, tanto mais viveremos alinhados com o evangelho.

Por toda a História, a compreensão clara do juízo de Cristo tem sido uma das maiores forças motivadoras da igreja para o evangelismo. Claro que isso pode se corromper em um tipo de pregação sobre “fogo do inferno”, a qual falha em compaixão e inexistente no Novo Testamento; mas as congregações que ignoram a verdade do juízo de Cristo geralmente falham na prioridade evangelística.

O amor de Cristo

2Coríntios 5.14 revela que “o amor de Cristo” foi outro motivo poderoso que levou Paulo a continuar evangelizando – mesmo ao enfrentar frustrações e desânimos, apatia e exaustão.

Nesse versículo, Paulo usa o verbo grego *sunecho*, que normalmente é traduzido como “constranger” ou “controlar”. Significa ser “pressionado” ou “agarrado”, e é usado para descrever ser “controlado” por uma doença, “agarrado” por uma pessoa, “preso” pelo medo, e “pressionar” os dedos contra as orelhas – por exemplo, Mateus 4:24; Lucas 4:38; 8:37, 45; 12:50; 19:43; 22:63; Atos 7:57 e 28:8.

Algumas traduções sugerem que Jesus estava “angustiado” em Lucas 12:50, mas a palavra é *sunecho*. Isso significa que Jesus estava preso por uma poderosa força motivadora que O estava impelindo à cruz. O mesmo ocorre em 2Coríntios 5:14. Paulo estava “pressionado”, “preso” ou “controlado” pelo amor de Deus. Essa foi a força santa que o motivou a vencer os seus desânimos pessoais e continuar evangelizando.

Em 2Coríntios 5:14, Paulo escreve a respeito do amor de Deus no contexto do *Calvário*. O versículo 15 revela que a cruz

significava que Paulo não podia mais viver para si mesmo. Ele fora comprado por um preço e, portanto, tinha de viver em prol do Filho que tanto o amara.

Em Romanos 5:5, Paulo escreve acerca do amor de Deus no contexto do *Pentecostes*. E sempre que o Novo Testamento descreve discípulos sendo cheios com o Espírito, revela que o evangelismo vem logo a seguir – observamos isso, por exemplo, em Atos 2:4-11; 4:31-34 e 9:17-22.

Podemos dizer que o amor de Deus foi revelado aos discípulos no Calvário e foi derramado sobre eles em Pentecostes, e que foi esse amor divino apaixonado que os motivou a evangelizar.

São muitos os crentes modernos que evangelizam a partir de um senso de dever em vez de uma vida vinculada ao amor de Deus e por ele movida. 1 Tessalonicenses 2:8 mostra que somos chamados não apenas para “lhes dar o evangelho”, nós somos chamados também a lhes dar as nossas vidas.

Se não estivermos cheios com o amor de Deus, é improvável que sejamos motivados a evangelizar, pois a pobreza de nossas vidas espirituais significará que temos pouco a dizer. Porém, uma experiência nova com o amor de Deus logo nos “constrangerá” a começar a divulgar as boas-novas acerca de Jesus.

O poder de Cristo

2 Coríntios 5:17 aponta claramente para o grande poder de Cristo. Traduzido literalmente, parece manchete de um jornal, “Se alguém está em Cristo – nova criatura”. Essa é a motivação maravilhosa do evangelho.

Esse conceito de nova criação é parte importante da nossa mensagem evangelística. Com frequência, pensamos em Cristianismo como uma fuga deste mundo vil – e então em vez de nos envolvermos com o nosso mundo detonado e buscar ser agente da nova criação no poder de Cristo, nós, na realidade, retiramos-nos dele. O céu é, obviamente, uma promessa bem real, mas essa mentalidade escapista está totalmente alheia às Escrituras. O cristianismo tem a ver com a renovação da criação também – não se trata puramente de esperança para uma era futura.

E a verdade maravilhosa é que a nova criação já começou com a ressurreição de Jesus. Ao ressurgir dos mortos, Jesus derrotou os grandes inimigos do pecado e da morte que havia corrompido a criação original de Deus. Isso quer dizer que a nova criação não se refere simplesmente a uma futura alvorada de um novo céu e uma nova terra – refere-se ao “agora” também. Essa é a boa-nova do evangelho e deve integrar a nossa demonstração e proclamação, na medida em que convidamos pessoas para compartilhar a nova criação – no poder de Cristo – aqui e agora.

O poder de Cristo é a única força no *kosmos* que pode mudar a natureza humana. Jesus tem muito a dizer acerca de nosso comportamento e atitudes, mas Ele sempre começa nos oferecendo um novo coração e um novo espírito.

Tão logo entendemos o grande poder de Cristo, a nossa atitude em relação às pessoas é transformada. Vemos isso em 2Coríntios 5:16. Em vez de enxergar as pessoas como elas são, nós vemos o potencial delas em Cristo. Essa foi a visão que Ananias teve em Atos 9:17, quando cumprimentou o homem que viera a Damasco para prendê-lo como, “Irmão Saulo”.

Paulo aprendeu por experiência pessoal que um oponente fanático dos seguidores de Cristo tornara-se uma nova criação. Ele sabia, portanto, que Deus poderia fazer isso a “qualquer um” – e isso motivou a sua missão.

Embora fosse um grande argumentador, Paulo sabia que as pessoas tinham de estar “em Cristo” para ser uma nova criação. O evangelismo não consiste em convencer as pessoas de que você está certo, consiste em apresentá-las a Jesus.

Isso não significa que não responderemos às perguntas das pessoas e que não trataremos as questões profundas que as incomodam. Em vez disso, significa que nós reconhecemos que, *por si só*, as palavras e argumentos não bastam. Observamos isso em 1Coríntios 2:4-5.

Semelhante a Paulo, com frequência, nós precisamos persuadir as pessoas respondendo às suas objeções e demonstrando a razoabilidade de nossa fé. Porém, a nossa principal preocupa-

ção sempre deve ser de levar pessoas a Cristo, e não de vencer um argumento ou ganhar ponto em um debate.

Quando o evangelismo se torna difícil e estamos frente a pessoas difíceis que se opõem ao evangelho, o conhecimento de que nada é tão difícil para Deus nos fará seguir em frente.

E quando soubermos com certeza de que absolutamente qualquer pessoa pode ser transformada pelo poder de Cristo, seremos motivados a continuar alcançando o “mais perdido” dos perdidos, sem perder a confiança.

O ministério de Cristo

2Coríntios 5:18 revela outro motivo importante para se alcançar o perdido. Foi-nos dado o ministério de reconciliação de Cristo.

Um dos grandes temas que transcorrem na série *Espada do Espírito* é a verdade de 2Coríntios 6:1 de que nós não possuímos ministério próprio, nós temos participação no ministério de Cristo. Focamos nesse princípio nos volumes *Glória na Igreja e Ministério no Espírito*.

Se tivéssemos o próprio ministério de evangelismo, caberia a nós decidirmos quanto tempo e energia deveríamos dedicar-lhe. Porém, já que é ministério de Cristo, devemos seguir o Seu exemplo e obedecê-lo em tudo.

2Coríntios 5:18 afirma que a nós foi confiada uma participação no ministério de *reconciliação* que pertence a Cristo. Quando evangélicos e pentecostais pensam na cruz, eles com frequência destacam a *redenção*, *justificação* e *perdão*. Trata-se de aspectos bíblicos importantes da obra salvadora de Cristo na cruz, porém o seu propósito comum é *reconciliação*.

Fomos “redimidos” com um preço para que pudéssemos ser reconciliados; Deus nos declarou “justificados” por causa da morte de Cristo de forma que pudéssemos ser reconciliados com Ele; Ele nos “perdoou” com base no sangue de Cristo, para que pudéssemos ser reconciliados com Ele; e assim por diante. Como vemos no volume *Salvação pela Graça*, a reconciliação não é apenas outro jeito de olhar a morte de Cristo, é o grande propósito por trás de cada maneira de olhar para a Sua morte.

Já deve estar claro que as ideias de “reconciliação” e “perdição” andam juntas. A grande necessidade do perdido é ser encontrado – ser trazido de volta para onde ele deveria estar, ser restaurado ao relacionamento para o qual foi criado e assim por diante. É por isso que todas as parábolas de Jesus acerca da cruz focam a perdição e a reconciliação.

A essência da reconciliação é trazer de volta duas partes que se desconhecem. Porém, antes que isso possa acontecer, a causa do estranhamento deve ser tratada. Como mediador, Jesus aproximou a humanidade de Deus ao levar sobre Si a causa da separação – o pecado.

No volume *Conhecendo o Pai*, nós afirmamos que Jesus foi um “mediador inclusivo” e não um “mediador exclusivo”. Ele foi por nós onde nós não poderíamos ir, de maneira que pudéssemos segui-Lo e fazer o que não poderíamos fazer. E, tendo realizado essa reconciliação do *kosmos* em Cristo, Deus agora nos confiou esse ministério gracioso da reconciliação.

Reconciliação

O ministério da reconciliação de Cristo é central para o evangelismo. Nós anunciamos, demonstramos e vivemos as boas-novas de modo que homens e mulheres serão reconciliados com Deus por meio de Cristo.

Jesus era tanto o exemplo perfeito de reconciliação como o supremo reconciliador. Por ser ambos, plenamente Deus e plenamente humano, Jesus encarnou a reconciliação. E porque vivia numa comunhão íntima com Deus e com as pessoas, Ele pôde efetuar a reconciliação. Isso quer dizer que devemos ser tanto íntimos de Deus *como* íntimos de pessoas para ministrar a reconciliação efetivamente.

O evangelismo falha quando não somos íntimos de Deus. Sem oração, dependência total do Espírito e conhecimento da vontade e da Palavra de Deus, nós recorreremos a estratégias e tradições humanas. O evangelismo sem vida, sem amor e legalista não leva o perdido a Deus – leva-o para mais longe ainda. No entanto, o evangelismo que flui de um relacionamento vivo

e amoroso com Deus atrai o perdido a Ele. Palavras inteligentes jamais são um substituto para a compaixão sincera. Devemos demonstrar a realidade da nova criação com as nossas vidas.

Porém, o evangelismo também falha quando não estamos próximos das pessoas. Jesus nos enviou ao mundo para sermos o seu sal. Contudo, muitos crentes estão tão envoltos em atividades da igreja que praticamente não têm contato com o mundo. Como resultado, o seu evangelismo pode parecer artificial e forçado, em vez de o resultado natural de amizade genuína.

O evangelismo verdadeiro tem a ver com ser as boas-novas e não apenas falar das boas-novas. Foi isso que Jesus quis dizer em Mateus 5.16 quando disse: “Deixe a sua luz brilhar”. Evangelismo tem a ver com influenciar o nosso mundo para Deus, tanto pelo testemunho ativo como sendo sal e luz na sociedade. Isso significa que os cristãos devem se engajar positivamente com a sociedade, buscar influenciá-la para o Reino enquanto também se preparam para as boas-novas desse Reino.

A morte de Cristo

2Coríntios 5:18-21 mostra que a própria cruz é a razão última e decisiva para o evangelismo bíblico; Hebreus 12:3 enfatiza esse conceito.

No versículo 21, é como se Paulo estivesse procurando resumir todas as razões que permitiram que ele vencesse o desânimo e a frustração. Paulo percebeu que o Jesus sem pecado tornara-se pecado por ele, Paulo, de modo que ele pudesse se tornar a justiça de Deus em Cristo – e foi a maravilha dessa percepção que o levou a alcançar o perdido com essas boas-novas.

Às vezes, nos tornamos complacentes com relação ao Calvário. As palavras e ideias são tão familiares que não compreendemos a enormidade do sacrifício divino. O versículo 21 revela que Paulo foi motivado a evangelizar por seu conhecimento claro de que, no Calvário, Deus derramara toda a sujeira e dor do pecado humano sobre o Jesus perfeito – até o terrível ponto de Cristo realmente ter se tornado pecado.

Paulo escreve a respeito de reconciliação em Colossenses 1:19-22, e enfatiza que Deus fez as pazes conosco por meio do

sangue da cruz. Isso prova que o evangelismo não foi fácil para Jesus, pois o ministério da reconciliação custou-Lhe literalmente a vida. A fim de reconciliar o mundo, Jesus teve de apropriar-se do pecado humano e experimentar sozinho a “perdição” humana.

Este, então, é o ministério que somos chamados a compartilhar com Cristo como obreiros participantes. Envolve sacrifício; abrange a santidade de Deus e a imundície do mundo e as aproxima em Cristo. Essa é a maneira maravilhosa que Deus escolheu para Se revelar a este mundo, e nós temos uma participação vital nela. Como Paulo, não podemos desanimar.

Parte Quatro

A Mensagem do Evangelismo

Nós vimos que a proclamação da mensagem do rei pelo arauto é um aspecto importantíssimo do evangelismo bíblico. Podemos não alcançar o perdido apenas pregando ou testemunhando a ele, logo, uma proclamação verbal das boas-novas deve ser acompanhada de uma demonstração visual do evangelho em sinais, maravilhas e um viver conforme Cristo.

A mensagem de Deus

Na Parte Um nós observamos que o evangelho é tanto as boas-novas *do* Deus trino como as boas-novas *a respeito do* Deus trino. É a *sua mensagem*; são as boas-novas do rei.

Nos volumes *Fé Viva* e *Ouvindo Deus*, nós afirmamos que cada palavra – cada revelação – de Deus é, em essência, uma autorrevelação. Vemos isso na palavra hebraica *dabar*, mas observamos mais claramente em Jesus – que é a Palavra Pessoal de Deus. Isso ressalta o fato de que o evangelho é essencialmente uma autorrevelação da natureza divina de graça – é a Sua boa-nova acerca de si mesmo.

O apóstolo Paulo enfatiza esse aspecto em 1Coríntios 2:1 – ele não trouxe sabedoria humana; em vez disso, trouxe o testemunho de Deus. Vimos que Paulo considerou a si mesmo como

um arauto, e isso significava que ele entregava a mensagem de seu mestre sem adicionar, alterar ou omitir nada.

O mesmo se deu com Jesus. João 12:49-50 revela como Jesus limitou-se a falar o que o Pai O havia mandado dizer. O evangelho que Ele proclamou foi o evangelho que o Pai Lhe dera para proclamar: Jesus não alterou, nem omitiu nem acrescentou nada.

É quase impossível exagerar na ênfase dessa verdade. A mensagem que proclamamos não é nossa para que ajustemos segundo a nossa imaginação: é a mensagem pessoal de Deus ao perdido e deve ser transmitida como tal. Embora, do mesmo modo que Jesus com a mulher samaritana, nós precisemos explicar a mensagem em termos relevantes que comuniquem com o perdido, não podemos alterar o cerne do evangelho, a fim de torná-lo mais “aceitável”.

Deus como Criador

Em Gênesis, a Bíblia introduz Deus como Criador, e no Antigo e Novo Testamentos Ele é revelado continuamente como o único Criador do céu e da terra e de todas as coisas na terra.

Vemos isso, por exemplo, em Gênesis 1:1; Deuteronômio 4:32; Salmos 89:12; 148:5; Eclesiastes 12:1; Isaías 40:28; 42:5; 43:15; 45:8; 65:17; Ezequiel 28:13-15; Amós 4:13; Malaquias 2:10; Marcos 13:19; Efésios 3:9; Colossenses 1:16; 1Timóteo 4:3; 1Pedro 4:19 e Apocalipse 4:11.

Durante todo o século 20, muitos cristãos e igrejas não revelaram Deus como Criador porque pensavam se tratar de uma verdade inaceitável em uma era científica. Podemos dizer, contudo, que a autoridade paternal singular de Deus sobre a Sua criação exclusiva e que o senhorio inquestionável de Jesus sobre o universo fundamentam-se no fato de que a criação foi feita por Ele e para Ele. Se ignorarmos a base, a nossa conclusão sempre parecerá absurda.

Toda vez que os cristãos escolherem não anunciar as boas-novas da criação de Deus, é provável que incorram em dois erros sérios.

- Eles negligenciam o lado *kosmos* do evangelho e superavalorizam a esperança da “nova criação”.

- Eles evangelizam de um modo que sugere que os homens e mulheres são vitais para o universo.

No evangelismo, se não proclamarmos Deus como Criador e Senhor, estaremos praticamente fadados a focar as necessidades humanas em vez de a exigência divina de se dobrar diante de Jesus. Devemos nos lembrar de que o centro do evangelho não é a boa-nova centrada no ser humano que diz que “Jesus atenderá as suas necessidades”, e não é ajudar as pessoas a decidir se Jesus é real. Deus não está em nosso banco dos réus. Nós é que estamos no Seu.

Devemos nos lembrar de que o evangelho de Jesus refere-se à boa-nova de que o Reino, o governo pessoal de Deus, chegou. O justo juiz ordena agora que encerremos a nossa rebelião, aceitemos a reconciliação que Ele preparou e reconheçamos o Seu governo em todas as áreas de nossas vidas. Deus pode fazer tais reivindicações, porque Ele nos criou – nós pertencemos a Ele. O evangelismo centrado no ser humano tem uma visão curta, não é bíblico e certamente falhará.

Quando aceitamos que Deus é Criador, (e, portanto, Senhor), começamos a perceber que cada aspecto da vida importa para Ele. Se Ele é Criador, está inevitavelmente preocupado com o todo de Sua criação – com todo o Seu *kosmos*. Ele está preocupado com as condições de trabalho, comércio justo, poluição, condição das cidades, abismo entre o pobre e o rico, justiça, guerra, ruptura familiar, comércio de armas, aborto, eutanásia, experiência genética, dívida internacional, aquecimento global e daí por diante. A mensagem do evangelho tem ramificações para todos os aspectos da vida – social, econômico, político e cultural.

Quer percebamos quer não, todos têm de lidar com cinco conjuntos de problemas:

- Problemas pessoais
- Problemas familiares
- Problemas com a comunidade
- Problemas nacionais
- Problemas mundiais

Todos esses conjuntos de problemas interagem uns com os

outros, mas Deus, o Criador, está preocupado com todos os cinco, e atuou com salvação para resolver todos os cinco e para reconciliar todo o Seu mundo com Ele mesmo.

Com muita frequência, crentes modernos pregam sobre um evangelho que sugere que Deus está preocupado somente com problemas pessoais, e que Deus não tem nenhuma mensagem – além das “boas-novas” do evangelho – acerca dos problemas globais, nacionais e da comunidade. Porém, Deus é o Criador e esse aspecto de Sua autorrevelação deve ser parte de nossa proclamação evangelística.

Deus como Redentor

Os dois testamentos bíblicos também apresentam Deus como *Redentor* de uma forma coerente. Vemos isso, por exemplo, em Deuteronômio 15:15; 21:8; 24:18; 2Samuel 7:23; 1Crônicas 17:21; Neemias 1:10; Jó 19:25; Salmos 19:14; 31:5; 49:15; 72:14; 74:2; 77:15; 78:35; 103:4; Provérbios 23:11; Isaías 43:14; 44:22-24; 47:4; 52:9; 63:16; Jeremias 15:21; 50:34; Lamentações 3:58; Miqueias 4:10; Zacarias 10:8; Lucas 1:68; Gálatas 3:13; 4:5 e Apocalipse 5:9.

Hoje, muitos crentes em seu evangelismo proclamam Deus exclusivamente como Redentor. Porém, o evangelismo bíblico sempre proclama uma revelação dupla-face de Deus como Criador e Redentor. Vemos isso particularmente em Atos 17:22-34. De fato, essencialmente por ser o Criador é que Deus age como Redentor para reconciliar o Seu mundo – ou seja, para tornar novamente apropriado o mundo que Ele criou originalmente bom.

No Antigo Testamento, “redimir” significa liberar ou libertar alguém de pagar uma dívida ou vingar um erro. Naqueles dias, somente um *parente próximo* poderia redimir outra pessoa; então em Rute 4:1-11, Boáz redimiu a sua parenta Rute comprando de volta a terra e a propriedade de Elimeleque. Deus, portanto, foi reconhecido como Redentor de Israel porque agiu para libertar os *Seus filhos* de sua escravidão coletiva a outras nações. É por isso que Isaías 63:16 descreve Deus como o “nosso Pai, ou Redentor”.

No Novo Testamento, Paulo tomou emprestada a ideia de “redenção” da vida contemporânea. Naqueles dias, “redenção” referia-se ao preço que era pago para libertar um escravo da escravidão e para resgatar um prisioneiro de guerra, e empregava-se na igreja primitiva como uma figura da obra de Cristo na libertação de crentes do cativeiro do pecado e da escravidão da Lei.

A cruz de Jesus Cristo é fundamental para a revelação bíblica de Deus como Redentor, pois foi ali, pelo Seu sangue derramado, que Cristo realizou tanto a salvação individual como a reconciliação com o *kosmos*. Passagens como 1Coríntios 1:18-23 e 15:1-14 mostram que “Cristo crucificado e Cristo ressurreto” estão no centro das boas-novas.

Uma mensagem bíblica

Em cada época, em cada continente, em todas as tradições, a cruz tem sido continuamente reconhecida como o símbolo universal da fé cristã. Resumindo, a cruz é fundamental para toda a Bíblia e para toda a mensagem do evangelho.

A cruz no Antigo Testamento

Desde Gênesis 3:15, o Antigo Testamento prepara o caminho para a cruz. História após história, salmo após salmo, profecia após profecia, apontam em direção à cruz.

Por exemplo, a história de Abraão e Isaque no monte Moriá em Gênesis 22, descreve a confiança total do filho em seu pai e sua submissão, pronta, porém, cara, a tudo que Abraão dizia e fazia. A frase em 22:6, “e caminhando os dois juntos” prefigura a confiança total de Jesus em Seu Pai, e a Sua submissão perfeita – até mesmo à morte em uma cruz.

A história de José e seus irmãos prefigura muitos aspectos da morte e ressurreição de Jesus. José faz afirmações verdadeiras acerca de si mesmo que provocam ciúme e ódio. Ele é amado de maneira especial por seu pai; ele é rejeitado por seus irmãos, mas Deus o eleva a uma posição exaltada; ele junta uma vasta quantidade de grãos de modo que pode alimentar todos os que

vêm a ele quando os seus recursos humanos se esgotam e assim por diante. Tudo isso aponta para a rejeição de Jesus e para a Sua capacidade e vontade – por meio de morte e ressurreição – para dar vida e satisfação a todos os que são humildes o bastante para vir até Ele para sustento.

A história de Israel referente à libertação da escravidão no Egito prefigura um aspecto diferente da cruz. Quando, depois de muitas pragas de advertência, Faraó ainda se recusou a libertar o povo de Deus, este disse a Moisés e a Arão que cada casa israelita deveria sacrificar um cordeiro ou cabrito perfeito e aspergir um pouco do sangue sobre os umbrais das portas de suas casas. Naquela noite, Deus matou o primogênito de cada família e animal no Egito – mas “passou por cima” das famílias cujas casas estavam marcadas com sangue.

Hoje, o juízo de Deus e a justa sentença de morte pendem sobre cada família do mundo, mas o cordeiro perfeito foi sacrificado no Calvário e os que confiam em Seu sangue serão poupados quando o grande e terrível dia do juízo finalmente chegar.

A história heroica de Davi e Golias em 1Samuel 17 revela um aspecto extra da cruz. Outro inimigo, mais mortal que Golias e no comando de um exército mais poderoso e numeroso que os filisteus, ameaçava o povo de Deus. Outro descendente disfarçado e desconhecido de Jessé – Jesus de Belém – alcançou uma vitória final e cabal sobre o adversário e as suas hostes, destruindo completamente o seu poder para aqueles que creem.

E, assim como Davi voltou triunfante a Jerusalém após a batalha, deixando os israelitas enfatizarem a vitória sobre os filisteus, assim Jesus retornou ao céu, deixando os Seus seguidores enfatizar, pela fé, a Sua vitória sobre o inimigo derrotado.

Passagens bem conhecidas do Antigo Testamento como Salmos 22 e Isaías 53 apontam para os sofrimentos de Jesus com uma precisão incrível, mas a sombra da cruz recai sobre todos os 39 livros, e cada aspecto das boas-novas pode ser visto adiantadamente.

De fato, a cruz é tão comum no Antigo Testamento que Jesus admoestou Cléopas e seu companheiro em Lucas 24:13-27,

porque eles não entenderam o que os profetas escreveram. Jesus então os conduziu pelas passagens do Antigo Testamento para lhes mostrar como fora revelado que o Messias passaria pela cruz e entraria na glória.

A cruz no Novo Testamento

A cruz domina o Novo Testamento. Por exemplo, mais de um terço dos Evangelhos discutem os sofrimentos de Cristo; o primeiro comentário de João Batista a respeito de Jesus aponta para a Sua morte; Moisés e Elias falaram da morte iminente de Jesus na transfiguração; e assim que os discípulos O reconheceram como o Filho de Deus, Jesus lhes ensinou acerca de Sua morte iminente e ressurreição. Vemos esse aspecto em João 1:29; Lucas 9:30-31 e Mateus 16:21-23.

Em suas epístolas, Paulo continua retornando à cruz, e Gálatas 6.14 exemplifica *epitomises* sua escrita e pregação. Hoje, muitos cristãos se alegram nos milagres de Jesus, enquanto outros se regozijam em Seus ensinamentos ou exemplo santo. Paulo, porém, sabia que a cruz era fundamental – porque nela o Pai fez o Filho pecado por nós, para que pudéssemos ser reconciliados com Deus: isso, e nada mais, é a essência do evangelho.

O livro de Hebreus se “pré-ocupa” com as conquistas da cruz e considera a morte de Cristo à luz do Antigo Testamento como o cumprimento do sistema sacrificial. Enfatiza que podemos entrar na presença santa de Deus com confiança somente porque Cristo ofereceu a Si mesmo como o único e suficiente sacrifício pelo pecado. Observamos isso, por exemplo, em Hebreus 9:26; 10:12 e 19.

As epístolas de Pedro oferecem alguns dos ensinamentos bíblicos mais simples acerca da cruz em 1 Pedro 3:18; e as epístolas de João enfatizam que o sangue é a base da reconciliação e comunhão, conforme 1 João 1:7.

Até mesmo o livro de Apocalipse, com o seu foco nos últimos dias, concentra-se no cordeiro que foi imolado; e isso revela que toda a adoração celestial se regozija nas glórias da cruz. Observamos isso em Apocalipse 5.

Uma mensagem histórica

Essa análise bíblica simples deveria nos fazer lembrar que a cruz é fundamental para as Escrituras e, portanto, deveria ser essencial em nosso evangelismo.

Em si mesma, porém, a apresentação dos princípios bíblicos é com frequência inapropriada. Nesta era cética, as pessoas muitas vezes consideram a história de Jesus como uma fábula ou tentam interpretá-la como um mito. Isso significa que devemos procurar ancorar a mensagem do evangelho em eventos históricos reais.

O evangelho não é apenas uma mensagem subjetiva acerca de amor, alegria e paz, é também uma mensagem objetiva que está alicerçada em eventos históricos verdadeiros e bem documentados. Precisamos apenas entender o quanto os fatos dos evangelhos são fortes e críveis e passar a mensagem adiante.

Evidência documentária

É óbvio que nenhum relato histórico de coisa alguma pode ser absolutamente “provado” em cada detalhe. Porém, podemos responder a perguntas inteligentes acerca de quando os Evangelhos foram escritos, se eles se referem a fatos conhecidos de outras fontes, se as cópias que possuímos refletem o que foi escrito originalmente e se os eventos que elas registram são confirmados por registros independentes.

No que diz respeito aos evangelhos, temos:

- Alguns fragmentos do Novo Testamento grego que são extremamente antigos, com pelo menos um deles devendo ser datado de trinta a cinquenta anos da época de sua primeira redação. (Essa distância pode parecer longa, mas em comparação com outros escritos gregos antigos, realmente coloca os manuscritos do Novo Testamento como melhor que os demais. Por exemplo, os historiadores geralmente não têm problema em aceitar as escritas das preferências de Heródoto, Tucídides, Platão e Josefo como legítimas, mas os seus antigos manuscritos são, no mínimo, mil anos posteriores ao tempo da escrita.)

- A maior parte do Novo Testamento em um texto grego do início do século três, e diversos fragmentos do século três.
- Números crescentes de textos gregos do Novo Testamento, parcialmente completos, originários do século quatro.
- Diversos manuscritos completos do século quatro, em cinco línguas diferentes, traduzidos do original grego entre os séculos dois e quatro.
- Mais de 20 mil citações do Novo Testamento em outros textos do período entre os séculos primeiro e terceiro.

Resumindo, a evidência textual do palavreado do Novo Testamento moderno é incomparavelmente melhor e maior do que qualquer obra antiga. Não pode haver qualquer argumentação lógica acerca disso.

Evidência arqueológica

A arqueologia moderna verificou a maior parte dos detalhes secundários no Novo Testamento. Isso mostra que os autores eram observadores precisos e também ajuda a definir quando os livros foram escritos.

Por exemplo, o Evangelho de Lucas se refere corretamente a quinze títulos diferentes para governos romanos distintos. Ou seja, Lucas se refere aos governadores filipenses como *praetors*, ele usa *procônsul* como título para Gálio em Corinto e emprega *politarchs* para denotar as autoridades civis de Tessalônica. Isso demonstra a veracidade de Lucas como historiador e mostra que esse Evangelho é crível – Lucas não é um historiador posterior querendo enganosamente fazer uma retrojeção a um tempo mais antigo.

No século 19, a maioria dos estudiosos pensava que o grosso do Novo Testamento não fora escrito no primeiro século. Eles duvidavam do registro do Novo Testamento por causa de suas menções frequentes a coisas não mencionadas por qualquer fonte fora da Bíblia. Porém, a arqueologia independente do século 20 tem justificado o Novo Testamento e forçado os estudiosos modernos a continuar retrocedendo a data em que ele foi escrito.

A precisão histórica, topográfica e arqueológica dos Evangelhos significa que muitos peritos agora admitem que a maior

parte dos livros do Novo Testamento foi escrita entre 45–70 d.C. Isso parece com um homem de sessenta e poucos anos escrevendo hoje sobre os principais acontecimentos de quando ele tinha trinta e poucos anos: ninguém questionaria a sua capacidade precisa de escrever a respeito dos eventos que viu pessoalmente. Isso significa que os Evangelhos oferecem o registro mais antigo, melhor e mais preciso de Jesus. Não há evidência arqueológica que os desacredite.

Evidência independente

Visto que a igreja primitiva se reunia nos lares e rejeitava estátuas, é provável que os arqueólogos não encontrem monumentos que mencionem Cristo. Contudo, eles descobriram:

- Uma inscrição de 49 d.C. na Galileia que ameaça de pena de morte qualquer um que remover um corpo de uma tumba
- Algumas tumbas de 50 d.C. em Jerusalém com as seguintes frases entalhadas: “Jesus o ajude” e “Jesus o deixe ressuscitar”
- Tumbas contendo símbolos e escritos cristãos datados de 79 d.C. em Pompeia e 95 d.C. em Roma

Também é improvável que fontes não cristãs teriam registrado os milagres e a ressurreição de Jesus, mas os escritos romanos e judaicos de 50–150 d.C. realmente mencionam Jesus e os Seus seguidores. Eles relatam que:

- Jesus viveu na Judeia
- Mantinha e ensinava altos padrões morais
- As pessoas atribuíam milagres a Ele e aos Seus seguidores
- Os seguidores de Jesus O consideravam como um Messias ou figura divina
- Ele foi condenado à morte sob o governo de Pilatos
- Ele foi crucificado
- Em 64 d.C., Nero culpou falsamente os Seus seguidores de um grande incêndio em Roma e eles foram perseguidos.

Por exemplo, o historiador romano Tácito (que morreu em 120 d.C.) escreveu que o imperador Nero “impingiu as torturas mais cruéis a um grupo de pessoas detestadas por suas abo-

minações e popularmente conhecidas como ‘cristãs’”. O nome delas derivava de Cristo, que foi executado por sentença do procurador Pôncio Pilatos no reino de Tibério. Isso estancou a superstição perniciosa por um breve tempo, mas ela irrompeu de um jeito diferente – não apenas na Judeia, onde a praga surgiu primeiro, mas na “própria” Roma.

É interessante que o respeitável historiador judeu do primeiro século, Josefo, também menciona Jesus em sua obra *Jewish Antiquities*: “|Por essa época viveu Jesus, um homem sábio, se é que de fato deveríamos chamá-lo de homem. Pois Ele foi o autor de atos extraordinários e foi um mestre daqueles que aceitam a verdade alegremente. Ele triunfou sobre muitos judeus e muitos gregos. Ele era o Messias. Quando foi acusado pelas autoridades que havia entre nós e Pilatos ordenou que fosse crucificado, aqueles que O amaram desde o início não deixaram de fazê-lo; pois Ele lhes apareceu no terceiro dia com a vida restaurada, como os profetas da deidade haviam previsto estas e outras coisas maravilhosas e incontáveis acerca Dele, e a tribo dos cristãos, cujo nome originou-se Dele, não desapareceu até o dia de hoje”.

Embora seja verdade que muitos estudiosos acreditam que o texto de Josefo tenha sido inserido ou adicionado por cristãos (*textos esses colocados em itálico na citação*), eles também defendem – devido a fatores como estilo, contexto e os elementos não cristãos que sobrevivem – que há em sua base uma passagem escrita por Josefo. Isso, então, é um testemunho importante que corrobora o registro do evangelho.

A ressurreição

Quando Paulo proclamou a ressurreição, em Atos 17:22-32, os atenienses que o ouviam zombaram dele. O mesmo ocorre ainda hoje.

A ressurreição foi um acontecimento miraculoso que não pode ser explicado “cientificamente”. Isso significa que algumas pessoas rejeitam o relato sem nem considerá-lo. Elas decidiram antecipadamente que, qualquer que seja a evidência, ninguém

pode ressurgir dos mortos. Muitas pessoas, entretanto, têm uma mente mais aberta e há muitas evidências da ressurreição que podemos transmitir para convencer tais pessoas.

O Novo Testamento contém cinco relatos da ressurreição: Mateus 28:1-8; Marcos 16:1-8; Lucas 24:1-10; João 20:1-8 e 1Coríntios 15. Algumas pessoas afirmam que esses relatos se contradizem, mas há dois princípios básicos por trás das diferenças entre eles (e outras diferenças entre os Evangelhos).

1. Incompletude

Nenhum Evangelho procura contar a história toda, descrever todos os detalhes, apresentar todos os personagens e assim por diante. Eles olham os eventos estritamente por uma perspectiva, de modo que tenhamos uma série de descrições dos mesmos eventos a partir de pontos de vista diferentes. Isso significa que olhar para os Evangelhos é mais como olhar para uma montanha a partir dos quatro pontos de uma bússola: os aspectos são diferentes apesar de ser tudo a mesma montanha.

João, por exemplo, menciona Maria Madalena, Salomé e Maria, a esposa de Cléopas, na cruz, mas apenas Maria Madalena na tumba. Contudo, o plural em 20:2 mostra que Maria não estava sozinha – o fato é que João apenas não as mencionou.

O mesmo ocorre em Lucas. No capítulo 24, versículo 12, parece que somente Pedro foi à tumba, mas o versículo 24 revela que outros também foram. Quando um Evangelho menciona apenas um nome, isso não implica que o autor não estava ciente de que havia outras pessoas presentes. Em vez disso, significa simplesmente que estava focando a atenção em uma pessoa em particular.

2. Olhar telescópico

Em Lucas, parece que as aparições da ressurreição e ascensão de Jesus ocorreram no mesmo dia. Entretanto, em Atos (que também foi escrito por Lucas), fica claro que os eventos se deram ao longo de quarenta dias. Lucas simplesmente olhou os acontecimentos por um telescópio para causar uma perspectiva

específica. O Evangelho de Mateus usa o mesmo dispositivo literário nos acontecimentos envolvendo a descida do anjo e a sua conversa com as mulheres.

Uma vez que entendemos esses dois princípios, podemos perceber que os cinco relatos da ressurreição se encaixam exatamente com o que os historiadores esperam de relatos de testemunhas oculares e que contêm muitos detalhes cruzados que corroboram e que seria difícil serem inventados.

Os relatos fazem duas afirmações simples:

- O corpo físico de Jesus desapareceu da tumba
- O Cristo ressurreto apareceu aos Seus seguidores.

As pessoas que zombam da ressurreição precisam fornecer uma explicação alternativa para esses dois fenômenos. Ao longo das eras sugeriu-se uma infinidade delas – e a maioria é menos plausível que a explicação cristã de um milagre sobrenatural.

Uma dessas explicações é a chamada *teoria do desmaio*. A alegação é que Jesus não morreu de fato na cruz, mas desmaiou de exaustão e perda de sangue. As pessoas podem ter pensado que Ele estava morto, mas depois Ele se reanimou e os discípulos consideraram isso uma ressurreição. Agora essa teoria foi rejeitada quase que universalmente pelos estudiosos. No princípio, seria praticamente impossível em termos médicos que Jesus sobrevivesse ao rigor de Sua tortura e crucificação, muito menos não ter morrido pela exposição à tumba caso ainda estivesse vivo. Devemos nos lembrar de que mesmo antes de os pregos serem colocados em Suas mãos e pés Ele já estava em uma condição que ia de grave à crítica após o açoite romano. Em segundo lugar, a teoria do desmaio é religiosamente imprópria: mesmo que Jesus não estivesse morto quando foi colocado na tumba, Ele não estaria em condição de aparecer como um Senhor ressurreto, glorioso e conquistador da morte em apenas alguns dias!

Outras pessoas dizem que os relatos são *lendários*. Porém, não são considerados como mitos do primeiro século; eles apresentam todas as características de relatos independentes de eventos reais; e foram escritos após poucas décadas dos acontecimentos.

Aqui é especialmente importante recordar o fato de que a tumba vazia de Jesus foi descoberta por mulheres. Na sociedade judaica patriarcal daquela época, as mulheres ocupavam um degrau baixo na escala social. Isso é evidente em expressões rabínicas do tipo: “Antes deixai as letras da lei serem queimadas do que entregues a mulheres” e “Feliz aquele cujos filhos são machos, mas ai daquele cujos filhos são fêmeas”. O testemunho das mulheres era considerado tão inútil que não lhes era permitido sequer servir como testemunha legal em um tribunal. Como deve ter parecido notável o fato de ter sido mulheres que descobriram a tumba vazia de Jesus? Qualquer lenda superior teria quase certamente feito dos discípulos machos os descobridores. O fato de mulheres e não homens serem as testemunhas principais da tumba vazia é considerado mais plausivelmente pelo fato de que, queira ou não, elas foram as descobridoras da tumba vazia. Isso fala muito mais da historicidade e veracidade da tradição do evangelho do que seu *status* lendário.

Outros sugerem que a ressurreição foi simplesmente um *erro*, e os discípulos foram a uma tumba errada. Porém, as mulheres assistiram ao enterro; José conhecia o túmulo de sua família; os soldados não teriam vigiado a tumba errada; e as autoridades teriam rapidamente apresentado o corpo verdadeiro.

Alguns argumentam que o corpo deve ter sido *furtado*. Porém, ladrões comuns não teriam deixado as roupas e as especiarias, nem teriam conseguido passar pelos guardas; e as autoridades não teriam motivo para furtar o corpo – exceto para *refutar* as histórias da ressurreição.

Muitos oponentes sustentam que deve ter sido uma conspiração: ou Jesus combinou que um substituto fosse executado em Seu lugar ou que um soldado O “matasse” antes de Ele morrer; ou ainda os discípulos furtaram o corpo. Porém, a crucificação foi pública demais para se usar um substituto e os soldados eram muito experientes para serem enganados.

A dificuldade com as diferentes teorias da *conspiração* é que elas querem dizer que o cristianismo deve se fundamentar em uma enorme mentira. Se isso fosse verdade, os discípulos esta-

riam dispostos a enfrentar a morte por crerem na ressurreição? Nenhuma das teorias explica como um grupo de pescadores amedrontados, que tinham acabado de perder seu líder, poderiam ter encontrado uma nova religião e fabricado relatos tão convincentes de eventos reais!

Finalmente, alguns cétricos pensaram que tudo ocorreu por causa de *alucinação*. Porém, os discípulos não estavam esperando que acontecesse nada, pois pensavam que tudo havia se acabado. E por causa de sua forma judaica de pensar, teria sido muito improvável que os discípulos tivessem uma alucinação de Jesus vivo depois da morte. Se tivessem, seria a projeção de visões de Jesus glorificado no seio de Abraão, onde os mortos justos de Israel permanecem até a ressurreição dos últimos dias. E, além disso, a frequência e a variedade de aparições da ressurreição rebatem a teoria da alucinação: Jesus foi visto não somente uma vez, mas muitas; não por uma pessoa, mas por muitas e até mesmo por grupos; não em um lugar e circunstância, mas em muitos; não somente por crentes, mas também por cétricos.

Ainda, as pessoas não levam as especiarias fúnebres a uma tumba se estiverem esperando que o corpo seja ressuscitado, nem tampouco presumem que o corpo tenha sido removido por autoridades. E uma alucinação não poderia comer um pedaço de peixe grelhado, ou ser apalpada ou tocada.

O problema com a maior parte das explicações alternativas é que elas não explicam as aparições da ressurreição; o problema com a alucinação é que ela não explica o corpo que não está ali. E a ressurreição não pode ter sido uma conspiração e uma alucinação!

Nenhuma das ideias alternativas faz sentido. Tudo que sobra é a crença de que os relatos descrevem eventos reais como as testemunhas oculares os viram. Cristo está ressurreto, não apenas no sentido de que “Suas ideias vivem para sempre”, mas pelo fato de que a Sua pessoa real vive e se relaciona com as pessoas hoje. Isso é evangelho e se trata de boas-novas racionais, lógicas.

Uma mensagem que muda a vida

No volume *Conhecendo o Pai*, analisamos a cruz do ponto de vista do Pai; em *Conhecendo o Filho*, a analisamos do ponto de vista de Jesus; e em *Salvação pela Graça* estudamos as ideias e imagens que o Novo Testamento usa para explicar as suas conquistas.

Neste volume, entretanto, consideramos a cruz do nosso ponto de vista humano para ver como as vidas dos perdidos são mudadas por Deus por meio dela.

O dano do pecado

Jesus veio ao mundo para reverter as consequências da queda da humanidade no Éden; Ele veio para remediar a rebelião do homem contra o Criador, conforme relata Gênesis 3, e trazer reconciliação total.

Quando Adão e Eva pecaram, a humanidade foi presa por Satanás e para ele. Ela perdeu a liberdade de filhos de Deus porque rejeitou o governo de Deus e o substituiu pelo de Satanás. A partir daquele momento, o mundo começou a ser dominado por Satanás. Como resultado do pecado de Adão e Eva, a humanidade se tornou culpada. Foi colocada debaixo da ira de Deus e isso levou à punição, nessa vida, de crescente sofrimento e trabalho duro e, no porvir, o inferno.

As pessoas se tornaram alienadas umas das outras por causa de seu constrangimento e também por vergonha de suas falhas. Ao fazerem uma tentativa fútil de cobrir a nudez e se esconder, Adão e Eva simplesmente ficaram envergonhados demais para encarar Deus. Eles levaram essa vergonha consigo quando saíram do Éden, e isso afetou o relacionamento deles com outras pessoas. O pecado sempre acaba resultando nesse senso de vergonha e as tentativas humanas de cobrir ou esconder tal senso falham ao lidar com a vergonha.

O salário do primeiro pecado foi a morte espiritual. Adão e Eva abriram mão do privilégio de comunhão íntima com Deus, que é vida eterna, e foram expulsos de Sua presença.

O dano desfeito

Na cruz, Jesus tratou de tudo isso. Ele morreu para resgatar a humanidade da garra de Satanás, e definitivamente o derrotou por Sua submissão perfeita ao Pai e Sua perfeição moral absoluta. Jesus morreu e ressuscitou como o vencedor que destrói a última arma de Satanás, a morte. E, por meio da Sua morte, Ele estabeleceu o governo justo de Deus e libertou o mundo.

Por meio de Sua morte, Jesus também fez propiciação pelo pecado do mundo todo e ganhou o seu perdão. Na cruz, Ele aplacou a ira de Deus, satisfez o Seu caráter santo (de Deus) e livrou a humanidade da culpa do pecado. Ele morreu como o Salvador que aceitou voluntariamente a nossa culpa, suportou a agonia de separação do Pai, levou sobre Si as faltas de muitos e ganhou a redenção e reconciliação eternas.

Em Sua morte, Jesus também deixou um exemplo do jeito ideal de homens e mulheres viverem e morrerem. Até mesmo enquanto sofria, Ele conseguiu tempo para mostrar um comportamento humano exemplar ao pedir a Deus que perdoasse aqueles que O estavam torturando e ao consolar um criminoso com a promessa do paraíso. Ao morrer como o ser humano ideal, Jesus deixou tudo para trás e dedicou o Seu espírito às mãos de Deus. Na cruz, Ele ofereceu durante o tempo todo o perfeito exemplo de obediência submissa.

Ao mesmo tempo, Jesus também morreu na cruz com uma dor excruciante para lutar e pressionar pelo nascimento de uma nova criação. Após seis horas terríveis de trabalho de parto espiritual, Ele estava como o cervo do salmo 42:1-2, com profunda sede espiritual. Como morreu em trabalho de parto, Jesus pôde clamar, “Consegui!” porque como o servo em Isaías 53:10, Ele viu o Seu fruto. Portanto, Jesus foi para a cruz como o progenitor divino para labutar e dar à luz a uma nova criação que reproduziria a natureza divina.

Em nosso evangelismo, deveríamos falar sobre todas essas conquistas, e não focar em uma e ignorar a outra. Precisamos abordar todos os problemas básicos da humanidade e descobrir

a resposta completa de Deus em Cristo. No mínimo, precisamos proclamar que as pessoas estão:

- Nas garras do mundo, da carne e do diabo, e incapazes de se libertarem, mas Jesus rompeu a servidão e oferece liberdade
- Culpadas perante Deus por causa de seu pecado; mas Jesus experimentou voluntariamente a ira de Deus em nosso lugar, e agora oferece perdão
- Envergonhadas e constrangidas em frente umas das outras e incapazes de se relacionarem bem por causa de algo que está fundamentalmente errado; mas Jesus traz total entendimento e solidariedade perfeita e agora oferece conforto e companheirismo
- Espiritualmente mortas e incapazes de ressuscitar a si mesmas; mas Jesus se esforçou pelo nascimento celestial de cada membro da humanidade e agora oferece vida eterna gratuitamente para todos
- Em rebelião contra Deus, e precisando ser trazidas em obediência; assim Deus ofereceu Jesus como o rei a quem todo homem e mulher deve se submeter
- Pecadoras e precisando que alguém trate desse pecado; assim Deus ofereceu Jesus como o sacrifício que remove o pecado
- Sofrendo desunião e fragmentação e precisando se tornar íntegras, capazes de se relacionar facilmente com outras pessoas; assim Deus ofereceu Jesus como o exemplo perfeito de integridade, integração social e relacionamentos interpessoais
- Espiritualmente mortas, e precisando receber vida, verdade e amor provenientes de Deus; assim Ele ofereceu Jesus como a fonte dessas qualidades

Há somente uma mensagem do evangelho, porém, ela contém muitos aspectos. E nós precisamos explorar esses aspectos complementares que negligenciamos por causa de nosso contexto e experiência. Talvez precisemos variar a nossa proclamação para considerar toda a mensagem e devamos assegurar que

novos crentes entendam a grandeza do evangelho – e experimentem todos os seus aspectos – a fim de que possam crescer fortes, equilibrados e íntegros.

Uma mensagem relevante e lógica

Quando começamos a falar de Jesus para as pessoas e apresentá-las às maravilhas da graça de Deus e às grandes conquistas da cruz, com frequência descobrimos que elas levantam questões que consideram ser objeções intransponíveis à fé cristã.

Há toda uma série de perguntas que homens e mulheres modernos fazem constantemente e precisamos ser capazes de respondê-la de maneira relevante e lógica. Não há como lidar aqui com cada pergunta que se faz normalmente, mas podemos pensar em algumas perguntas gerais que parecem ter uma relevância específica hoje em dia.

Sufrimento

Muitos incrédulos não consideram racional acreditar que um Deus de amor poderia criar um mundo tão cheio de dor como o nosso. Eles acham que o sofrimento prova que Deus deve ser impotente, sádico ou insensível.

Nós, contudo, cremos que Deus é todo amor e que Ele quis criar seres com os quais poderia desfrutar um relacionamento recíproco de amor. Sem liberdade de escolha o amor seria sem sentido. Podemos ter um relacionamento de duas vias com uma pessoa que tem livre-arbítrio, mas não com um robô que obedece cada capricho nosso.

Se temos livre-arbítrio, devemos também ter a possibilidade de rejeitar Deus, de fazer do nosso jeito e de infligir o mal. Isso significa que a possibilidade de sofrer é inerente à existência da liberdade.

Quando rejeitaram Deus, os primeiros seres humanos não escolheram uma entidade chamada mal que Deus já havia criado. Em vez disso, no ato de escolher eles criaram o seu próprio mal. Quando construímos uma caixa, não precisamos achar alguma escuridão para enchê-la; em vez disso, precisamos ape-

nas desligar a luz. Portanto, toda vez que a humanidade exclui a luz e o amor de Deus, ela automaticamente “cria” a escuridão e a dor do mal.

Apesar disso, as pessoas estão sempre se perguntando: “Por que Deus não faz alguma coisa? Por que Ele não cessa a guerra, põe fim à fome, evita acidentes, abole a enfermidade e daí por diante”. Elas não percebem que se Deus fosse cessar todos os problemas e males do mundo, Ele seria compelido a erradicar as pessoas livres também – pois estamos cheios de egoísmo que é a fonte da maior parte do sofrimento.

Porém, Deus não faz nada. Em vez de retirar a liberdade humana, Ele enviou Jesus para lidar com o pecado humano, para mostrar às pessoas como viver e para oferecer à humanidade tanto a possibilidade de escolher o bem e rejeitar o mal como a força espiritual para vencer o egoísmo.

Algumas pessoas insistem que a sabedoria e o poder de Deus significam que Ele deveria ter criado seres livres que seguramente resistiriam à tentação e sempre fariam o bem, mas isso é absurdo.

O sofrimento é o preço inevitável da liberdade e é o abuso da liberdade por parte dos seres humanos que tem levado ao mal e que ainda leva à maior parte do sofrimento do mundo.

Se Deus interviesse para corrigir todo abuso de livre-arbítrio, Ele teria de criar um mundo onde ações e pensamentos errados seriam impossíveis; um mundo sem liberdade. Embora Deus eventualmente retenha as consequências cabais de nosso livre-arbítrio a fim de, por exemplo, fazer um milagre muito extraordinário, Ele geralmente respeita a liberdade da humanidade – visto que isso contém a possibilidade do amor que Ele preza acima de tudo o mais.

Algumas pessoas questionam se o sofrimento que vemos é um preço alto demais pelo amor que Deus busca, mas não podemos avaliar isso. Não podemos pesar uma hora de amor contra uma hora de dor. No que diz respeito à Bíblia, os sofrimentos presentes não podem se comparar com a glória futura.

Essa explicação do sofrimento pode não satisfazer a todos,

mas não deveria nos fazer parar de declarar os argumentos daquele que sofreu na cruz e suportou a completa dor do mal, a fim de que pudéssemos ser reconciliados com Deus no relacionamento de amor que Ele sempre desejou.

Deus é Criador

Sempre há alguém que pensa que é a primeira pessoa a perguntar: “Quem fez Deus?”, e a se questionar sobre o que Ele estava fazendo antes de o mundo começar.

Desde Einstein, sabemos que o tempo pode girar, ir mais devagar ou mais depressa quando as coisas acontecem numa velocidade muito rápida. É difícil entender isso, mas aceitar o ensinamento bíblico de que Deus está além do tempo realmente facilita. Se Deus está fora do tempo, não tem sentido perguntar quando Ele começou, como foi feito e o que O ocupava. Esses tipos de perguntas criam a falsa suposição de que Deus existe dentro do tempo, e não são diferentes de se perguntar quando George Washington encontrou George Bush.

Muitas pessoas não se importam com essas perguntas porque elas têm certeza de que “todo mundo sabe” que a fé em Deus foi desacreditada pelo que chamam de “ciência”. Para elas, crer em um Criador está no mesmo nível que crer em uma terra plana ou uma lua de queijo. Pode se tratar de uma posição comum, mas é impressionantemente ignorante.

Há somente três teorias lógicas acerca da origem do universo:

- Matéria e energia sempre existiram; elas são a realidade definitiva: a vida e o universo de tempo-espaço são os resultados de sua atividade totalmente aleatória
- Matéria e energia passaram a existir espontaneamente do nada, sem – por definição – nenhuma causa
- Um ser Espiritual “totalmente outro”, “totalmente além” e “totalmente não material” criou o espaço, tempo, matéria, energia e vida

Em termos racionais, (b) é inacreditável – o que deixa duas possibilidades logicamente idênticas. Porém, crer no (a) envolve um problema sério, pois o entendimento científico atual de ter-

modinâmica insiste que, *devido ao tempo infinito*, os níveis de energia dentro de um sistema fechado se tornarão uniformes, e toda energia e matéria se reduzirão às suas formas mais simples. Visto que os níveis de energia são expressamente não uniformes em nosso universo, ou (a) é insustentável ou o conhecimento científico atual está profundamente equivocado.

A crítica comum de (c) é que isso simplesmente retrocede a questão em um estágio, mas isso não é verdade. Um mundo material pode estar sujeito ao tempo e às leis da termodinâmica, mas não um Deus espiritual.

Se matéria for *tudo* que existe, os críticos devem explicar por que ela não diminuiu ou como o nada pode ter se tornado alguma coisa. Porém, se existir um Deus Espiritual além do tempo, além da matéria, não tem sentido perguntar como Ele teve início e é desnecessário perguntar por que Ele não diminuiu.

E a existência desse tal Deus certamente é corroborada pelas descobertas de uma porção de cientistas influentes que sugeriram que nosso universo mostra sinais de *design* inteligente e não é simplesmente o produto de um processo natural não direcionado.

Outras religiões

Muitas pessoas insistem que todas as religiões levam a Deus e que os cristãos são insuportavelmente arrogantes em sugerir o contrário. Porém, todas as estradas não levam à Escócia, todos os trens não levam a Londres e todos os aviões não voam para a África.

Se a Escócia, Londres e África mudassem o seu nome para “Escolonca” poderia ser correto dizer que todas as jornadas levam à “Escolonca”, mas as pessoas que quisessem chegar à “Escolonca” africana ficariam muito frustradas se pegassem um trem em Birmingham!

O mesmo ocorre com as diferentes religiões do mundo. O fato de que todas se referem a um deus não significa que estão todas descrevendo o mesmo ser ou todas indo em direção ao mesmo destino. A religião hindu, por exemplo, crê que Deus está nas coisas boas e más, embora não haja um ser todo-poderoso.

so na maioria das ramificações do budismo. Visto que a maior parte das religiões usa a palavra “Deus” para fazer referência a conceitos inteiramente diferentes, é absurdo sugerir que todas elas devem levar à mesma pessoa. A lógica simples nos diz que duas noções contraditórias não podem estar simultaneamente corretas.

Devemos ser cautelosos quanto a perguntas ensaiadas, mas pode ser proveitoso pedir para as pessoas descreverem o Deus em quem elas não creem e o Deus para o qual elas acham que todas as religiões levam.

Podemos normalmente salientar que também não cremos em tal “Deus”, e que não estamos indo em direção ao “Deus” que elas descrevem. Em seguida podemos apresentá-las a *lavé*, o Deus vivo da Bíblia, que Se revelou perfeitamente em Jesus.

A Bíblia

Há uma ideia bem difundida de que a Bíblia tem quase a mesma relevância de que os Contos de Fada de Grimm. Muitas pessoas parecem pensar que a Bíblia foi desaprovada pela ciência, arqueologia e história, que ela é apenas uma coleção de mitos antigos e propaganda, e que os dois testamentos apresentam quadros opostos de Deus.

O problema é que as ideias que as pessoas têm da Bíblia geralmente se fundamentam naquilo que elas pensam que a Bíblia diz em vez de o que a Bíblia diz de fato. Embora as pessoas possam mencionar algumas questões superficiais como o umbigo de Adão e a mula de Balaão, a questão real é sempre a “inspiração”.

Precisamos ter total clareza a respeito de o que a Bíblia ensina sobre inspiração, para o nosso próprio uso. Por exemplo:

- Não é um livro de falas “mágicas”

Quando insistimos que Deus inspirou toda a Bíblia, não estamos dizendo que tudo na Bíblia é inspirado. Por exemplo, o registro das palavras dos consoladores de Jó é inspirado, mas o que eles disseram não é. Quando a Bíblia registra a fala: “Não há Deus”, é o ato do registro e não a fala que é inspirada.

- Não se trata de um manual de regras absolutas

A Bíblia registra como o Deus vivo se relacionava com pessoas vivas de formas diferentes, conforme as suas condições históricas e morais. Por exemplo, a Lei de Moisés permitia o divórcio, mas Jesus disse que tal permissão fora incluída na Lei somente porque as pessoas tinham corações duros.

É evidente que há algumas regras absolutas que se repetem por toda a Bíblia (é sempre errado cobiçar), mas nem tudo tem esse caráter.

- Frases fora de contexto podem ser mal-entendidas

Quando, por exemplo, Deus disse para Abraão sacrificar Isaac, Ele não queria que isso acontecesse. Foi uma palavra legítima de Deus, mas não podemos criar uma doutrina de sacrifício humano com base nisso. A história verdadeira tem a ver com provar e fortalecer a fé de Abraão.

- Não é um manual estilo ocidental de história ou ciências

A Bíblia é um livro do Oriente Médio que procura ensinar a importância da história e apresentar a Pessoa por trás de todas as “leis” científicas. Está mais interessada no estilo, no entendimento, nos princípios e significado do que em detalhes precisos de cronologia exata e causalidade científica. Precisamos tomar cuidado para não nos preocuparmos demais com um detalhe poético e perdermos a verdade profunda que ele está procurando ilustrar.

- A plena revelação de Deus não está inclusa em cada parte da Bíblia

Há uma construção gradual da figura de Deus ao longo da Bíblia, uma revelação progressiva que leva a Jesus. O Antigo Testamento “prefigura” o Filho de Deus, o Messias, e os dois testamentos podem ser entendidos com exatidão apenas à luz um do outro. O Novo aprofunda e expande o que foi estabelecido no Antigo – Ele não substitui nem repete a sua revelação.

Muitas pessoas sugerem que o Antigo Testamento apresenta um Deus de ira e que o Novo retrata um Deus de amor. Contudo, Jesus engloba a Lei do Antigo Testamento em Seu mandamento para amar a Deus e ao próximo; Ele salienta que Deus, por meio

dos profetas, pediu continuamente o amor e a misericórdia em vez de sacrifício e cerimônia; e Ele próprio adverte as pessoas quanto ao “fogo do inferno”.

O Deus da Bíblia é uma pessoa viva que lida com os seres humanos conforme as diferentes situações de vida real. Às vezes, isso leva a ênfases distintas, mas podemos observar de Gênesis a Apocalipse que Deus é imutável em Sua atitude de graça e amor para com a humanidade.

Quando lemos a Bíblia do jeito que se desejou que ela fosse lida e procuramos entender cada passagem conforme a sua forma literária, vemos o mesmo Deus em cada página e não nos confundimos por uma abordagem ocidental moderna da literatura.

Respostas sensatas

As histórias de Abraão, Jó e Habacuque mostram que Deus gosta de pessoas que estão preparadas para serem verdadeiras com Ele e para Lhe perguntar aquilo que Lhes interessa profundamente – Ele sempre responde aos que buscam a verdade com honestidade.

Como mensageiros de Deus, somos parte importante desse processo, e precisamos enfrentar as questões do dia a dia de maneira que possamos transmitir as respostas de Deus às perguntas das pessoas com referência aos milagres, desunião da igreja, hipocrisia cristã, pecado, sofrimento, significado da vida e assim por diante.

Nesse sentido, todo cristão deveria ser um *apologeta*.

Apologética é a ciência e arte da persuasão cristã. Em 1 Pedro 3:15, o apóstolo Pedro diz que todos os cristãos precisam estar prontos para dar uma “apologia” da esperança cristã a cada um que Lhes pedir. A palavra grega para “apologia” é *apologia* – não significa uma admissão de falha, fracasso ou arrependimento, mas sim uma “defesa racional”.

Com frequência, no contexto evangelístico, os indagadores levantam questões quanto à validade da mensagem do evangelho. Remover objeções intelectuais não tornará alguém um cristão – uma mudança de coração causada pelo Espírito também é necessária. Porém, os apologetas desempenham um papel importante

na remoção de pedras “intelectuais” de tropeço, e é por isso que o Novo Testamento não faz distinção entre apologetas e o evangelismo. Todos os evangelistas deveriam ser apologetas, no sentido de serem capazes de oferecer uma “defesa” para a esperança que está neles.

Nossas respostas devem certamente ser lógicas e razoáveis. Sabemos que a nossa fé cristã é um relacionamento de confiança e não apenas um conjunto de crenças lógicas, mas também devemos reconhecer que Jesus e os apóstolos não rejeitavam conhecimento, lógica e razão. Por exemplo:

- Eles argumentavam logicamente sobre doutrinas e esperavam que os seus ensinamentos fizessem sentido – Mateus 5:46; 6:30; 7:11, 16; Romanos 2:1; 1Coríntios 6:2 e Gálatas 2:14
- Eles reconheciam o valor das testemunhas oculares – João 15:27 e 1Coríntios 15:5-8
- Eles discutiam e disputavam com incrédulos, partindo das pressuposições de seus ouvintes – Atos 9:22, 29; 17:2-4, 17; 18:4, 19 e 28
- Eles nos impeliam a preparar respostas – 1Pedro 3:15

Em nossa sociedade cada vez mais pagã, é mandatório que aceitemos esse conselho e nos certifiquemos de que a nossa mensagem seja tão perspicaz e lógica quanto possível e que tenhamos respostas adequadas para as perguntas das pessoas.

Uma mensagem pessoal

Embora devêssemos ser capazes de discutir ideias e questões humanas com uma neutralidade acadêmica, não devemos esquecer jamais que a mensagem heráldica de Deus tem implicações pessoais dinâmicas.

Quando evangelizou em Atenas, o apóstolo Paulo não apenas distraiu multidões com novas de ressurreição, ele também as incomodou ao insistir que Deus ordenava que se arrependessem. Vemos isto em Atos 17:21-30.

Deus não nos enviou como Seus mensageiros porque está interessado em ideias intelectuais; em vez disso, Ele nos envia com

a Sua mensagem porque está interessado em alcançar o perdido, salvar o mundo, transformar vidas humanas e curar relacionamentos quebrados.

Relacionado à experiência

Todas as vezes que Paulo falava sobre a morte e ressurreição de Jesus, ele sempre as relacionava com a sua experiência pessoal. Semelhante a ele, nós precisamos enfatizar que a cruz é vital para as Escrituras, fundamentada na história, lógica, sensata e repleta de verdades profundas. Porém, também precisamos mostrar que ela funciona, que *temos visto o Senhor e O conhecemos pessoalmente*.

Nossa autoridade como um mensageiro não está na forma que passamos a mensagem, a entendemos plenamente e temos respostas convincentes; a nossa autoridade está em conhecer o rei, ser transformado por Seu poder e capacitado pelo Espírito. Vemos esse elemento pessoal em passagens como 1Coríntios 15:3-58; 2Pedro 1:16-18 e 1João1:1-3.

Demanda uma resposta

Mateus 10:34 revela que as palavras de Jesus e a Sua presença sempre dividem as pessoas. As Suas afirmações são tão absolutas, os Seus comandos tão inquestionáveis, o Seu ensinamento tão inequívoco que as pessoas são por Ele ou contra Ele. Elas respondem para Ele com um “sim” ou O rejeitam com um “não”. Não há área “cinzenta”, não há meio-termo, não há ambivalência.

A verdadeira proclamação da mensagem evangelística do rei ainda demanda uma resposta humana e a resposta bíblica é clara. Essa resposta vai muito além da pergunta “O que eu tenho de fazer para obter um bilhete para o céu?” A verdadeira pergunta é “O que devo fazer agora que o reino de Deus está aqui?”

A resposta de fé em Cristo é suficiente para se receber salvação. Quando o carcereiro de Filipos em Atos 16 perguntou: “O que devo fazer para ser salvo?” Paulo e Silas responderam: “Crê no Senhor Jesus Cristo e serás salvo”. Romanos 10:9 também declara “que se você confessar o Senhor Jesus com sua boca e

crer em seu coração que Deus O ressuscitou dos mortos, você será salvo”.

No dia de Pentecostes, ao final do primeiro sermão evangelístico, a multidão respondeu, em Atos 2:37, com uma pergunta: “O que faremos?” A resposta de Pedro revela que a resposta adequada ao evangelho é que deixemos nosso jeito velho e comecemos a viver a nova vida do reino de Deus:

- Arrepende-se
- Ser batizado
- Receber o Espírito Santo

Analisamos com certo detalhe a resposta correta ao evangelho nos volumes *O Governo de Deus* e *Glória na Igreja* e estudamos a fé no volume *Fé Viva*, batismo no volume *Glória na Igreja* e recebimento do Espírito em *Conhecendo o Espírito*. Para as três respostas que Pedro menciona, podemos acrescentar “fé”, “participar da nova comunidade da igreja” e “assumir uma vida de discipulado no mundo”.

Arrependimento é revolução total, uma mudança de mente radical que resulta em uma mudança de direção. Não é apenas dar as costas negativamente para atitudes e ações erradas, mas é também virar-se positivamente para Deus e a Sua maneira de pensar e viver.

Fé envolve um compromisso claro com a vontade do Pai e com a pessoa de Jesus. Envolve aprovação intelectual, mas vai muito além. É uma obediência ao evangelho, uma entrega total ao governo de Deus; é a dedicação a uma vida inteira de discipulado.

Batismo é promessa de Deus, o sinal de Sua aliança que simboliza e concede as bênçãos essenciais do evangelho: ser limpo do pecado, união com Cristo, morrer para o velho e ressurgir para o novo, consagração a Deus, participação na Filiação, e como membro no corpo de Cristo.

Receber o Espírito é parte essencial das boas-novas, pois é por meio do Espírito que nascemos de novo na família de Deus e passamos a desfrutar a presença de Cristo.

Essa resposta total é parte do evangelho de Jesus. Ele chamou as pessoas ao arrependimento, a crerem, a serem batizadas, a

esperar pelo Espírito que Ele enviaria, a assumir os seus lugares na comunidade cristã e a saírem como discípulos pelo mundo. Em Atos, a igreja primitiva proclamava a mesma mensagem – com exceção de que as pessoas não tinham mais de esperar pelo Espírito porque Jesus O enviara. Isso deve fazer parte de nossa mensagem hoje.

Uma mensagem única

Há somente um caminho para Deus e é por meio de Jesus. Vi-mos, contudo, que se pode descrevê-lo de muitas formas complementares. Por exemplo, Jesus adaptou as Suas palavras e imagens a fim de torná-las relevantes aos Seus ouvintes. Ele utilizou figuras do cotidiano para apresentar as boas-novas de um modo que fosse significativo para pessoas comuns, que sofrem. Ele falou do evangelho em termos de agricultura, construção, pesca, jardinagem, culinária, costura, pastoreio e também em termos de comprar, vender, beber, comer e assim por diante.

Paulo usou com criatividade a linguagem dos tribunais, do mercado de escravos e da vida familiar para descrever as conquistas da cruz de um modo que falasse com o povo comum de seus dias.

E, no livro de Atos, os apóstolos relacionavam as suas mensagens com referências bíblicas e alusões quando estavam falando com judeus; mas raramente se referiam ao Antigo Testamento quando pregavam aos gentios – em vez disso, eles mencionavam tumbas de incrédulos e poetas gregos.

Isso sugere que devemos ser totalmente fiéis à essência do evangelho – ao Cristo bíblico, à Sua morte e ressurreição, às Suas conquistas na cruz – em nossa proclamação verbal da mensagem do rei; mas que devemos dar duro para ser flexíveis, relevantes e criativos no modo que O apresentamos ao perdido e ao ferido, os quais fomos ungidos para alcançar.

Parte Cinco

Evangelismo Pessoal

Em Mateus 6:25-26 e 10:29-31, Jesus enfatiza o grande valor de cada pessoa em particular: cada homem, mulher e criança é conhecido intimamente por Deus e altamente valorizado. E em Lucas 15:1-32, Jesus revela o tremendo interesse celestial em alcançar e salvar os indivíduos perdidos.

Como Deus presente em pessoa, Jesus demonstrou o Seu cuidado e interesse divinos pela forma extraordinária que Ele alcançava as pessoas e se relacionava com elas. Os Evangelhos descrevem a atenção carinhosa que Ele dava pessoalmente aos indivíduos – um ladrão, uma prostituta, um pescador, um leproso, um governador rico, uma mulher aleijada, uma criança doente, uma mãe angustiada, um oficial corrupto, e assim por diante. Ele se importou com todos eles, mas especialmente com os *ptochoi*.

Jesus e os homens

Nenhum Evangelho foca mais atenção nos relacionamentos entre homens comuns e Jesus do que o de Lucas. O Evangelho de Mateus menciona os Homens Sábios e o Evangelho de João apresenta Lázaro, Nicodemos e o mendigo que limpou a saliva de sua face; mas o Evangelho de Lucas oferece lampejos singulares sobre Cléopas, Herodes, Simeão, Zaquêu, Zacarias, os setenta discípulos, as ovelhas e o ladrão na cruz.

Lucas enfatiza que Pedro, Tiago e João têm uma intimidade especial com Jesus: eles são os apóstolos que Ele menciona a maioria das vezes. Após a lista do capítulo 6, versículos 12 a 16, Lucas volta a se referir somente a esses três, Levi e Judas. Lucas

mostra que Jesus tinha mais de doze seguidores referindo-se a discípulos e apóstolos. O versículo 13 do capítulo 6 mostra que os discípulos eram um grupo grande de homens e mulheres de quem os doze apóstolos foram escolhidos.

Lucas registra muito mais acerca de como Jesus lidava com a grande quantidade de discípulos comuns do que com os doze apóstolos, os versículos 1 a 20 do capítulo 10 relatam que setenta dos discípulos foram enviados por Jesus para evangelizar – e que voltaram regozijando-se.

Lucas descreve Jesus comendo com dois grupos contrastantes de homens. Escribas, fariseus e advogados tomaram vinho e jantaram com Jesus, mas apenas com a intenção de apanhá-Lo no erro; ao passo que os coletores de impostos e pecadores foram anfitriões na demonstração de amizade e apoio. Lucas registra cinco refeições em que Jesus é um convidado e revela como Ele desafiou as expectativas sociais. Observamos isso nas seguintes passagens: 5:32; 7:36-50; 11:37-54 e 14:1-14.

Em todo o Evangelho, Lucas apresenta uma série de homens que respondem a Jesus de maneiras contrastantes. Muitos se opuseram a Jesus de maneira vigorosa; outros se regozijaram em Sua graça e autoridade e alguns voltaram frustrados – incapazes de atender as Suas exigências.

Lucas coloca homens comuns no centro da natividade; ele apresenta gentios – especialmente centuriões e soldados – de um modo particularmente favorável; e foca o envolvimento de homens comuns nos acontecimentos envolvidos na morte de Jesus.

O Evangelho começa com uma descrição detalhada da tratativa de Deus com Zacarias e termina contando novamente a longa conversa de Jesus com Cléopas. Esses dois homens, com Zaqueu, são os principais exemplos que Lucas oferece de homens *ptochoi* que são transformados por Deus.

A história do encontro evangelístico pessoal de Jesus com Zaqueu, em 19:1-10, vem imediatamente após o Seu encontro com o jovem governador rico em Lucas 18:18-23. Suas respostas são oferecidas como contrastes diretos, e ilustram as parábolas de Jesus em 16:19-31 e 18:9-14. O governador não pôde atender aos

requisitos de Jesus quanto à grande generosidade, mas o cobrador de impostos se voluntariou mais do que se poderia esperar.

A história de Zaqueu é típica de Lucas, e vincula todos os seus temas do Evangelho. Inclui arrependimento, generosidade, hospitalidade, o perdido e a alegria. Sua conclusão poderosa, no capítulo 19, versículo 10, é tanto o clímax como o tema principal do Evangelho de Lucas. Podemos aprender muito de evangelismo pessoal eficaz aqui com o exemplo de Jesus.

Jesus e as mulheres

O Evangelho de Lucas também oferece atenção especial aos relacionamentos entre mulheres comuns e Jesus. Os outros Evangelhos mencionam as mulheres principalmente de passagem, enquanto Lucas registra 19 situações que ilustram o modo que elas respondem a Jesus.

Numa era que rejeitava mulheres como propriedades pessoais insignificantes, o Evangelho de Lucas revela o modo revolucionário que Jesus as tratava, por exemplo, como elas:

- Figuravam nas parábolas de Jesus – 15:8-10 e 18:1-8
- Foram cruciais para a Sua natividade – 1:26–2:51
- Foram curadas por Ele – 8:40-56 e 13:10-17
- Foram aceitas e perdoadas por Ele – 7:36-38
- Supriram-No – 8:1-3 e 10:38-42
- Eram ouvidas por Ele – 11:27-28
- Eram elogiadas por Ele – 21:1-4
- Eram cheias com o Espírito – 1:41
- Permaneceram com Jesus em Sua morte – 23:49
- Quiseram cuidar do corpo Dele – 23:55
- Foram as primeiras testemunhas da ressurreição – 24:6.

Lucas 7:11-16 ilustra a extraordinária paciência e compaixão de Jesus com as mulheres. Ao tocar o caixão aberto, Jesus se fez ritualmente impuro; parece que mostrar seu interesse e sua empatia com a viúva enlutada era mais importante.

A cura da mulher aleijada no capítulo 13, versículos 10 a 17, é uma típica história de Lucas. Conta com a participação de uma mulher, registra detalhes precisos de sua doença e cura,

menciona confronto com as autoridades, relata que a mulher glorificava a Deus e acaba apontando o regozijo das pessoas. Essa história, mais do que qualquer outra, revela Jesus cumprindo o propósito central de Sua unção e alcance dos *ptochoi* com uma demonstração do evangelho. É um exemplo clássico de evangelismo pessoal.

O Evangelho de João

O Evangelho de João é bem diferente dos outros três. Ele se concentra mais em adoração; relaciona a vida de Jesus ao ano religioso judaico; relata mais o Seu ensinamento no Templo do que as Suas parábolas e oferece alguns vislumbres cuidadosamente selecionados de Sua história a partir dos festivais sagrados em vez de tecer toda a história em torno das jornadas de Jesus.

Em João 4, por exemplo, a história do encontro evangelístico pessoal de Jesus com uma mulher samaritana se dá no contexto de celebração Pascal registrado no capítulo 2, versículo 13 ao capítulo 4, versículo 54 e é parte de uma progressão de ideias espirituais fundamentadas no tema da Páscoa. No capítulo 2, versículo 20, João enfatiza que o Filho pode restaurar o que quer que a humanidade arruíne; em seguida, no capítulo 3, versículo 3, ele introduz o novo nascimento; e então, no capítulo 4:14, o Espírito que habita no interior.

As histórias de evangelismo pessoal de Jesus com Nicodemos e a mulher samaritana são usadas para ilustrar esses temas espirituais. Apesar de toda a sua religião, Nicodemos precisa de uma nova vida. E apesar de todo o seu pecado, uma samaritana maculada pôde conter uma fonte de água viva.

Por focar as festas judaicas, o Evangelho de João relata apenas 20 dias do ministério de Jesus. É interessante, porém, que uma proporção considerável descreve o tratamento de Jesus com as pessoas. Em João 4, por exemplo, o encontro de Jesus com a mulher ocupa trinta versículos enquanto que o subsequente “avivamento” samaritano é tratado em quatro versículos.

Isso deveria ajudar a perceber que, paralelo à nossa paixão da “nova criação” pelo *kosmos*, precisamos também nos importar

profundamente com cada homem e mulher – e devemos nos relacionar com eles da mesma forma solidária, cuidadosa, carinhosa e sem arrogância, como Jesus o fez.

Entretanto, no que tange ao evangelismo, muitas congregações modernas focam em querer alcançar multidões de pessoas em reuniões formais e organizadas. O exemplo de Jesus deveria nos convencer de que o evangelismo pessoal realizado por todo crente, individualmente, deve ser crucial para a missão de cada igreja de alcançar o perdido com o evangelho de Cristo.

O foco correto no evangelismo pessoal, contudo, não deve fazer que desprezemos passagens como Mateus 4:25; 8:1; 9:8, 33-36; 12:15, 23; 13:1, 34 e 14:13-23 que revelam que Jesus também ministrou a grandes multidões de homens e mulheres.

É importante perceber que Jesus nunca buscou ativamente essas multidões; ao contrário, elas O procuravam. Migravam para locais inconvenientes em horas nada sociáveis. iam até uma casa onde um milagre ocorrera ou que sabiam que Jesus estava. Embora seja cada vez mais comum na África, Ásia e América Latina, nós vivenciamos pouco isso na Europa Ocidental hoje em dia.

A maior parte dos Evangelhos, contudo, está cheia de descrições do ministério de Jesus em reuniões informais à margem da estrada, em lares e em jardins, em refeições e enterros, em uma lagoa ou em um barco.

É óbvio que Jesus ministrou em reuniões formais, organizadas nas sinagogas locais; mas isto não era o foco de Seu evangelismo. Jesus nunca ignorou as multidões nem negligenciou os serviços formais; mas os Evangelhos deixam claro que o Seu ministério pessoal, individual era o núcleo de Sua atividade evangelística.

O evangelismo pessoal de Jesus não seguia um padrão mecânico. Como observamos em toda a série *Espada do Espírito*, Jesus não fez nada pela própria iniciativa. Ele era perfeitamente submisso ao Pai; Ele seguiu as Suas instruções todas as vezes; e dependeu totalmente de Sua unção com o Espírito Santo.

Como vemos nos volumes Ministério no Espírito e Ouvindo

Deus, se quisermos compartilhar o ministério de Jesus e ministrar com eficácia, nós também devemos nos submeter à vontade do Pai, ouvir a Sua voz, seguir as Suas instruções com obediência evangélica, e depender completamente da capacitação e equipagem do Espírito. Apesar de não sermos chamados a imitar os detalhes exatos do estilo e padrão de ministério de Jesus, podemos aprender muito sobre evangelismo pessoal com a maneira que Ele alcançava o perdido.

Vimos que o encontro de Jesus com Zaqueu é um momento “crucial” no Evangelho de Lucas e que a sua conversa com a mulher samaritana prepara o cenário para o Evangelho de João. Embora essas duas histórias sejam muito diferentes e as pessoas envolvidas sejam socialmente opostas, elas contêm princípios básicos de evangelismo pessoal que vão, por meio do ministério de Jesus, ao perdido.

1. Fazer contato

Até onde sabemos, Jesus não teve um encontro prévio com Zaqueu nem com a mulher: as duas histórias parecem descrever encontros evangelísticos com pessoas totalmente estranhas. Nos dois casos, Jesus estava em uma jornada: Ele caminhava para Jerusalém quando passou em Jericó, e estava viajando para a Galileia quando chegou a Siquém.

Isso mostra que muitas das melhores oportunidades de evangelismo ocorrem em situações naturais do dia a dia: nos trens e aviões, nos supermercados e cafés, no parque e eventos esportivos e assim por diante.

Da perspectiva humana, Jesus não precisava fazer contato com outra pessoa. Ele poderia ter se hospedado em uma pousada em Jericó e tirado água para Si mesmo no poço em Siquém. Porém, Jesus estava em contato com Deus e amava as pessoas. Ele estava alerta ao mover do Espírito e consciente da profunda necessidade de salvação das pessoas.

Se quisermos ter um contato eficaz com as pessoas acerca do evangelho, precisamos desejar verdadeiramente alcançá-las e devemos ouvir Deus para receber a Sua direção.

Havia obstáculos sociais e raciais significativos no poço em Siquém, mas a humanidade compassiva de Jesus permitiu que Ele vencesse a suspeita e desconfiança da mulher. Ao passo que, em Jericó, Jesus deparou-se com uma multidão de pessoas curiosas e o Espírito Lhe mostrou qual pessoa contatar.

Em ambos os casos, Jesus fez contato colocando-Se no lugar da pessoa. Ele pediu água à mulher e uma cama ao homem. Muitos crentes procuram fazer contato hoje oferecendo-se para dar algo. Contudo, Jesus fez contato fazendo o oposto. Ele assumiu o lugar inferior; Ele fez um pedido; Ele pediu um favor.

Essa abordagem ao evangelismo toma tempo, e tem um risco maior de rejeição. Porém, o que importa de fato se somos ignorados ou rejeitados? É muitas vezes o nosso orgulho temeroso que nos impede de alcançar as pessoas.

Se quisermos fazer contato com os perdidos comuns, devemos ouvir atentamente Deus, precisamos buscar a direção clara do Espírito Santo e devemos estar prontos para sofrer parte da dor e rejeição de Jesus. Quanto mais próximos Dele somos, tanto mais o Seu amor motivador pode alcançar, por nosso intermédio, as pessoas perdidas.

2. Provocar curiosidade

É instrutivo o fato de que Jesus não “pregou” para Zaqueu ou para a mulher nem tampouco mencionou textos bíblicos, nem fez uma apresentação clichê do evangelho ou perguntas previamente pensadas que havia aprendido decorando.

A mulher claramente nunca ouvira de Jesus, então Ele despertou a sua curiosidade sugerindo algo que era mais gratificante que a sua experiência atual: vemos isso em João 4:10-14. Jesus usou palavras e imagens criativas que se fundamentavam na situação imediata e empregou uma analogia do evangelho que era diretamente relevante às necessidades da mulher. Como resultado, a mulher começou a fazer perguntas a Jesus e a buscar ajuda.

Foi diferente com Zaqueu. Ele ouvira falar de Jesus por meio de outras pessoas e já estava curioso. Porém, nada poderia tê-lo

preparado para o momento em que Jesus o abordou pelo nome quando ele pensava estar escondido com segurança em uma árvore!

Provavelmente se tratou aqui de uma palavra de conhecimento proveniente do Espírito (embora Jesus possa ter ouvido Mateus falar a respeito de Zaqueu). Os dons espirituais com frequência despertam a curiosidade das pessoas, assim como o fazem os livros, filmes, peças, louvor, serviço sacrificial e assim por diante. Porém, devemos dar tempo para que a curiosidade se transforme em questionamento sério. É inútil responder perguntas que as pessoas não estão fazendo e apressá-las a uma decisão que elas não estão prontas a fazer.

Fome espiritual

A mulher e Zaqueu eram dois famintos espirituais – mesmo que não tivessem admitido isso para si mesmos. A maioria das pessoas é, pois é assim que fomos feitos por Deus.

É claro, poucas pessoas vão admitir que são espiritualmente famintas – ou até mesmo perceber isso. A menos que possamos trazer as pessoas a um ponto em que façam perguntas, ou peçam ajuda, é improvável que elas ouçam as boas-novas quando quisermos compartilhá-las.

Com frequência, no evangelismo, nós nos concentramos nas palavras: nos questionamos sobre o que deveríamos dizer. Porém, as pessoas não estão com fome de palavras, elas estão com fome de realidade, integridade, uma qualidade especial de vida e de viver.

Quando as pessoas suspiravam diante da autoridade de Jesus, elas não estavam apenas reconhecendo a verdade de Suas palavras, estavam também se maravilhando com a qualidade de Sua vida que, de certo modo, endossava e acrescentava às Suas palavras.

Muitas pessoas são inicialmente atraídas a Cristo por perceber a Sua realidade em um crente. Elas poderão observar uma mudança dramática em um amigo que acabou de se tornar cristão, ou podem se impressionar com a vida de serviço altruísta

de alguém, ou podem ficar maravilhadas com um milagre ou simplesmente podem sentir a presença de Cristo em alguém que elas encontram. Não importa o que desperte a sua curiosidade, elas querem saber se é real – e não falso ou forçado – e querem ter certeza de que a vida interior da pessoa condiz com a sua aparência.

Zaqueu estava curioso para ver se Jesus era tão bom quanto ele ouvira dizer. Um olhar do Senhor, um som de Sua voz e Zaqueu sabia que se tratava de realidade. Ele estava pronto para responder. E, após uma conversa de alguns minutos com Jesus, a mulher passou da suspeita hostil para a abertura espiritual.

Devemos nos lembrar de que as pessoas não se convertem a uma doutrina, elas se convertem a Cristo; e uma santidade transparente, contagiante, alegre como Cristo é um ingrediente chave no evangelismo pessoal.

3. Oferecer um desafio

Quando, em João 4:15, a mulher samaritana foi curiosa o bastante para pedir “essa água”, Jesus não atacou com a apresentação do evangelho. Em vez disso, Ele desafiou sensivelmente a área crítica na vida dela.

Muitos cristãos teriam se alegrado quando ela pediu a “água” e teriam lhe empurrado a água viva. Jesus, porém, sempre estava mais preocupado em fazer discípulos do que colecionar convertidos e Ele sempre desafiava as pessoas com a questão do discipulado que estava no centro de suas vidas.

Para a mulher eram os homens e para Zaqueu era o dinheiro. Porém, Jesus não repreendeu a mulher por imoralidade nem castigou Zaqueu por sua ganância. Em vez disso, Ele os desafiou gentilmente com relação às questões críticas em suas vidas. Ele falou para a mulher chamar o seu marido e pediu para Zaqueu prover comida e cama para 13 pessoas.

A unção de Jesus e Sua abertura ao Espírito O possibilitaram receber um pouco do conhecimento de Deus sobre a mulher – mas Ele mencionou esse conhecimento com muito cuidado. No evangelismo pessoal, Deus ainda dá a crentes ungidos “palavras

de conhecimento” sobre as pessoas que eles estão buscando alcançar.

Esse é um dom importante do Espírito, e sempre deveríamos ouvir esses lampejos divinos quando estamos falando com as pessoas. Porém, precisamos do dom de “sabedoria” do Espírito, para lidar com essa informação com a mesma sensibilidade e ousadia de Jesus. Nós analisamos esse aspecto nos volumes *Conhecendo o Espírito; Ministério no Espírito* e *Ouvindo Deus*.

Por todos os Evangelhos percebemos Jesus desafiando repetidamente as pessoas acerca do custo do discipulado – por exemplo, Mateus 8:18-22; Marcos 8:34; Lucas 5:8-11; 18:18-30; João 5:14 e 8:11. Esse é um elemento crucial no evangelismo.

Entretanto, Jesus nunca seguiu uma fórmula, em vez disso, Ele desafiava pessoas diferentes de maneiras diversas. Ele pontuava a área exclusiva que mais interessava àquela pessoa e explicava as demandas do Reino de Deus – com frequência de forma a desmotivar todas, menos as mais sérias.

4. Responder a perguntas

No ponto crítico das duas histórias, exatamente antes da mulher e de Zaqueu aceitarem o dom da salvação, surgiu uma divergência desconcertante.

O questionamento que Jesus fez à mulher foi íntimo demais para deixá-la confortável, então – em João 4:20 – ela veio com uma “piada religiosa”. E as palavras de Jesus a Zaqueu indignaram tanto a multidão que – em Lucas 19:7 – começaram a murmurar contra Ele.

Os judeus e samaritanos tinham ideias diferentes a respeito de religião, especialmente sobre o local certo da adoração, e a mulher estava usando essa questão como uma tática de distração. As pessoas ainda fazem a mesma coisa hoje em dia. Elas muitas vezes fazem perguntas sobre sofrimento, evolução, e outras religiões. Não porque estejam profundamente interessadas na resposta, mas simplesmente para desviar a conversa para longe do questionamento desconfortante de Cristo.

Jesus não ignorou a pergunta da mulher, mas não se distraiu

com ela. Em João 4:21-24, Ele lidou gentilmente com a confusão dela, e depois a trouxe de volta à questão espiritual mais importante.

Como vimos na Parte Quatro, todos nós precisamos de respostas boas para as perguntas comuns que pessoas fazem acerca do sofrimento, outras religiões, evolução, milagres, vida após a morte, e assim por diante. Precisamos ser capazes de lidar – clara, lógica e sucintamente – com essas questões; mas não podemos permitir que perguntas desse tipo desviem a pessoa de sua real necessidade espiritual. Devemos responder perguntas legítimas sem nos distrair.

Foi diferente com Zaqueu. A distração não se originou nele, veio das multidões e teria sido fácil para Jesus focá-las. Ele poderia ter procurado justificar ou argumentar com as multidões, ou explicar-Se, ou até mesmo querer convertê-las. Em vez disso, Jesus se recusou deixar-se distrair de Seu foco, isto é, do necessitado Zaqueu. Ele simplesmente ignorou o murmúrio da multidão e permaneceu em silêncio – esperando Zaqueu silenciar as multidões com as suas palavras.

Foi preciso uma sabedoria enorme, mas isso mostra mais uma vez que a conversão não depende de nossas palavras. Nós não necessitamos de todas as respostas. Não precisamos controlar toda a situação. Deus é bastante capaz de trabalhar na vida da pessoa por meio do Espírito. Às vezes, o nosso silêncio é o modo mais eloquente de lidar com a distração.

5. Estabelecer compromisso

As palavras de Zaqueu em Lucas 19:8 não são exatamente uma afirmação clássica de fé. Porém, Jesus conhecia o coração do homem e anunciou publicamente que a salvação chegara àquela casa.

E as palavras da mulher em João 4:29 não sinalizam confiança positiva. Contudo, João 4:42 mostra que ela logo passou a perceber que Jesus era o Cristo, o Salvador do mundo.

É fácil procurar uma resposta “receitada” ou esperar que as pessoas expressem o seu compromisso do mesmo modo que o

fizemos certa vez. Porém, Jesus olhou para o coração, não para as palavras externas e trouxe essas duas pessoas para um compromisso com Ele, o que foi significativo para elas.

João 4:25 sugere que a mulher tentou algumas táticas mais demoradas. Ela estava querendo adiar a decisão para uma data posterior. As pessoas ainda fazem isso hoje, porém Jesus a colocou frente a frente com Ele – que é o que sempre deveríamos buscar fazer em toda forma de evangelismo.

Esses encontros com Jesus foram acontecimentos únicos para Zaqueu e a mulher. Ele ficou próximo aos dois de um modo especial: Era o dia de sorte deles. De certo modo, ou eles seriam salvos aquele dia ou nunca. Parece haver poucas vezes na vida de uma pessoa em que Cristo está tão perto assim. O que significa que cada oportunidade evangelística é crucial e requer tratamento responsável. Precisamos encorajar as pessoas a se comprometer com Cristo, sem pressioná-las de modo algum.

Muitas vezes, é válido perguntar à pessoa se ela gostaria que se sugerisse uma oração para ajudá-la a começar a seguir isto, ou se preferiria ler algo e orar sozinha.

Cada pessoa deve ser ajudada individualmente, e de forma e com palavras que sejam relevantes à sua situação. É importante, contudo, ser *simples e específico*. Muitas pessoas ficam confusas acerca das coisas espirituais, e as generalizações não as ajudam.

É claro, precisamos ter um entendimento claro do evangelho antes de podermos ser simples. Porém, não precisamos explicar a doutrina da justificação para levar alguém a Cristo. Para se manter no mais básico, talvez seja válido usar uma estrutura como as quatro leis espirituais. São elas:

- Deus ama você e tem um plano maravilhoso para a sua vida – João 3:16 e 10:10
- O homem é pecador e está separado de Deus – Romanos 3:23 e 6:23
- Jesus Cristo é a única provisão de Deus para os pecados do homem – João 14:6 e Romanos 5:8
- Você deve receber a Cristo pessoalmente como Senhor e Salvador – João 1:12 e Apocalipse 3:20

Na Parte Quatro, nós consideramos a mensagem de que somos chamados a testemunhar ao perdido. Porém, não precisamos explicar todos os detalhes a cada pessoa. Em vez disso, devemos pegar esses aspectos que o Espírito nos chama a atenção e apresentá-los com palavras e analogias relevantes.

É importante que reconheçamos que Zaqueu e a mulher começaram ambos a proclamar as boas-novas por si próprios. Novos convertidos com frequência são os evangelistas mais eficazes e um testemunho novo geralmente é uma maneira poderosa de proclamar o evangelho.

Parte Seis

Evangelismo na Igreja

Vimos que a mensagem de evangelismo é Cristo e que o método de evangelismo é os crentes alcançando pessoalmente os perdidos à sua volta. Agora precisamos reconhecer que o meio de evangelismo é sempre a igreja.

Alguns evangelismos modernos ocorrem à parte das igrejas locais. Entretanto, há duas razões importantes para isso não fazer muito sentido:

- A igreja é o meio que Deus indicou para proclamar o evangelho
- A mensagem evangelística deve chamar as pessoas ao corpo de Cristo, à comunidade de crentes, tendo Jesus como cabeça

No volume *Glória na Igreja*, definimos que o testemunho é a obra principal da igreja. João 15:26-27 e Atos 1:8 relatam o chamado da igreja para ser testemunhas de Jesus – em palavras, atos e estilo de vida – até os confins da terra. E a igreja sempre cresceu onde quer que crentes comuns tenham sido equipados e enviados como testemunhas.

As igrejas que não ardem com paixão pelo testemunho perdem todo o objetivo de seu chamado – ir e fazer discípulos de Jesus em todas as nações. A palavra grega *martureo*, “testemunhar”, significa “falar do que foi visto ou ouvido”. No Novo Testamento ela é usada principalmente para descrever o testemunho a Jesus por parte:

- Do Pai – João 5:32; 8:18 e 1João 5:9-10
- Do próprio Jesus – João 3:11; 4:44 e 5:31

- Do Espírito Santo – João 15:26 e Hebreus 10:15
- Das Escrituras – João 5:39; Hebreus 7:8 e 17
- Das obras de Jesus – João 5:36 e 10:25
- Dos profetas e apóstolos – Atos 10:43; 23:11 e 1Coríntios 15:15.

Trata-se da ênfase de que todas as palavras e atividades da igreja devem apontar as pessoas para Jesus: Somos testemunhas para Ele, não para nós mesmos, ou para a nossa igreja local.

João 1:27 e 3:28-30 têm especial relevância. O objetivo da igreja deve ser o de testificar de Jesus, atrair pessoas a Ele, encorajá-las a segui-Lo, ajudá-las a amá-Lo e assim por diante.

Entretanto, sempre devemos nos lembrar de que não podemos testemunhar eficazmente de Jesus alicerçados em nossa força e capacidade. Precisamos da ajuda do Espírito Santo. João 15:18 nos lembra de que Ele é “A Testemunha” e nós somente podemos testemunhar eficazmente na medida em que permitimos que Ele trabalhe em nossas vidas. Em Atos 1:8, foi dito aos discípulos que deveriam esperar o poder do Espírito vir sobre eles antes que pudessem testemunhar com eficácia, e isso ainda é verdadeiro para a igreja hoje.

O evangelismo não é uma atividade especializada que a igreja deveria realizar apenas eventualmente – o evangelismo deveria caracterizar tudo que dizemos e fazemos. A verdade é que toda igreja sempre está testemunhando de Jesus; mas infelizmente, muito do que dizemos e fazemos traz pouca glória a Ele e afasta Dele muitas pessoas.

Alguns cristãos se surpreendem ao descobrir que a Bíblia contém poucos apelos para testemunhar depois do texto de Mateus 28:18-20. Isso porque o evangelismo de certa forma foi assumido na igreja primitiva e funcionava sem quaisquer técnicas, programas ou encorajamento especial.

O livro de Atos revela que a igreja inteira evangelizava o tempo todo. Ao contrário de hoje, o evangelismo da igreja primitiva não era forçado, relutante, indiferente, ocasional e ineficaz. Ao contrário, era automático, espontâneo, contínuo e contagioso!

Deus está preocupado em salvar pessoas e fazer discípulos, mas também está interessado em construir a Sua Igreja. Conforme definimos no volume *Glória na Igreja*, Ele quer que nos tornemos uma nova sociedade, uma comunidade viva que revele a Sua glória no mundo e para o mundo.

O propósito legítimo de Deus e o Seu objetivo supremo é que aqueles que Ele cria à Sua imagem deveriam ser uma comunidade de amor divino. Isso significa que, toda vez que as pessoas se comprometem com Cristo, elas também deveriam se comprometer com o Seu corpo, a Igreja. Como observamos, isso é parte da significância do batismo.

Em Atos 2:40-47, quando Pedro disse às pessoas o que fazer, elas obedeceram a Ele, os novos convertidos dedicaram-se ao ensinamento dos apóstolos e a viver em comunhão. Elas expressaram o seu compromisso com Cristo vivendo em Seu corpo.

Revelação

Vimos que as boas-novas são parte da revelação do próprio Deus. Isso significa que, no evangelismo, a Igreja revela Deus ao mundo. Sabemos que esse processo revelador deve incluir:

- Proclamação – pregação pública e testemunho pessoal
- Demonstração – curas, expulsão de demônios, milagres
- Encarnação – uma vida semelhante à de Cristo em meio aos feridos.

Em toda a série *Espada do Espírito* nós enfatizamos o princípio bíblico geral de que a revelação divina vem em muitas formas complementares que sempre concordam umas com as outras. Por exemplo, no volume *Fé viva*, definimos que Deus revela a Sua Palavra tanto por intermédio de Sua Palavra Pessoal, Jesus, como de Sua Palavra Escrita, as Escrituras, e estas são sempre absolutamente coerentes umas com as outras. Também vimos que as palavras *rhema* de Deus sempre se conformam à Sua Palavra *logos* – a Jesus e à Bíblia – e a todas as outras palavras *rhema*.

E, no volume *Ouvindo a Deus*, observamos que Deus nos fala numa variedade de formas, mas que Ele confirma a Sua Palavra

falando-nos de diversas maneiras diferentes, que sempre concordam umas com as outras.

Esse princípio de acordo também se aplica ao evangelismo. Deus tem o propósito de revelar as Suas boas-novas acerca de Si mesmo na Igreja e por meio dela usando diversas maneiras complementares que concordam umas com as outras. É por isso que a proclamação da Igreja nunca é suficiente – também deve haver uma demonstração e uma encarnação que confirmem o evangelho sendo proclamado e que a ele se conformem.

Observamos isso em Jesus, que revelou Deus e revelou a verdade acerca de Deus por palavras, atos e vida santa. Ele anunciou o evangelho verbalmente, demonstrou a mensagem visualmente e encarnou a mesma mensagem vitoriosamente.

E vemos isso no *parakletos*, o Espírito Santo, que nos fala as palavras de Deus, nos capacita a realizar atos de Deus e nos torna mais parecidos com Jesus em nossas ações e atitudes.

Isso significa que toda congregação deve assegurar que o evangelismo permeie cada parte de sua vida, e que revele plenamente as boas-novas de três maneiras básicas que complementam e se conformam umas com as outras.

1. Proclamação

Atos 2:11 revela que a Igreja teve início na adoração, enquanto Atos 2:14-40 mostra que ela passou para a pregação para espalhar as boas-novas. O Espírito veio sobre eles; os discípulos adoraram, mas as pessoas foram “compungidas” somente quando ouviram a Palavra proclamada no poder do Espírito.

O mesmo ocorre em Atos 3. Um homem foi curado pelo poder do Espírito e ele louvou a Deus, mas Atos 4:4 relata que foi a proclamação da Palavra que fez que as pessoas acreditassem.

A Bíblia revela que a igreja primitiva aproveitava cada oportunidade para proclamar a Palavra de Deus; vemos isso, por exemplo, em Atos 4:8-12; 8:4 e 19:8-20 – que registra um exemplo extraordinário da devoção de Paulo à Palavra e da maneira que Deus honrou a sua devoção.

Vimos que cada aspecto da proclamação evangelística da igreja deve estar fundamentado na Palavra de Deus – na Bíblia e em Cristo – mas que precisamos comunicar a mensagem do Rei aos perdidos em palavras e imagens que lhes sejam relevantes.

O livro de Atos usa pelo menos quinze palavras gregas diferentes para descrever a grande variedade de maneiras em que a igreja primitiva proclamava a Palavra de Deus. Por exemplo, a igreja primitiva:

- *Euangelizo*, “evangelizava” – Atos 8:4
- *Sugcheo*, “desconcertava” – Atos 9:22
- *Anaggello*, “anunciava” – Atos 20:20
- *Parakaleo*, “exortava” – Atos 2:40
- *Ektithemi*, “explicava” – Atos 28:23
- *Kerusso*, “anunciava” – Atos 10:37
- *Peitho*, “persuadia” – Atos 13:43
- *Kataggello*, “pregava” – Atos 17:13
- *Sumbibazo*, “provava” – Atos 9:22
- *Diaphero*, “divulgava” – Atos 13:49
- *Dialegomai*, “disputava” – Atos 17:2
- *Laleo*, “dizia” – Atos 13:42
- *Parrhesiazomai*, “falava ousadamente” – Atos 9:27 e 29
- *Didasko*, “ensinava” – Atos 18:11
- *Diamarturomai*, “testificava” – Atos 8:25.

Vimos que o sermão estereotipado da igreja moderna não se conforma à ideia bíblica de proclamação anunciadora do evangelho e esse vocabulário grego rico mostra que a igreja primitiva proclamava as boas-novas de todas as maneiras. Até certo ponto, não importava o modo como eles proclamavam – contanto que transmitissem as boas-novas ao pobre.

De alguma forma, as igrejas locais precisam recapturar essa prioridade, variedade e criatividade da proclamação do evangelho, de maneira que possam comunicar eficazmente e de forma relevante com o perdido em suas comunidades locais.

É óbvio que isso deve incluir a proclamação formal como pregação evangelística, serviços para os convidados, reuniões nos lares e apresentações teatrais, mas deve incluir também a

proclamação informal como trabalhos de rua, visitas de casa em casa, debates, perguntas e assim por diante.

O elemento mais importante, contudo, em qualquer proclamação da igreja, é o testemunho pessoal de crentes comuns que falam do evangelho por entre as cercas dos jardins e ao descer o corredor do prédio de apartamentos. Uma reunião evangelística da igreja não pregará ao convertido a menos que os seus membros estejam verdadeiramente no mundo, alcançando o perdido, fazendo-se amigo do ferido, falando de Jesus, demonstrando as boas-novas e transbordando com a vida de Deus.

2. Demonstração

No volume *Ministério no Espírito*, nós analisamos plenamente o modo que toda a igreja é chamada a demonstrar o evangelho em sinais e maravilhas. Por exemplo, nós definimos com certo nível de detalhe que:

- Qualquer crente pode ministrar
- Todos nós ministramos como servos simples e humildes
- É uma atividade espiritual distinta
- Os líderes devem equipar todos os membros para ministrar
- O ministério profético é a base do ministério
- Devemos ser disciplinados pelo Espírito Santo, depender de Sua unção, discernir o Seu programa de ação e demonstrar os Seus dons
- Podemos aprender a compartilhar com Jesus em Seu ministério de cura
- Podemos aprender a exercitar a autoridade de Jesus e expulsar demônios
- Podemos aprender a falar com autoridade profética e mudar a situação por meio de palavras ungidas de bênção ou julgamento
- Podemos aprender a transmitir o conselho de Deus

Por todos os Evangelhos e Atos, os ministérios de cura e libertação são aspectos essenciais do evangelismo da igreja. Por si próprios, os milagres de Jesus revelavam a compaixão e poder de Deus, mas também confirmavam o que Ele proclamava. As

ações de Jesus ilustravam a Sua anunciação. Elas mostravam que o Reino de Deus viera entre pessoas comuns, em grande poder e que estava amplamente aberto a cada um.

Além de ministrar, Jesus também treinava e enviava os discípulos e apóstolos a proclamar o Reino de Deus e curar o enfermo e libertar as pessoas dos demônios. Eles iam aos pares, de vilarejo a vilarejo, e serviam as pessoas que encontravam – anunciando as boas-novas e ministrando a cura de Deus e libertando-as das garras do maligno.

A igreja primitiva manteve esses chamados unidos. Os crentes proclamavam, curavam e expulsavam demônios. Quando alguém era curado ou liberto, oferecia-se uma explicação verbal que apontava para Jesus. Devemos orar e trabalhar duro para restabelecer esse padrão nas igrejas hoje.

3. Encarnação

Sabemos que Jesus vivia entre pessoas comuns e feridas de um modo que mostrava que Deus as aceitava e amava. Seu ministério de cura confirmava as boas-novas que Ele ensinava acerca do Reino, e demonstrava o amor divino que Seu viver entre elas sugeria.

Jesus andava entre os *ptochoi* para proclamar e demonstrar o evangelho. Ele não veio do céu com todo o esplendor e aclamação pública ao quais, enquanto Deus, Ele tinha o direito. Em vez disso, solidarizava-se com a humanidade vivendo como um homem comum, e sujeitando-se às mesmas pressões que todas as pessoas. A Palavra se fez carne. O evangelho era vivo. Via-se que as boas-novas aplicavam-se a todos os detalhes comuns de uma existência humana estressante.

Jesus vivia de uma maneira que os feridos podiam se relacionar com Ele e sempre Lhes estava disponível. Ele até se tornava amigo – sem um sinal de desdém – daqueles que eram rejeitados pela sociedade contemporânea. Isso significa que hoje o evangelismo de uma igreja local não pode ser totalmente removido desse contexto de “viver o evangelho entre os feridos”, sem alguma distorção da mensagem.

Em vez disso, o evangelismo da igreja local deveria se firmar no contexto de um estilo de vida coletivo, que facilite a proclamação do evangelho assegurando que toda a vida da igreja esteja focada no ferido, seja relevante para as suas necessidades e acessível a ele.

E assim como Jesus encarnou como um ser humano e atuou dentro de uma cultura específica, nós também devemos encarnar o evangelho em nossa cultura. Isso significa que a mensagem inalterável do evangelho deve ser traduzida em palavras e símbolos que a nossa cultura possa entender e também que possamos vivê-la nessa cultura. Em última análise, trata-se de envolver, moldar e redimir a sociedade – tanto como parte do próprio evangelismo, isto é, o trabalhar do evangelho na sociedade, como a preparação da sociedade para receber o evangelho. Quando cristãos começam a se envolver na política, arte, educação, negócios e outros setores de influência, nós colocamos paradigmas por meio dos quais podemos preparar as pessoas para aceitar o evangelho – bem como trazer de fato o evangelho ao “mercado” em que elas estão.

Preocupações práticas

Se uma igreja local quiser ser caracterizada pelo evangelismo bíblico eficaz, precisará tratar um conjunto de questões práticas. Embora possamos ser guiados por princípios bíblicos especiais, precisamos de direção especial do Espírito quanto à melhor ação em certas situações.

Mobilização

No evangelismo, como em todo aspecto da vida da igreja, os líderes têm a função divinamente indicada de liberar e equipar todos os membros para fazer a obra de Jesus Cristo.

Toda a Igreja é corpo de Cristo na terra, o que significa que a Sua vontade e ministério devem ser cumpridos por todo o Seu corpo. Se *todos* os membros de toda a igreja local não forem mobilizados e liberados para o evangelismo pessoal, o perdido nunca será alcançado naquela localidade.

A mobilização em massa com frequência requer uma transformação radical – especialmente em igrejas que acreditam que o ministro deve fazer tudo. A experiência mostra, contudo, que crentes podem ser mobilizados por uma mescla de oração, ensino, encorajamento e exemplo. Porém, isso não pode acontecer a menos que os líderes deleguem – e eles delegam apenas quando reconhecem que o seu chamado principal e a sua responsabilidade é equipar os seus membros para a obra de ministério.

A mobilização em massa no evangelismo requer planejamento e encorajamento. É preciso dar aos membros serviços específicos e com propósito. Eles precisam ser treinados e supervisionados; avaliados e encorajados – e depois disso, receberem responsabilidades ainda maiores. Deve haver planejamento e parceria. Isso é simplesmente Efésios 4:11-12 em ação.

Edifícios

Toda igreja tem de se reunir em algum lugar. Pode ser um lar, um salão alugado ou um edifício que tenha sido um lugar de adoração por séculos. Se uma igreja local quiser alcançar o perdido em vez de o salvo, deve pensar muito acerca de onde ela deve manter as suas reuniões evangelísticas.

Alguns edifícios tradicionais de igrejas não são mais acessíveis ao público em geral. Se o perdido não puder chegar facilmente a um edifício, não souber onde é, ele não virá. Se um edifício puder ser alcançado somente por aqueles que têm carros, o idoso e o pobre serão excluídos.

A maioria dos não cristãos na Europa Ocidental associa “igreja” com um tipo específico de edifício, mas as igrejas novas geralmente têm de se reunir em escolas, salões da comunidade, salas de hotéis e assim por diante. Esses lugares precisam evitar parecer com uma seita estranha e garantir que as suas placas e publicidade claramente os identifiquem como um grupo genuíno de cristãos.

Na medida do possível, os edifícios que usamos devem ter bom aquecimento no inverno e boa ventilação no verão; devem

ser bem iluminados e com assentos confortáveis. Não cristãos gostam de ir a locais agradáveis, logo, deveríamos tornar o nosso espaço o mais atrativo possível.

Algumas igrejas usam projetores cujas telas são ilegíveis para as pessoas que se assentam no fundo, para os idosos e para todos em um dia ensolarado! Ou então usam tantos livros e folhetos que os visitantes nunca sabem em qual página deveriam estar olhando. Esses tipos de detalhes são importantes. Se quisermos de fato alcançar o perdido, procuraremos saber a ideia que as pessoas da localidade têm de nós – e tomar atitudes para retificar quaisquer problemas.

Reuniões evangelísticas

As igrejas precisam atentar a todos os detalhes em suas reuniões – especialmente aquelas que focam o perdido. Devemos preparar cada aspecto de modo integral, confiando que o Espírito nos inspira antecipadamente.

Precisamos orar de antemão pela direção e bênção de Deus. Por si só, as orações de última hora simplesmente não são suficientes. É claro, sempre deveríamos estar prontos para ajustar os nossos planos no último minuto, caso fique claro que Deus tem algo diferente para fazermos ou dizermos.

Deveríamos oferecer uma boa recepção aos visitantes, e fazê-los se sentir à vontade bem rapidinho – sem ignorá-los ou supervalorizá-los. É válido lhes oferecer algum informativo e também alguns fatos acerca da igreja. Se quisermos verdadeiramente alcançá-los, nós os contataremos na semana seguinte.

Nenhuma reunião deve iniciar com atraso, conter muitos itens ou demorar demais. Muitas igrejas têm a tendência de ter sermão e louvor demorados demais, o que acaba sendo desagradável para os incrédulos. É muito melhor ter uma hora de reunião de alta qualidade – que deixa as pessoas com gosto de quero mais – do que duas horas de um esquema desestruturado onde todos têm a liberdade de vir e participar como quiser, deixando os espectadores exaustos ou entediados.

O estilo de reunião deve ser apropriado para o local, cultu-

ralmente relevante para os frequentadores e inclusivo. Muitos cultos contêm muito jargão e muitas frases que são incompreensíveis – ou simplesmente tolas – para não cristãos. Sempre devemos procurar garantir que a nossa linguagem seja simples, clara, acessível e sensível aos recém-chegados.

A música tem a obrigação de refletir a composição étnica e cultural das congregações. Porém, sempre deve haver um lugar para a música “de igreja”, já que os não cristãos se sentem mais à vontade quando há hinos que conheceram na infância.

Seja qual for o estilo usado, precisamos explicar constantemente as nossas diferenças aos nossos recém-chegados. Por exemplo, o levantar das mãos, oração em línguas e o gritar “aleluia” podem ser um alienador cultural. Contudo, uma explicação simples e breve pode quebrar essas barreiras.

Devemos buscar criar uma atmosfera descontraída em nossas reuniões, enquanto asseguramos uma boa estruturação. Tudo na reunião – as orações, notícias, canções, testemunhos, leituras e etc.– deve ser realizado com excelência, mas sem uma perfeição cirúrgica.

Os sermões evangelísticos devem ser claros, relevantes, simples, e *não longos demais!* Devemos aprender com Jesus. Ele apontava para as flores e falava de coisas que eram relevantes para as pessoas em uma sociedade agrícola. Precisamos ser igualmente relevantes para a nossa era e cultura.

É claro, a presença de Deus é a coisa mais importante que podemos ter em uma reunião. Um incrédulo pode entrar em uma sala equipada de maneira fria, ruim e pobre e ser tocado pela presença de Deus. Não é que essas coisas não importam, é que podemos ter carpetes maravilhosos, equipamentos fantásticos e não ter o poder de Deus.

Relacionamentos evangelísticos

A vida coletiva de uma igreja é revelação do evangelho tanto quanto um sermão emocionante e uma grande cura. As igrejas locais podem começar a construir relacionamentos evangelisticamente atrativos pela oferta de uma variedade de atividades

que ajuda as pessoas a ter contato umas com as outras, e com incrédulos fora dos cultos principais.

Seja qual for o tamanho da congregação, a igreja deve oferecer uma mescla de oportunidades que ajudem as pessoas a desenvolver relacionamentos. Por exemplo, células, grupos pequenos nos lares no meio da semana, às vezes, não são atrativos aos homens: Devemos reconhecer que as mulheres tendem a ficar à vontade nas casas, mas que homens não salvos preferem um bar, uma sala de hotel ou local de esporte.

Toda igreja precisa de uma mescla variável de pequenos grupos, atividades orientadas a objeto, atividades de esporte, grupos de interesse especial – oportunidades diferentes para a interação inclusiva. Como tudo o mais, é preciso ter pensamento criativo, encorajamento constante e planejamento cauteloso. Porém, as igrejas que se organizam por células – conforme discutimos no volume *Glória na Igreja* – estão maravilhosamente posicionadas para agarrar essas oportunidades.

Devemos nos lembrar de que a igreja revela a paixão de Deus pelas pessoas por meio de relacionamentos coletivos. A igreja tem a ver com Deus amando as pessoas, e bons relacionamentos de igreja revelam ao perdido as conquistas práticas da cruz como perdão e reconciliação.

Os seres humanos são extraordinários. Eles são imprevisíveis, controversos e imperfeitos; mas também são engraçados, amáveis e exclusivamente valiosos. São cheios de potencial divino – cada um conta mais que qualquer projeto, qualquer prédio, qualquer reunião. Devemos amá-los sem quaisquer qualificações ou precondições.

É claro que eles podem nos ferir e trair, assim como podemos machucá-los e frustrá-los. Porém, se deixarmos, eles nos abençoarão, edificarão a igreja e alcançarão o perdido. Se Jesus realmente morreu por eles, eles devem ser dignos de todo sacrifício que possamos fazer – e muito mais.

Vivemos em uma sociedade que desvaloriza as pessoas continuamente. Que nos isola socialmente. Que nos desnuda de nossa humanidade. Isso nos faz sentir insignificantes, sem im-

portância, irrelevantes. Todos nós nos sentimos bem melhor quando somos tratados com algum respeito e importância. A qualidade dos relacionamentos de nossa igreja deveria – nessa sociedade aflita– atuar como um ímã poderoso atraindo o ferido de volta para o amor curador de Deus.

Encorajamento

As igrejas que conseguem alcançar o perdido normalmente são cheias de encorajamento. Isso não deveria nos surpreender, pois o encorajamento é a essência do Espírito Santo. Na realidade, a palavra grega para encorajamento, *paraklesis*, é uma variante da palavra que Jesus usa em João 16:7 para apresentar o Espírito como um auxiliador, defensor, consolador ou *encorajador*.

Encorajamento significa ficar próximo das pessoas exatamente do modo que Jesus o fazia – e como o Espírito o faz. Significa encorajar as pessoas de forma gentil, porém constante, em suas vidas com Deus.

Atos 4:36 revela como José de Chipre recebeu o “apelido” de Barnabé porque era um grande encorajador. Atos 11:24 descreve Barnabé como “cheio do Espírito Santo”, e os capítulos de Atos 9:26-28; 11:19-26 e 12:25–13.5 mostram como ele andou ao lado das pessoas para encorajá-las, treiná-las e enviá-las ao evangelismo.

Se uma igreja local afirma ser cheia com o Espírito, o *Parakletos*, segue-se que ela deve ser caracterizada pela *paraklesis*. E se uma igreja dá ao *Parakletos* um lugar especial e honra, o encorajamento deve ser o seu aspecto mais dominante. Isso significa que se nos preocuparmos com as pessoas com o cuidado do Espírito, nós as apoiaremos, edificaremos e faremos tudo que pudermos para alcançá-las, recebê-las bem, treiná-las e enviá-las ao evangelismo pessoal.

Alguns líderes parecem pensar que a sua igreja evangelizaria com maior eficácia se tão-somente os membros fossem mais comprometidos. Eles enxergam o problema em termos da falta de compromisso das pessoas. Estão sempre dizendo ao seu povo que eles não oram o suficiente, não testemunham o sufi-

ciente, não dão o suficiente, e assim por diante. Contudo, nosso Deus caracteriza-se pela graça, não pela condenação.

Não devemos conduzir as pessoas com dureza demais ou depressa demais, a fim de que não se tornem ressentidas. Em vez disso, devemos deixar que elas caminhem no seu ritmo – devemos ser pacientes e trabalharmos devagar, porém persistentemente. Precisamos reconhecer a paciência de Deus conosco – quanto tempo Ele tem suportado o nosso jeito e as nossas ideias engraçadas, quanto tempo Ele tem tolerado os nossos erros e hábitos pouco proveitosos. Não devemos esperar que as pessoas mudem mais rápido do que nós mudamos!

Em vez disso, deveríamos lembrar a grande verdade evangélica de João 17:21 e pedir que Deus nos encha com o Seu amor, a Sua paciência e a Sua persistência; pois, no final, é a qualidade de nossos relacionamentos – a profundidade de nosso amor uns pelos outros – que convencerá o *kosmos* da verdade acerca de Jesus.

Parte Sete

Evangelismo e Discipulado

Cita-se a grande comissão em Mateus 28:18-20, com frequência, para justificar todos os tipos de atividades evangelísticas diferentes; contudo, essa comissão não foi uma instrução divina para pregar sermões “evangélicos” e obter conversões rápidas, foi um encargo para se fazer discípulos comprometidos.

Vimos que a mensagem evangélica de Jesus era o Reino, o governo pessoal de Deus. Isso significa que, em Sua proclamação, o chamado ao discipulado não veio após o chamado a Cristo; em vez disso, o chamado a Cristo era em si próprio um chamado ao discipulado – era “siga-me”, e não um “siga-me” à parte. Isso revela que o discipulado é uma parte integral do evangelismo bíblico, e não um opcional a mais que se agrega posteriormente.

O Novo Testamento contém poucas passagens – como 1Coríntios 1:1-2 e Hebreus 5:12-14 – que são direcionadas aos discípulos que ainda eram “bebês” em Cristo. Isso sugere que o evangelismo que não inclui discipulado completo não é apenas um fenômeno moderno!

Jesus com frequência se afligia com a vagareza de Seus discípulos em entender, rapidez em brigar e fraqueza em crer. Contudo, Ele se dedicava a ajudá-los a se desenvolver como discípulos aprendendo a reconhecer e confiar no governo pessoal de Deus.

O Novo Testamento registra a determinação do apóstolo Paulo de edificar igrejas que ficariam firmes contra toda oposição. Passagens como, por exemplo, Atos 20:20, 31; Colossenses 1:28-

29 e 1 Tessalonicenses 2:7-12 demonstram que o discipulado era uma parte fundamental de seu ministério evangelístico. De fato, quase podemos dizer que o evangelismo, para Paulo, não acabaria até que Efésios 4:12-13 estivesse ocorrendo.

Primeiros passos

Um novo relacionamento começa toda vez que uma pessoa começa a confiar em Jesus. O desejo mais sincero de todo cristão com o novo nascimento recente deveria ser tornar Jesus o juiz de cada parte de sua vida. Se eles ouvirem as notícias de que Jesus é o Rei ideal que todos precisam, deveriam começar a buscar a Palavra de Deus regularmente para entender os princípios sob os quais dirigir as suas vidas.

Espera-se que todo novo convertido também tenha ouvido a mensagem de que a salvação é um dom de Deus, e que os pecadores não podem fazer nada para salvarem a si mesmos. Uma vez que entenderem isso, os novos convertidos devem parar de querer fazer remendos para os seus pecados e falhas e começar a perceber que o seu novo relacionamento com o Salvador fundamenta-se na graça que Ele mostra para com as pessoas, que jamais podem ganhar ou merecer o Seu favor.

Se ouvirem o evangelho completo, os novos cristãos deveriam começar a desenvolver um relacionamento pessoal com o seu novo *Amigo*, que foi tentado de todas as maneiras que eles são, sem ceder ao pecado. Os discípulos que nutrem essa amizade descobrem que Jesus Se solidariza com as suas experiências porque, em princípio, Ele próprio passou por todas elas.

E, se arautos proclamavam verdadeiramente a mensagem do rei – sem omitir, alterar ou adicionar coisa alguma – os novos crentes deveriam começar a adorar o Deus verdadeiro; não um deus de sua imaginação, mas o Deus que é a verdade, a fonte de toda vida e amor.

Infelizmente, muitos cristãos “bebês” não são ajudados como deveriam, e ouvem um evangelho “menos que completo”. Deus ama essas pessoas empobrecidas, e busca levá-las à totalidade das boas-novas. Ao mesmo tempo, contudo, Ele espera que nós

levemos as pessoas à totalidade da luz de Seu Reino e à total liberdade que pertence, por direito, a todos os Seus filhos e filhas. Ele espera que façamos discípulos verdadeiros.

Obediência ao evangelho

No volume *Conhecendo o Pai*, vemos que Deus conclama os Seus discípulos a aceitar o Seu governo pessoal e a se comprometerem a viver em obediência ao evangelho: Este é o primeiro passo do discipulado e o mais básico.

Obediência ao evangelho não é uma obediência legalista a um conjunto de regras; é uma obediência disciplinada, pessoal, capacitada de momento a momento ao próprio Pai. Viver na graça do Pai significa viver em Sua vontade; e é a nossa obediência ao evangelho que nos mantém perto Dele – e de Seu poder, proteção, provisão e assim por diante.

Isso significa que a obediência ao evangelho é libertadora e não restritiva – pois nos mantém alinhados com a vontade do Pai, que sempre é uma vontade para a nossa liberdade, plenitude e bênção. É óbvio que esse tipo de obediência “especial” somente é possível quando começamos a conhecer o Pai pessoalmente, reconhecer a Sua voz e entender o Seu pensamento. Analisamos isso no volume *Ouvindo Deus*.

As Escrituras apresentam Deus e oferecem diretrizes básicas para cada aspecto da vida. Os discípulos precisam estudar a Bíblia inteira para entender a autorrevelação de Deus – e para entender como Ele quer que vivamos.

Nada de autojustificação

O equivalente espiritual de começar a obedecer a Deus é parar de nos justificarmos. Os novos discípulos precisam ser encorajados a admitir para Deus, para os outros e para si mesmos que eles são sérios pecadores cuja única esperança é confiar em Jesus totalmente como o seu Salvador pessoal.

Verdadeiros discípulos não ficam procurando justificar a si mesmos, ou querendo mascarar os seus pecados com um comportamento bom, devoção religiosa ou obediência aos

mandamentos de Deus. Em vez disso, eles obedecem a Deus pessoalmente, em gratidão pelo presente de perdão que já dessembrulharam – não na tentativa vã de obter perdão.

Andar no Espírito

Um terceiro passo básico de discipulado é aprender a andar no Espírito. Os novos discípulos precisam ser ensinados a permitir que o Espírito viva por meio deles; deixar o Espírito torná-los mais como Jesus; e aprender com Ele a como aplicar os princípios da Palavra de Deus a cada situação que enfrentarem.

Discípulos verdadeiros não procuram arduamente ser bons pelas próprias forças, pois isso é uma perda de tempo. Em vez disso, eles dependem conscientemente do Espírito para que Este faça o que é bom por meio deles. Eles permitem que o Espírito desenvolva o Seu fruto na vida deles, e que cresçam gradativamente em direção à perfeição como um resultado de sua confiança Nele. Nós examinamos esse aspecto no volume *Conhecendo o Espírito*.

Começar a adorar

O último passo básico é aprender a adorar. Novos discípulos precisam ser ensinados a expressar o seu amor a Deus. Eles fazem isso não apenas cantando louvores, mas também desenvolvendo os seus talentos e fazendo todas as suas tarefas diárias com a máxima habilidade e as oferecendo como uma oferta de perfume agradável a Deus. Estudamos isso na série *Espada do Espírito*, volume *Adoração em Espírito e em Verdade*.

Todos os discípulos precisam aprender como criar espaços em suas vidas para adorar a Deus com mais intimidade e obter Dele o sustento e a luz – de modo que possam brilhar no mundo com a *Sua* luz e amor.

De fato, podemos dizer que os discípulos são um pouco como a lua que por si só é quase morta, mas brilha na escuridão com a luz refletida pelo sol. A lua fica em eclipse quando a terra se coloca entre ela e o sol; e há escuridão espiritual nos discípulos quando o mundo se coloca entre eles e Deus.

Porém, o sol entra em eclipse quando a lua se coloca entre ele e a terra e há escuridão espiritual semelhante na terra quando os discípulos tomam para si a celebridade e atrapalham a passagem da luz de Jesus para o mundo – atraindo a atenção para si mesmos em vez de refletir a Sua glória.

Submisso a Deus

No volume *Conhecendo o Filho*, vemos que uma das características mais marcantes da vida de Jesus é a Sua submissão ao Pai, e que esse é um segredo chave para a Sua autoridade. Observamos essa submissão, por exemplo, em Mateus 26:39 e 1Coríntios 15:28. Por conseguinte, aqueles discípulos que querem exercitar a mesma autoridade que Jesus devem primeiro aprender a se colocar sob a autoridade de Deus: *Devemos ser o que Jesus foi, fazer o que Jesus fez*. Tiago 4:7 nos lembra de que a capacidade de resistir ao diabo e exercitar autoridade espiritual é conferida àquele que se submete a Deus.

Um princípio semelhante se aplica no serviço. Jesus era totalmente dedicado a fazer a vontade do Pai servindo as pessoas entre as quais Ele fora colocado e às quais fora enviado. Foi fazendo isso que Ele recebeu todos os recursos divinos que precisava para a Sua missão.

O mesmo ocorre hoje. Os discípulos que querem servir como Jesus serviu devem primeiro se submeter à vontade de Deus, conforme ela se manifesta no cenário sociológico e geográfico. Eles devem começar servindo as pessoas que estão naturalmente à sua volta, e então podem partir para servir aqueles a quem são claramente enviados por Deus. Devemos lembrar que não escolhemos onde e quem queremos servir!

Os Evangelhos apresentam Jesus como um líder eficaz de homens e mulheres: Ele convocou as pessoas a segui-Lo e elas obedeceram voluntariamente. A submissão total de Jesus ao Espírito Santo foi o segredo de Sua liderança sobre outros – e o mesmo se aplica a nós. Os discípulos que desejam ser líderes eficazes ou exemplos extraordinários primeiro devem aprender a ouvir e seguir as sugestões do Espírito Santo.

Por exemplo, Jesus foi ungido com o Espírito antes dos grandes milagres que revelaram a Sua glória e depois, após receber o Espírito, Ele orou e esperou no deserto antes de iniciar o Seu ministério.

Os apóstolos seguiram o mesmo padrão. Jesus soprou sobre eles o Espírito, mas eles tiveram então de esperar em Jerusalém até que fossem cheios com poder do alto. Da mesma maneira, discípulos modernos que desejam compartilhar a vida de Deus e irradiar a Sua glória também devem se submeter ao padrão divino de receber o Seu Espírito e pacientemente esperar o tempo certo de Deus para ministrar em poder.

Submisso às pessoas

A submissão de Jesus a outras pessoas talvez seja o aspecto mais inesperado de Sua vida. Ao demonstrar o Reino dos Céus, Jesus mostrou aos Seus discípulos o que significa ser um cidadão da terra.

Então, Ele submeteu-se humildemente aos Seus pais, ao seu primo João, à adoração semanal na sinagoga, às autoridades romanas e judias quanto ao pagamento de impostos, aos sumo sacerdotes, a Pilatos e aos cravos da cruz.

Como um humano, foi colocando a Si mesmo sob autoridades humanas dessa forma que Jesus ganhou o direito próprio de exercer autoridade. Segue-se que aqueles discípulos que buscam viver e ministrar com a autoridade de Jesus, devem viver como Ele viveu – voluntariamente sob a autoridade de outras pessoas.

Dependência

Jesus também dependia de outras pessoas. Ele dependeu de Seus pais, Seu primo e das mulheres que o mantinham financeiramente. Ele aceitou o serviço daqueles que O acompanhavam em suas viagens. Ele permaneceu com pessoas que desejavam cuidar Dele. Ele valorizou a amizade e o companheirismo dos discípulos – especialmente os três mais próximos. E Ele precisou de Simão de Cirene para carregar a cruz para Ele.

A dependência que Jesus tinha de outras pessoas, bem como do Pai e do Espírito, revela um princípio básico de serviço cristão. Os discípulos que desejam dar precisam estar dispostos a receber;

os que desejam ministrar devem ser capazes de aceitar ajuda; e os que desejam servir devem depender todo o tempo de outras pessoas para o apoio e recursos que precisarem.

Esse princípio importante se aplica em muitas outras áreas do discipulado. Não podemos nos tornar líderes eficazes de pessoas até que tenhamos aprendido a seguir outros homens e mulheres. Até os apóstolos devem sempre permanecer discípulos – eles nunca devem parar de aprender, seguir, ouvir e receber de outras pessoas.

E os discípulos não podem oferecer o amor de Deus ao mundo a menos que tenham primeiro recebido esse amor por meio de outros cristãos. Deus pode derramar o Seu amor em nossas vidas pelo Espírito, mas geralmente Ele envolve um parceiro humano no processo. O discipulado envolve aprender a receber a verdade e o amor de Deus por meio de outros discípulos, a fim de que possamos transmiti-los ao mundo.

Ungido com o Espírito

Jesus não se submeteu somente por se submeter. Ele se submeteu para que pudesse exercer autoridade, servir de modo sacrificial, liderar com perfeição e revelar a glória de Deus. Porém, somente submissão não era suficiente: Jesus tinha também de ser ungido com o Espírito.

O mesmo ocorre hoje. A unção com o Espírito é dada a fim de possibilitar que discípulos submissos vivam com a eficácia de Jesus – embora nenhum de nós consiga viver com a Sua constância como pessoas cheias com o Espírito.

No volume *Conhecendo o Espírito*, vemos que Deus inunda os discípulos com o Espírito para uma porção de propósitos. Por exemplo, a Sua unção santa os equipa com autoridade do Reino sobre enfermidades e poderes malignos; ela nos dá poder para proclamar o evangelho com eficácia divina e nos apresenta uma vida de serviço que segue o exemplo da própria vida de Jesus.

Quando Jesus foi ungido com o Espírito em Seu batismo, Deus enfatizou o elo entre o Espírito e o serviço sacrificial de duas maneiras claras. Ele inspirou João a apresentar Jesus como o Cordeiro de Deus, e enviou o Espírito na forma de uma pomba.

O Cordeiro implicava que Jesus era ungido para ser o maior sofredor de todos os tempos. A pomba apontava tanto para Jonas (esse nome significa “pomba”) cujo serviço envolvia grande sofrimento, e para sacrifício (a pomba era uma oferta alternativa para judeus pobres demais para poder arcar com um cordeiro ou cabrito).

O mais importante, Deus unge discípulos com o Espírito para ajudá-los a viver uma vida que vá em direção à perfeição, e para capacitá-los a entender as pessoas com o entendimento e empatia de Cristo.

O Espírito é o *parakletos*, o que é chamado a estar ao lado e Ele chama os discípulos a se aproximarem daqueles com quem eles têm pouco em comum, ou até mesmo discordam profundamente. Ele é o “Conselheiro”, logo, qualquer unção Nele tem a probabilidade de ajudar os discípulos a trazer o conselho de Deus às pessoas. E Ele é o “Consolador”, então Ele ajuda naturalmente os discípulos a consolar e encorajar as pessoas, até mesmo aqueles que os discípulos nem gostam.

O Espírito vive para dar glória a Deus, logo, a unção dos discípulos nos capacita a refletir o amor de Deus, brilhar com a Sua verdade e amor, mostrar mais e mais de Sua glória e focar toda a atenção Nele.

A vida cheia com o Espírito

Em 2Timóteo 1:7, o apóstolo Paulo destaca várias características que deveriam começar a se desenvolver em cada discípulo que é cheio com o Espírito.

Os discípulos não deveriam ser tímidos. Quando Jesus foi preso, os Seus discípulos O abandonaram e fugiram; mas houve uma grande mudança depois de Pentecostes. Não importava o quanto eram açoitados e encarcerados, eles jamais paravam de proclamar as boas-novas acerca de Jesus.

Muitos discípulos são naturalmente tímidos e reservados: A unção do Espírito não os torna extrovertidos, simplesmente os capacita a vencer a timidez e constrangimento e a falar de Jesus aos seus amigos.

Os discípulos deveriam ser cheios com *o poder do Espírito* (a

palavra grega é *dunamis*, da qual se deriva “dinamite”). Não se trata de um sopro de destruição, mas uma instrumentação constante para derrotar e rejeitar Satanás, permanecer firme frente ao ridículo e à perseguição, superar o medo e falar de Jesus, fazer as obras poderosas de Deus. Esse poder instrumental não resulta de entusiasmo natural ou força de caráter; ele vem somente do todo-poderoso Espírito – e todo novo discípulo precisa ser auxiliado a receber a Sua força.

Os discípulos devem ser dominados pelo *amor do Espírito*. Quando o Espírito vier sobre os discípulos, estes devem começar a amar a Deus como nunca amaram antes. Eles devem descobrir que os seus corações cresceram na direção de outros cristãos – mesmo aqueles com temperamentos diferentes e de tradições não conhecidas – e na direção dos feridos deste mundo.

Repito, não se trata de amor humano natural, é o amor pessoal de Deus que é derramado em nossos corações pelo Espírito Santo. É o tipo de amor que continua amando independente de quanto a resposta ou reação seja desencorajadora.

E os discípulos devem ser caracterizados *pelo autocontrole* ou autodisciplina *do Espírito*. Esse é o símbolo do Espírito de servo que capacita os discípulos a negar a si mesmos no serviço de Deus e das pessoas.

Paulo mostrou essas qualidades de discipulado em sua obra evangelística e em seus muitos sofrimentos pelo evangelho e os atribuiu à obra do Espírito Santo em sua vida. É absolutamente crucial que o Espírito seja proclamado nas boas-novas, de modo que cada novo discípulo saiba a importância de se abrir a Ele e buscar a Sua unção.

Discipulado sacrificial

O chamado ao discipulado não é algo que Deus faz somente no início da vida cristã, pois Ele está sempre chamando os Seus discípulos a um discipulado mais objetivo – e isso sempre envolve sacrifício. Passagens como a de Lucas 9:23 mostram que nunca pode haver eficácia cristã real sem o elemento real do discipulado sacrificial.

Por isso, Deus chama os novos súditos de Seu Reino a sacrificar a orgulhosa vontade própria, e aprender a obedecer e submeter – de modo que Jesus possa exercer a Sua autoridade celestial por meio deles. Ele ordena Seus súditos a obedecer:

- As ordens em Sua Palavra, a fim de que possam viver no *kosmos* pela autoridade de Sua Palavra
- As sugestões de Seu Espírito, a fim de que possam ter autoridade sobre o mal e a enfermidade no poder do Espírito
- Uns aos outros em Sua igreja, a fim de que possam servir com sua autoridade na igreja
- As estruturas sociais, a fim de que possam estabelecer o Reino na terra

Deus chama os Seus novos servos a sacrificar a sua orgulhosa autoconfiança para aprender a depender e aceitar ajuda – a fim de que Jesus possa servir mais eficazmente por meio deles. Ele diz aos Seus discípulos para depender:

- Das promessas de Sua Palavra, a fim de que possam servir no mundo de acordo com os padrões exigentes de Sua Palavra
- Da liderança do Espírito, a fim de que possam servir ao ferido no poder do Espírito
- De outros crentes, a fim de que eles possam servir uns aos outros na Igreja
- Da sociedade em que foram colocados, a fim de que possam servir às pessoas a sua volta

Deus chama os Seus novos amigos a sacrificar a sua orgulhosa autoconfiança para aprender a seguir um exemplo, a fim de que Jesus possa usar as suas vidas como um exemplo para inspirar outras vidas. Ele chama os Seus amigos a aceitar:

- Seu exemplo na Palavra, a fim de que possam demonstrar a semelhança de Jesus ao mundo
- Seus encorajamentos do Espírito, a fim de que possam encorajar outras pessoas a ser como Ele
- Sua correção por meio uns dos outros na igreja, a fim de que possam suportar uns aos outros na igreja
- Tudo que é bom na sociedade, de modo que possam mostrar os Seus padrões e aprovação na comunidade local

E Deus também chama os Seus novos filhos e filhas a sacrificar a sua orgulhosa centralidade em si mesmos para aprender a adorar e aceitar a vida eterna a fim de que possam demonstrar a natureza eterna de Deus. Ele deseja que os Seus filhos recebam:

- Jesus como o Filho de Deus que é revelado na Palavra, a fim de que possam proclamar a Sua verdade eterna ao mundo
- A unção do Espírito, para que possam brilhar com luz eterna nas escuridões do mundo
- Seu amor por meio uns dos outros na Igreja, a fim de que eles possam desfrutar o Seu amor divino uns pelos outros na Igreja
- Ideias a respeito da natureza da vida a partir de Sua criação, para que possam cuidar de cada aspecto da criação com o cuidado do Seu amor

Todos os novos cristãos precisam de encorajamento e ensino para entender a plena largura e profundidade do discipulado. Muitas igrejas enfatizam alguns desses elementos, mas precisamos ajudar as pessoas a abraçar todo o conjunto.

Nesse sentido, é essencialmente importante que as igrejas consolidem os novos crentes na fé tão logo eles assumam um compromisso com Cristo. Isso significa firmá-los na fé a fim de que permaneçam firmes como cristãos e não retornem ao mundo. Na prática, isso se traduz em investir tempo com novos crentes e ensiná-los o básico acerca do discipulado cristão. Significa alicerçá-los no ensino rudimentar como arrependimento e fé, batismo nas águas, recebimento do Espírito Santo e pertencimento à família de Deus – e ver isso realizado em suas vidas. Significa ajudá-los a experimentar a nova vida em Cristo encontrando segurança e consolo em Sua salvação. Significa mostrar-lhes como viver livre das algemas que outrora os prendia. Significa ajudá-los a encontrar o seu lugar na igreja. Significa ensiná-los a compartilhar a fé e direcioná-los ao serviço e ministério. As igrejas que têm um programa coordenado de consolidação estão propícias a ver esses objetivos realizados e,

no final, ver os novos convertidos se tornarem discípulos comprometidos.

Unidos na Igreja

Toda vez que um novo crente vem para Jesus e começa a crer Nele, um novo relacionamento se inicia – não apenas com Deus, mas também com todos os outros cristãos na Igreja universal.

Efésios 2:15-16 revela que a morte de Jesus uniu judeus e gentios fazendo de duas entidades uma só, e que o grande propósito da cruz era criar uma Nova e única Pessoa por meio da reconciliação e para ela. Isso significa que todo discípulo tem um relacionamento pessoal com Deus e está organicamente unido a todos os outros crentes na Igreja universal.

Analisamos a natureza coletiva essencial da Igreja no volume *Glória na Igreja* e estudamos passagens como 1Pedro 2:9; 1Coríntios 1:2; 3:9-17; 2Coríntios 11:2 e Efésios 1:23. Essas passagens revelam que discípulos são aqueles que foram cuidadosamente escolhidos entre todos os outros para ser a noiva amada do Filho de Deus. Ele de fato nos escolheu. A Sua Palavra não pode ser quebrada, o Seu amor nunca falha. E nós, a noiva escolhida, compartilharemos a herança de todas as coisas do Filho.

1Pedro 2:9 foi escrita originalmente por discípulos que estavam enfrentando perseguição, por pessoas para as quais havia a probabilidade de se pedir que servissem a Jesus dando as próprias vidas. Por isso Pedro as chamou de sacerdócio real, para mostrar que elas estavam servindo ao Rei ao servir de modo sacrificial o povo do Rei de todas as formas possíveis. Elas estavam enchendo a si mesmas, templo santo de Deus, com sacrifícios sacerdotais de louvor, oração e ação de graças.

Em qualquer país com monarquia, servir a família real no palácio real é considerado um grande privilégio, então deve ser uma honra incalculável servir ao Rei dos reis – mesmo que envolva martírio. De algum modo, precisamos comunicar esse elevado senso de honra e privilégio a todos os novos crentes.

Os discípulos também formam uma nação santa. Isso significa que fomos separados para uma vida coletiva de dedicação e consagração. A imagem favorita que Paulo tinha da Igreja, “o corpo”, mostra que os discípulos foram recriados no corpo de Cristo, de modo que Ele pudesse continuar vivendo a Sua vida perfeita na terra por meio deles.

E os discípulos são pessoas que pertencem a Deus: Somos a Sua Igreja, cidadãos do céu e filhos do Reino. Estamos sujeitos às leis de Deus e somos direcionados pelo Espírito. Simplificando, somos do Senhor.

Preparados para o serviço

Vimos em Efésios 4:12 que todos os líderes eclesiais são chamados primeiramente a preparar toda a igreja para o serviço. No volume *Ministério no Espírito*, observamos que a palavra grega que é usada aqui, *diakonia*, significa serviço prático, servil, modesto, serviço de lavar pés.

Cada discípulo deve servir a Deus, a outros discípulos e ao mundo, mas os líderes eclesiais precisam assegurar que a igreja como um todo se caracterize por esse tipo de serviço humilde.

Em suma, podemos dizer que o propósito principal do discipulado é desenvolver conjuntamente os discípulos na Igreja e equipá-los para servir junto no mundo. Em nossa proclamação das boas-novas, precisamos anunciar um discipulado completo que se lembre que Deus quer que todos os discípulos, toda Sua Igreja amada:

- Demonstrem que Jesus é o Rei dos reis obedecendo a Sua Palavra, agindo com a Sua autoridade e dependendo de Seu nome
- Mostrem que Jesus é o Salvador do mundo dependendo de Sua morte, servindo com eficácia e dependendo de Seu sangue
- Deixem claro que Jesus é o ideal humano seguindo as Suas pisadas, liderando com a Sua perfeição e imitando o Seu exemplo

- Revelem que Jesus é o verdadeiro Deus compartilhando a Sua vida, brilhando com a Sua luz, falando com a Sua verdade e mostrando o Seu amor

O discipulado cristão será agradável – será boas-novas verdadeiras do evangelho – quando a Igreja começar a viver e servir dessa maneira. Haverá de fato glória na Igreja e todo o *kosmos* será cheio com a glória de Deus, como as águas cobrem o mar. Pois nada atrai mais as pessoas a Deus, nada tem mais impacto evangelístico do que vidas que realmente são semelhantes a Cristo.

Parte Oito

Evangelismo e o Espírito

Embora o título completo do quinto livro do Novo Testamento seja “Atos dos Apóstolos”, provavelmente seria mais preciso chamá-lo de “Atos do Espírito por meio dos Apóstolos”.

O livro de Atos começa com um grupo agitado de aproximadamente 120 discípulos iletrados espremendo-se para orar em uma sala particular e continua descrevendo como eles se tornaram um corpo de testemunhas poderosas que venceram uma oposição violenta e uma perseguição rancorosa para estabelecer uma igreja florescente em todo o Império Romano.

O grande poder de Deus pode ser visto em cada página de Atos, na medida em que pessoas são curadas, libertas, convertidas, capacitadas e transformadas em testemunhas confiáveis do Cristo ressurreto. E o poder do Espírito Santo é sempre a razão principal para a eficácia dos discípulos.

Há mais de cinquenta referências ao Espírito em Atos – 1:2, 5, 8, 16; 2:4, 17-18, 33, 38; 4:8, 31; 5:3, 9, 32; 6:3, 5, 10; 7:51, 55; 8:15, 17-19, 29, 39; 9:17, 31; 10:19, 38, 44-47; 11:12, 15-16, 24, 28; 13:2, 4, 9, 52; 15:8, 28; 16:6,7; 17:16; 18:5, 25; 19:2, 6, 21; 20:22-23, 28; 21:4, 11 e 28:25. Uma leitura cuidadosa dessas passagens enfatiza o elo vital entre o evangelismo bíblico e o Espírito Santo.

O Espírito e testemunha

No volume *Conhecendo o Espírito*, observamos que testemunha é a essência do Espírito Santo. João 15:26-27 mostra que os dois grandes propósitos do Espírito são:

- Testificar de Jesus
- Ajudar-nos a testemunhar de Jesus

João 16:8-11 revela o chamado do Espírito para convencer o mundo:

- Do pecado
- Da justiça
- Do juízo

E Atos 1.8 promete que a unção do Espírito resulta em os discípulos se tornarem testemunhas poderosas.

No volume *Conhecendo o Espírito*, definimos que o Espírito sempre traz mudança decisiva. Ele quer nos encher com poder, nos ajudar a nos tornarmos puros, nos levar a realizar a obra de Jesus e nos capacitar a viver em Sua presença e Ele quer fazer tudo isso de modo *que possamos conhecer melhor Jesus e torná-Lo mais bem conhecido*.

Todas essas grandes obras do Espírito, contudo, relacionam-se ao Seu propósito primeiro de testemunhar. Percebemos que em Lucas 4.18 Jesus afirmou ter sido ungido com o Espírito para evangelizar o ferido. E observamos exatamente o mesmo propósito por trás da unção em todo o restante do Novo Testamento – toda vez que as pessoas são cheias ou unguidas com o Espírito Santo, o evangelismo eficaz logo começa a acontecer.

Passagens como Atos 2:41-47; 4:31-33; 6:10; 9:17-28; 10:44-46; 13:9-12; 19:6-20; 1 Tessalonicenses 1:5-8; Hebreus 2:4 e 1 Pedro 1:12 revelam que magnificar a Deus e testemunhar de Jesus eram a consequência natural de grupos ou indivíduos que recebiam o Espírito Santo.

Podemos dizer que o desejo de evangelizar foi inserido na Igreja pelo Espírito. Em Pentecostes, a igreja tornou-se uma igreja que testemunhava naturalmente porque o Espírito que testemunhava continuamente veio sobre ela. Observamos isso em passagens como Atos 4:20. De fato, o Novo Testamento implica que, toda vez que o Espírito está presente em poder, a obra evangelística da Igreja flui de modo natural, espontâneo e eficaz.

Atos 5:28 mostra que do Pentecostes em diante o evangelismo simplesmente aconteceu. Contudo, como já observamos,

aconteceu sem quaisquer encorajamentos apostólicos ou exortações para “ir e proclamar o evangelho”. Até Atos 11 e 15, que relatam os debates da igreja primitiva acerca do evangelho e dos gentios, não se referem à Grande Comissão; em vez disso, eles simplesmente mencionam a obra do Espírito, e relatam que a igreja foi encorajada a reconhecer a Sua obra.

Isso é tão importante quanto relevante. Igrejas locais não precisam de mais chamados para a missão, mais exortações para evangelizar, mais lembretes da Grande Comissão ou mais instrução de técnicas evangelísticas. Em vez disso, precisam mais do Espírito que testemunha. Sua unção transformará qualquer igreja em uma comunidade eficaz de testemunho.

Jamais devemos esquecer que é totalmente inútil querer alcançar o perdido, proclamar o evangelho ou procurar qualquer forma de evangelismo sem a Sua presença, a Sua direção e o Seu poder ilimitado.

O Espírito e o poder

À primeira vista poderia parecer que os discípulos que curaram o enfermo, expulsaram demônios, acompanharam Jesus por três anos e viram a prova física da ressurreição estariam mais do que suficientemente equipados para serem testemunhas. Não foi assim.

Eles tinham experiência, treinamento e conhecimento, mas lhes faltava a única qualificação aceitável – o próprio poder de Deus, o poder do Espírito Santo. Em Lucas 24:48-49 e Atos 1:4-8, Jesus prometeu que a unção com o Espírito remediará essa deficiência.

E por causa dessa instrumentação do Espírito, os discípulos puderam produzir a prova de que Jesus estava vivo. Eles fizeram isso pregando com convicção – 1 Tessalonicenses 1:5; a evidência de suas vidas transformadas – 1 Tessalonicenses 1:8-10; e sinais e maravilhas – Romanos 15:18-19.

As três mil pessoas que foram convertidas em Pentecostes foram o resultado do poder do Espírito fluindo por intermédio dos 120 discípulos. Porém, Pentecostes era só o começo; na medida

em que avançamos em Atos, podemos vislumbrar como o evangelho foi proclamado pelo poder do Espírito. Atos 4:33; 6:8 e 10:38 ilustram a centralidade de Seu poder no testemunho da igreja.

A palavra grega usual para poder é *dunamis*: Isso aponta para uma energia que muda todas as coisas. É o poder instrumental e sobrenatural de Deus pelo qual os milagres acontecem, a testemunha se torna eficaz e os discípulos são fortalecidos para suportar perseguição e adversidade.

O Novo Testamento mostra que o poder *dunamis* do Espírito tem uma ampla variedade de aplicações. Por exemplo, o Novo Testamento revela que o poder de Deus capacita os discípulos:

- A serem uma testemunha de Jesus – Atos 1:8
- A testemunhar a ressurreição de Jesus – Atos 4:33
- A fazer grandes sinais e maravilhas – Atos 6:8
- A fazer o bem e curar – Atos 10:38
- A abundar em esperança – Romanos 15:13
- A realizar sinais e maravilhas poderosos – Romanos 15:18-19
- A falar e pregar – 1Coríntios 2:4-5
- A suportar dificuldades – 2Coríntios 6:6-10
- A regozijar na fraqueza – 2Coríntios 12:9
- A ser fortalecido para conhecer o amor de Deus – Efésios 3:16
- A permanecer firme contra o inimigo em oração – Efésios 6:10-18
- A anunciar o evangelho – Filipenses 4:10-15 e 1 Tessalonicenses 1:5
- A ser paciente – Colossenses 1:11
- A compartilhar os sofrimentos de Cristo – 2Timóteo 1:8

Poder para proclamar

No Antigo Testamento, a unção do Espírito deu aos profetas o poder de receber, entender e falar das ideias de Deus. Pelo Espírito, eles sabiam o que Deus queria que dissessem e eles tinham o Seu *dunamis* para dizê-lo em público.

No Novo Testamento, o Espírito Santo ainda capacitou crentes ungidos a saber o que dizer e a falar com um poder que eles não possuíam naturalmente. Observamos isso em 1Coríntios 2:4.

Atos 2:4 mostra que, quando os discípulos foram cheios com o Espírito Santo, Este lhes deu o “discurso”. Essa é a palavra grega *apophtheggomai* – que literalmente significa “falar a” e transmite a ideia de fazer uma afirmação em público – é usada somente aqui e em Atos 2:14 e 26:25.

Isso significa que o “discurso” em Atos 2:4 foi uma instrumentação para falar às pessoas que o Espírito partilhou especificamente: Foi o “levanta e vai” para testificar a outras pessoas acerca de Jesus – e essa instrumentação para testemunhar verbalmente é dada a todos os crentes que são cheios com o Espírito Santo.

Poder para milagres

Em toda essa série *Espada do Espírito* nós enfatizamos a relevância dos profetas do Antigo Testamento. Pessoas como Moisés, Elias e Eliseu – que foram ungidos com o Espírito – descobriram que Deus capacitou seu discurso público e que também operou milagres por meio deles.

O mesmo ocorre no Novo Testamento. Mateus 21:11, 46; Marcos 6:4-15; Lucas 7:11-17 e João 7:40 mostram que as pessoas assumiam que Jesus era um profeta por causa dos milagres. Elas reconheciam que os sinais e maravilhas significavam que Deus estava com Jesus de um jeito especial e elas assumiam que Jesus deveria ser outro profeta ungido com o Espírito.

Atos 6:8 mostra que esse poder instrumental foi a chave para os milagres de Estêvão e Romanos 15:18-19 destaca que a instrumentação para o discípulo operar o milagre é sempre o poder do Espírito de Deus.

É importante que lembremos que o Espírito dá poder para milagres essencialmente no contexto de evangelismo. No Novo Testamento, sinais e maravilhas são dados principalmente para convencer as pessoas de que a mensagem acerca de Jesus é verdadeira.

É claro, Deus também cura porque se preocupa com pessoas doentes, mas o contexto é essencialmente evangelístico – mesmo quando crentes são curados.

Em Atos, os milagres têm um papel chave no evangelismo, por exemplo:

- Após a cura do homem coxo, Pedro e João foram presos e reprimidos, mas muitos dos que ouviram a explicação de Pedro acerca do milagre tornaram-se crentes
- A consequência da cura de Saulo foi a sua pregação em Damasco que levou ao seu futuro produtivo
- Quando Enéas foi curado, “todos que viviam em Lídia e Saron o viram, e todos eles foram convertidos ao Senhor”
- Todos em Jope ouviram da ressurreição de Tabita, “e muitos creram no Senhor”

Em Atos, o evangelismo eficaz é atribuído:

- Quatorze vezes – a milagres e proclamação juntos
- Seis vezes – somente a milagres
- Uma vez – somente à proclamação (isso foi em Corinto – embora 1Coríntios 1:17 e 2:14 sugeriram que muito mais aconteceu do que Lucas registra em Atos 18)

Isso enfatiza o que definimos no volume *Ministério no Espírito*, de que um contexto certo e natural de cura segue ao lado da proclamação das boas-novas. Vemos isso, por exemplo, em Romanos 15:18-19.

Poucas pessoas curadas no Novo Testamento eram seguidoras de Cristo à época. Paulo, Lázaro e Tabita foram discípulos e provavelmente também o foram Enéas, Êutico e a sogra de Pedro.

As outras 32 pessoas que o Novo Testamento descreve como sendo curadas pelo poder do Espírito não parecem cristãs na época da cura. Isso destaca a ideia de que o evangelismo é o principal contexto que o Espírito escolhe para trabalhar com milagres poderosos.

Poder para a batalha

Efésios 6:10-20 e 1Pedro 5:8 revelam que todos os cristãos estão envolvidos em uma batalha com as forças das trevas. Podemos nos sentir fracos e insuficientes quando pensamos em todo o mal e sofrimento do mundo, ou quando lutamos contra alguma tentação pessoal comum, ou quando procuramos responder às objeções das pessoas à nossa fé. Porém, passagens como 2Coríntios 10:4-6 prometem que o Espírito nos dá todo o poder que precisamos para esse tipo de guerra espiritual.

O Espírito não nos capacita apenas para proclamar o evangelho e demonstrá-lo em atos, Ele também nos capacita a viver vitoriosamente para Jesus. Ele nos capacita a fazer o que sabemos que devemos fazer e desejamos sinceramente fazer, porém, não temos a força.

Ele nos dá poder para dizer “não” aos desejos de seja lá o que for que “o mundo, a carne e o diabo” pareçam oferecer – sejam vícios óbvios do tipo que nos tornam adictos ou menos óbvios como a ambição e a lisonja. E Ele nos dá a Sua instrumentação para sermos pacientes com as pessoas, para controlar os nossos temperamentos, nos mantermos firmes sob pressão, amarmos o não amável – ou seja, fazer todas as coisas que o inimigo tenta garantir que não façamos.

Os problemas comuns da vida podem parecer devastadores, mas Deus nos dá a Sua graça e o Seu *dunamis* para que possamos vencer as nossas fraquezas e problemas. 2Coríntios 12:9-10 nos ajuda a colocar os nossos problemas em perspectiva e pensar neles biblicamente.

De vez em quando, no evangelismo, temos de clamar a Deus, implorando que Ele nos ajude, nos fortaleça, nos dê poder para falar e agir da forma correta, nos tornar iguais às pressões que enfrentamos. Podemos ter certeza de que o poder instrumental do Espírito é tudo que precisamos para aguentar e vencer.

A oração de Paulo por *dunamis*, em Efésios 3:16, deveria ser a nossa oração constante – tanto para nós mesmos como para aqueles a quem amamos e servimos. Necessitamos desesperadamente do poder instrumental do Espírito para nos ajudar a retroceder as fronteiras do maligno na sociedade, para alcançar o perdido com as boas-novas e para estabelecer o Reino de Deus em nossa localidade.

Poder para a perseverança

A maioria dos crentes conhece algumas das promessas de Deus. Porém, precisamos do poder do Espírito para traduzi-las em uma experiência tangível que nos encha com jubilosa esperança face à frustração e desencorajamento. Precisamos continuar orando uns pelos outros a intercessão de Paulo em Romanos 15:13.

2Coríntios 6:3-10 e Colossenses 1:11 nos ajudam a entender a atitude de Paulo em relação às circunstâncias difíceis. Ele conhecia a verdade de que Deus dá paciência e graça para suportar problemas. Precisamos nos lembrar – e ensinar – que o dom do *dunamis* de Deus para suportar é com frequência o jeito de Deus para que superemos a adversidade e a apatia.

É o poder do Espírito humilde que fortalece a nossa determinação de perseverar quando as coisas ficam difíceis. É o *Parakletos* que nos insta a continuar em frente na adversidade.

Poder para testemunhar

Quando queremos entender por que o Espírito concede o Seu poder instrumental, temos de considerar passagens como Atos 4:33. O Espírito nos dá poder para proclamar e perseverar, para milagres e batalha, a fim de que sejamos testemunhas poderosas do Senhor Jesus ressurreto.

Os milagres não são concedidos para nos emocionar e encorajar (embora assim o façam). Vitória e esperança não são concedidas para tornar as nossas vidas mais suportáveis (ainda que assim o façam). Em vez disso, eles são concedidos essencialmente para oferecer um testemunho eloquente e eficaz para *o perdido*.

Cada aspecto da instrumentação do Espírito é dado para nos capacitar a conhecer Jesus melhor e torná-Lo mais bem conhecido ao mundo perdido e ferido. O teste real do verdadeiro poder espiritual é simplesmente a questão de ele trazer ou não as pessoas para um conhecimento e entendimento mais profundos de Jesus.

Isso significa que deveríamos falar da obra do Espírito com palavras que foquem Cristo em vez de frases que foquem o ser humano – como se o poder de Deus fosse algo que nos é disponibilizado para ligar e usar. Devemos deixar claro que nós nos disponibilizamos a Ele e Ele nos usa; nunca o contrário.

No evangelismo, devemos tomar o cuidado de não oferecer o Espírito como um tipo de poder impessoal que os crentes podem conectar e controlar uma vez que se comprometem com Cristo.

O poder de Deus não cancela de imediato os defeitos de nosso caráter nem torna as nossas vidas confortáveis e retas. As nossas vidas são uma luta constante contra as pressões e estratégias do mundo, da carne e do diabo.

É claro, a verdade é que o Espírito traz mudanças extraordinárias por meio do Seu poder dinâmico. E Ele nos oferece sim a força e a capacidade para fazer o que sabemos que devemos fazer. Essa capacitação proveniente de Cristo, por meio do Espírito, é uma verdade gloriosa que deveríamos querer experimentar mais e mais.

Porém, o Espírito não anula o nosso livre-arbítrio, não nos força a obedecê-Lo nem nos faz falar. Ele nos chama a uma parceria *voluntária*, a fim de que *possamos* conhecer Jesus melhor e *possamos* revelá-Lo mais claramente. O poder do Espírito é dado, porém, é dado para nos tornar testemunhas melhores, pessoas cujas palavras e vidas – cujo comportamento cotidiano e autoridade espiritual – alcancem com eficácia o perdido com o evangelho de Cristo.

O Espírito e verdade

Em João 15:26 e 16:13, Jesus ensina sobre “o Espírito da verdade”. Isso revela que o Espírito Santo está mais interessado na verdade espiritual do que na experiência espiritual, com a verdade da Palavra de Deus mais do que com a emoção dos atos de Deus.

A série *Espada do Espírito* é uma escola de ministério na Palavra e no Espírito, e enfatizamos repetidamente que o Espírito e a Palavra andam juntos e não devem ser separados. O ensinamento de Jesus acerca do Espírito em João 14–16 revela que é o Espírito da verdade quem está junto aos discípulos, testemunha de Jesus e convence o mundo do pecado. É somente sendo a personificação da verdade que Ele realiza as Suas obras de comunhão, testemunho e convicção.

É claro, “verdade” no Evangelho de João é pessoal e não proposicional, é a pessoa de Jesus e não ideias teológicas a respeito Dele – vemos isso em João 1:17; 8:40, 45; 14:6 e 18:37.

“Verdade” verdadeira é a realidade eterna de Jesus, e verdade – a Palavra – traz vida a todos que a recebem.

Quando o evangelismo é capacitado e dirigido pelo Espírito, a verdade é de suprema importância. Isso significa que ela foca essencialmente Jesus como a verdade – em suas afirmações, singularidade, vida, morte, ressurreição e daí por diante.

Entretanto, significa também que cada aspecto do evangelismo deve ser verdadeiro e cheio de integridade. Não deve haver exagero, manipulação, ambiguidade, afirmações falsas, orgulho, pressão financeira nem motivos questionáveis. Deve haver transparência pessoal, humildade profunda, clareza intelectual, um debate honesto das questões difíceis como sofrimento, igreja desunida, teorias científicas, outras religiões, e assim por diante.

Se o Espírito da verdade estiver nos liderando a toda a verdade, devemos proclamar toda a verdade do evangelho, o seu poder pessoal e a sua integridade intelectual, as maravilhosas conquistas na cruz e os fatos históricos duros da cruz e da ressurreição.

O Espírito e a conversão

Nos volumes *Conhecendo o Espírito; Fé Viva; Glória na Igreja e Salvação pela Graça*, enfatizamos que a conversão – voltar-se para Deus – é mais um processo do que um acontecimento momentâneo. Inclui regeneração, arrependimento, fé em Jesus, perdão de pecados, batismo nas águas, recebimento do Espírito Santo, tornar-se parte ativa de Sua Igreja e ser um discípulo de Jesus no mundo – embora, é claro, a pessoa seja “salva” simplesmente arrependendo-se e crendo.

Parte desse processo pode ser condensado em alguns minutos, com vários aspectos ocorrendo quase que simultaneamente – como para os convertidos em Pentecostes – mas todos os aspectos da “conversão” devem ser trabalhados de forma consistente durante o período de vida do crente.

Em João 3, Jesus parece distinguir entre “ver” o Reino no versículo 3 e “entrar” no Reino no versículo 5. O versículo 3 mostra que Deus dá o dom de visão espiritual quando as pessoas nascem de novo – quando são regeneradas pelo Espírito. É quando

o nosso destino eterno muda e começamos a ver as coisas do jeito de Deus e desenvolver um desejo por assuntos espirituais.

O versículo 5, contudo, mostra que é vontade de Deus não apenas que sejamos capacitados a “ver” o Seu Reino, mas também que “entremos” profundamente nele – para saboreá-lo, desfrutá-lo e viver nele. É essa entrada que cria a possibilidade (mas não a realidade imediata) de vitória sobre o pecado, poder para testemunhar e crescimento em direção à semelhança de Cristo. Se nós atingimos isso ou não depende de nossa obediência e vida constante no Espírito, mas a possibilidade não surge sem se entrar no Reino de Deus.

Regeneração – nascer de novo – é obra inteiramente do Espírito Santo. Ele é o regenerador que está ativamente envolvido com o mundo e os incrédulos. João 16:8 mostra que Ele convence o mundo acerca do pecado, justiça e juízo e João 3:1-8; Romanos 8:1-14 e 1Coríntios 2:10-14 deixam claro que simplesmente não é possível tornar-se um cristão separadamente da obra do Espírito.

Ninguém pode escolher ser regenerado e ninguém pode fazer isso acontecer. Ninguém sabe quando vai acontecer e algumas pessoas desconhecem ou ficam confusas quando está acontecendo. Sabemos apenas quando ocorreu, pois nos vemos crendo no que jamais teríamos crido antes. Tudo isso é realizado pelo Espírito na forma que Jesus descreve em João 3:8. É trabalho Dele e não nosso.

Observamos essa *parceria* evangelística com o Espírito na Parte Um. Assim como os arautos do rei, é a nossa responsabilidade alcançar os perdidos com o evangelho e dirigi-los a Cristo. É responsabilidade do Espírito, porém, criar vida nova e regenerar incrédulos.

Temos um papel legítimo na parceria. Como João Batista em Lucas 1:16 e Paulo em Atos 9:35; 11:21 e 26:18-20, fomos enviados ao mundo para que o perdido possa se voltar das trevas para a luz e de Satanás para Deus.

Porém, como os primeiros cristãos, não podemos fazer isso sem o poder do Espírito. Devemos proclamar as boas-novas na

dependência total do Espírito, o qual, sozinho, pode abrir os olhos do que é espiritualmente cego, destampar os ouvidos do que é espiritualmente surdo, aquecer os corações do que é espiritualmente frio e tornar humilde o que é espiritualmente orgulhoso.

Eféios 2:1 mostra que as pessoas permanecem espiritualmente mortas a menos que o Espírito traga vida; e 1Coríntios 2:4-5 revela que sem uma demonstração clara do Espírito, a fé daqueles que creem fundamenta-se em sabedoria humana em vez de se alicerçar no poder de Deus.

É uma parceria verdadeira, pois o Espírito depende tanto de nós como nós Dele. Não podemos converter ninguém e Ele escolhe atrair as pessoas a Cristo por meio de discípulos. Se o Espírito trabalhasse sozinho na conversão, haveria pouco para fazermos exceto orar. Porém, porque Ele trabalha por intermédio dos discípulos, devemos trabalhar duro em nossa contribuição a fim de assegurar que as nossas palavras, atos e vidas sejam relevantes, críveis e semelhantes aos de Cristo.

O Espírito e a direção

O livro de Atos registra como o evangelismo da igreja primitiva era guiado e direcionado pelo Espírito Santo, e analisamos esse aspecto completamente no volume Ouvindo Deus.

Embora toda revelação proveniente de Deus seja essencialmente uma autorrevelação acerca Dele e O ouvimos basicamente para aprofundar o nosso relacionamento com Ele, Deus nos fala de fato por meio do Espírito: Ele revela o que está fazendo de modo que possamos nos manter alinhados com Ele.

Como arautos, somos chamados a transmitir o evangelho de modo geral a todas as pessoas que nos cercam. Isso significa que grande parte de nossa instrução é completamente *natural*. Quando chegou a Tessalônica, Atos 17:2, Paulo relata que foi direto à sinagoga “como lhe era de costume” e passou três semanas discutindo com eles o que as Escrituras diziam a respeito de Jesus. Paulo não precisou de instrução especial do Espírito para ir ao lugar óbvio onde encontraria pessoas que acreditavam em Deus.

E Atos 3:1–4:4 descreve como diversos milhares de pessoas se converteram como consequência de Pedro e João terem compartilhado o evangelho com uma pessoa necessitada enquanto estavam a caminho de uma reunião comum de oração.

Entretanto, o Espírito às vezes guia mesmo os discípulos de um modo *sobrenatural* – por meio de visões, profecias e dons espirituais. Observamos isso, por exemplo, em Atos 8:26-39; 9:10-19; 10:1-16; 13:2 e 16:6-10. Esse aspecto é analisado integralmente no volume *Ouvindo Deus*.

Com frequência, a direção do Espírito é *coletiva*. Embora Pedro e Paulo tivessem recebido orientação pessoal acerca de levar o evangelho aos gentios, eles submeteram o seu entendimento à toda a igreja em Jerusalém. Observamos uma prática semelhante em Atos 13:2. Paulo e Barnabé já foram chamados a um trabalho pelo Espírito, porém não tomaram atitude até que toda a igreja em Antioquia tivesse sido igualmente direcionada.

Jesus ensinou a Pedro uma lição muito importante acerca da instrução evangelística quando o chamou pela primeira vez a ser um discípulo. Lucas 5:1-11 contrasta a pescaria malsucedida de Pedro (que fora fundamentada em seu bom conhecimento do lago e vasta experiência de pescaria) com seu incrível sucesso quando ele seguiu a instrução de Jesus.

Muitas pessoas trabalham sem parar no evangelismo tomando como base a própria força e experiência, mas – como Pedro – elas seriam pescadoras muito mais eficazes de homens e mulheres se passassem mais tempo ouvindo Deus, aprendendo a vontade específica Dele e a obedecendo integralmente. É obra do Espírito revelar a vontade específica de Deus para nós – e então, de modo maravilhoso, Ele nos equipa com tudo que precisamos para executá-la.

Parte Nove

Evangelismo e Oração

Sabemos que somos chamados a depender consciente e integralmente de Deus em cada aspecto de nossas vidas. Sempre que não dependemos Dele de fato, temos a probabilidade de confiar em nós mesmos – e esse é o caminho da ruína.

Depender de Deus envolve oração. Como arautos, somos enviados a um mundo hostil com o evangelho e nosso evangelismo sempre envolve guerra espiritual poderosa, pois o deus deste mundo está por trás de toda apatia que encaramos. O versículo 4 de 2Coríntios 4 ensina que ele cega as mentes dos incrédulos para que não possam ver a luz do evangelho.

Sempre que apelamos para as pessoas se voltarem a Deus, nós batalhamos com seres demoníacos invisíveis. Paulo deixa isso claro em Efésios 6. No versículo 18, depois de nos encorajar a vestir a armadura de Deus, Paulo mostra que a oração é o propósito principal da armadura. A oração não é mais uma peça da armadura, ou então a analogia de Paulo se rompeu. A oração nos capacita a usar a armadura de Deus; pois a oração é o nosso campo de batalha espiritual.

Em Isaías 59:15-19, o Senhor ficou tão consternado por não haver ninguém para interceder que Ele decidiu intervir Ele mesmo; mas, antes de interceder, Ele colocou a Sua armadura pessoal – e é a armadura divina que o Espírito nos dá quando oramos no Espírito.

Paulo, em 6:19-20, avança pedindo aos seus leitores que usem a armadura e lutem em oração por ele, para que o Espírito

Santo Lhe dê as palavras (palavras unguidas) e que ele proclame o evangelho com ousadia. Ele sabia que era tolice querer evangelizar sem a oração de retaguarda inspirada pelo Espírito, capacitada pelo Espírito, equipada pelo Espírito e instrumentalizada pelo Espírito. 2Coríntios 10:3-5 enfatiza a importância desse aspecto.

Não podemos ter a expectativa de ver os perdidos se tornarem discípulos comprometidos sem muita intercessão. Simplificando, é muito improvável que vejamos os feridos curados e os perdidos resgatados sem a oração persistente e prevalente. Nós analisamos esse aspecto no volume *Oração Eficaz*.

Oração evangelística

O Novo Testamento revela que o apóstolo Paulo foi um tremendo homem de oração e suas cartas estão cheias de orações por seus leitores, pedidos de oração por eles e também ensino sobre a oração. As Escrituras também mostram que Paulo era apaixonado por evangelismo – então não deveríamos ficar surpresos em descobrir que muitos dos pedidos de oração e as próprias orações registradas eram feitos para facilitar o evangelismo eficaz.

Romanos 10:1 descreve o desejo mais precioso de Paulo em relação aos judeus. Esse versículo não ensina nada do *conteúdo* de sua oração; ao contrário, revela o *propósito* dela. Romanos 10:1 encoraja a oração evangelística fervorosa, mas não oferece um modelo para usarmos.

Como veremos, Paulo parece ter orado e ter pedido oração pelo próprio ministério, intercedendo para que os obstáculos que impediam o evangelismo fossem removidos, e que ele fosse equipado, energizado e motivado a testemunhar com mais eficácia.

Isso sugere que quando ansiamos para que alguém seja salvo, lutamos em oração para trazer à existência essa salvação. Como Paulo, passaremos longas horas orando com o fim de que essas pessoas sejam salvas. Contudo, queremos encontrar o modo mais eficaz de orar para trazer à existência a salvação dessas pessoas. As epístolas de Paulo sugerem que a oração evan-

geliística eficaz tem com frequência dois elementos distintos:

- Oração para os arautos serem motivados, capacitados e equipados
- Oração para que os obstáculos que impedem a salvação sejam removidos

Orações para a equipagem

O apóstolo Paulo geralmente pedia oração para que fosse protegido ou liberto em uma situação que estivesse impedindo a proclamação do evangelho.

Por exemplo, ele pediu:

- Para ser livre de homens maus – 2 Tessalonicenses 3:1-2
- Para ser livre de incrédulos – Romanos 15:31
- Para ser livre de um perigo de morte – 2 Coríntios 1:9-11
- Para ser mantido seguro na prisão – Filipenses 1:19-20
- Para ser liberto da prisão como um favor especial – Filemom 22
- Que uma porta fechada fosse aberta – Colossenses 4:3

Em todas essas passagens, Paulo pediu oração para que pudesse testemunhar com mais eficácia. Ele não pediu que as hostilidades cessassem, mas por segurança enquanto testemunhava nas dificuldades. Isso sugere que não deveríamos pedir uma vida fácil em nossas orações evangélicas. Em vez disso, deveríamos procurar descobrir o que Deus quer fazer neste mundo. Deveríamos nos concentrar no trabalho Dele em vez de ficarmos presos aos eventos à nossa volta.

Em 2 Tessalonicenses 3:1-2, Paulo pediu oração para que a sua mensagem fosse bem recebida pelos incrédulos. E em Romanos 15:30-32 ele pediu oração para que a sua mensagem provasse ser aceitável aos crentes de Jerusalém. Essa é a oração instrumental.

Em Efésios 6:19-20 e Colossenses 4:3-4, Paulo pediu oração por ousadia intrépida. Ele queria falar das boas-novas como se deveria falar. Ele sabia que seu estado normal era “medo e tremor” e que a ousadia não lhe vinha naturalmente. Se Paulo precisava de oração pela ousadia, tanto mais as nossas orações deveriam pedir por esse recurso hoje?

E em Romanos 15:22-32, Paulo pediu oração pela oportunidade de viajar a Roma. Ele fez tal pedido para que pudesse levar a bênção de Cristo a cidade de Roma. Se Deus nos der uma incumbência semelhante para um lugar específico, devemos pedir-Lhe uma oportunidade semelhante para transmitir a Sua mensagem.

Esses pedidos de oração oferecem instruções claras acerca da oração pelos perdidos. Como Paulo, sabemos que é a vontade de Deus que todas as pessoas sejam salvas. Não precisamos persuadir um Deus relutante a salvá-las. Em vez disso, deveríamos orar para que:

- Sejamos fortalecidos a superar quaisquer circunstâncias aprisionadoras que estejam impedindo o nosso testemunho
- Que sejamos cheios de ousadia para falar a Palavra de Deus
- Que nos sejam dadas oportunidades para testemunhar
- Que as nossas palavras sejam capacitadas pelo Espírito e aceitas pelos ouvintes
- Que o Espírito convença os nossos ouvintes de seus pecados e necessidade

Se tivermos a incumbência por certa pessoa ou grupo não salvo, as maneiras eficazes de oração por sua salvação são:

- Ouvir Deus a fim de definir em nosso coração qual discípulo (ou discípulos) Ele quer usar para alcançar a pessoa ou pessoas
- Orar específica e persistentemente para Deus equipar o discípulo (ou discípulos) e capacitar as suas palavras com a Sua graça e favor

É claro, Deus sempre honra os nossos motivos sinceros quando simplesmente oramos: “por favor, salve os perdidos”. Essas orações nunca são um desperdício de tempo – mas podem ser bem mais preguiçosas! Deus quer que nós perseveremos em oração, busquemos a Sua vontade para a situação e que então lutemos e oremos para que aconteça.

As epístolas de Paulo contêm diversas orações para a equipagem dos crentes. Por exemplo, ele ora para que:

- Deus lhes dê o conhecimento específico de que precisam – Efésios 1:17-18; 3:18; Colossenses 1:9-10; Romanos 10:1-4; Filipenses 1:9-10 e Filemom 6
- Deus lhes dê a força específica de que precisam – Efésios 3:16; Colossenses 1:11 e 1 Tessalonicenses 3:13
Deus os encha com o Seu amor – Efésios 3:17; Filipenses 1:9 e 1 Tessalonicenses 3:12
- Deus os torne puros e sem culpa – 2 Coríntios 13:9; Filipenses 1:10; 1 Tessalonicenses 3:13 e Colossenses 1:10
- Para que vivam de modo a refletir o caráter de e os pensamentos de Deus – Colossenses 1:10 e 2 Tessalonicenses 1:11
- Para que deem frutos em boas obras, sejam ativos no compartilhar a fé, e sejam uma revelação da glória de Deus – Colossenses 1:10; 2 Tessalonicenses 1:11-12 e Filemom 6

Orações acerca dos obstáculos

No volume *Oração eficaz e Ministério no Espírito*, vimos como Jesus tomou a frase judaica comum “mover uma montanha” e a revestiu de um novo poder e aplicação.

Essa frase baseia-se em Isaías 40:1-5, onde se pediu que o profeta preparasse o caminho do Senhor. Entre outras coisas, Isaías teve de derrubar as montanhas de dificuldade que estavam obstruindo toda a ampla escala de revelação da glória de Deus. A “remoção de montanha” é insinuada em Isaías 2:11-16 e o seu equivalente de “desarraigamento” é sugerido em Lamentações 3:65-66. A ideia aparece também em Zacarias 4:7.

No passado, quando um monarca do oriente queria viajar a lugares distantes de seu reino, ele enviava um grupo de homens, com uns seis a doze meses de antecedência para preparar o caminho. Esses homens reparariam pontes, estradas, retirariam árvores e geralmente fariam tudo que pudessem para viabilizar a viagem tranquila e a chegada do monarca.

João Batista foi o preparador do caminho do Senhor, e as-

sim também o foram os discípulos em Lucas 10. Eles foram à frente de Cristo, de dois em dois, a todos os lugares que Ele ia visitar. Jesus ensinou acerca da remoção dos obstáculos para preparar o caminho para a Palavra de Deus e a Sua glória em Mateus 17:20; Marcos 11:22-24 e Lucas 17:5-6.

No volume *Fé Viva* nós definimos que Marcos 11:22 é um entre um grande grupo de versículos do Novo Testamento que se refere à fé pessoal de Deus e é melhor traduzido como “ter a fé de Deus”.

Mateus 17:20 e Lucas 17:5-6 mostram que nós não precisamos de muita fé para mover montanhas em oração, apenas o artigo verdadeiro. E a fé pessoal de Deus é total. Ele é totalmente autoconfiante. Ele sabe que pode alcançar o que desejar fazer. Nenhum obstáculo é grande demais para Ele e a oração eficaz na remoção de obstáculos não está além de nós – uma vez que tenhamos recebido uma pitada de Sua fé.

Estas três passagens sugerem que há cinco estágios para a oração que remove obstáculos.

1. Conhecer a vontade de Deus

Esse tipo de oração é perda de tempo se não estivermos absolutamente certos da vontade de Deus. Precisamos simplesmente passar tempo ouvindo-O para receber a Sua identificação acerca dos obstáculos específicos que estão impedindo de ser salva a pessoa que estamos buscando alcançar.

Precisamos perguntar ao Pai quais circunstâncias, fatores, indivíduos, atitudes e etc. estão impedindo a obra de Deus de se desenvolver naquela pessoa. Cada passagem do Evangelho sugere um tipo específico de obstáculo a ser removido, e os analisamos no volume *Oração Eficaz*.

2. Receber a fé de Deus

A fé humana é insuficiente para a oração que remove obstáculos. Precisamos da confiança dada por Deus de que isso acontecerá. Quando o Espírito nos dá a fé de Deus, devemos aceitar o obstáculo como já removido.

Essa é a diferença entre uma esperança débil de que algo poderia acontecer, por exemplo, “Eu creio que (mas não estou realmente certo) Tiago virá hoje”; e saber mesmo que isso acontecerá, por exemplo, “Eu creio que (ele me prometeu, e aí vem ele caminhando em minha direção) Tiago virá hoje”.

3. Anunciar a ordem de Deus

Os versículos não dizem: “Qualquer que orar por mim”, mas “Qualquer que disser à montanha”. Essa oração é dirigida ao obstáculo, não ao Pai. Aprendemos acerca dessas orações de “anúncios proféticos” no volume *Ministério no Espírito*.

Essa autoridade executiva, que Cristo deu aos discípulos em Lucas 10:1-16, é nossa hoje. Na prática isso significa que se Deus revelar que o obstáculo que impede a conversão da pessoa é “Davi”, um colega cético, o certo seria interceder particularmente da seguinte maneira: “Davi, em nome de Jesus eu ordeno que você pare de obstruir o evangelho”.

4. Perseverar em oração

O tempo grego nesses versículos significa que devemos continuar dizendo ao obstáculo: “Levante-se e se lance ao mar”. Não é um comando de uma única vez. Como em toda oração, exige-se perseverança.

5. Continue orando até haver um resultado visível

A construção das frases “será feito”, “moverá”, “obedecerá”, enfatiza a certeza do cumprimento. Lucas usa um tempo verbal do grego que se refere a um tempo anterior à ordem, por exemplo, “teria obedecido”: Isso enfatiza o fato de que haverá uma resposta *visível* a essa oração que remove obstáculo.

Quando conhecemos a vontade de Deus, recebemos a fé de Deus e continuamos anunciando a ordem abalizada de Deus, não pode haver dúvida quanto ao resultado. A montanha mais alta, a árvore com a raiz mais profunda, o obstáculo mais irremovível, tudo passará. O cego verá, o perdido será achado, o caminho será liberado para a glória de Deus.

O papel dos discípulos na oração

Toda vez que oramos por evangelismo – seja para Deus motivar e equipar os Seus arautos ou para um obstáculo ser removido – precisamos nos lembrar de que Ele nos deu muitos papéis complementares na oração.

Por exemplo, nós oramos como cidadãos do Reino dos céus que estão sob a autoridade do Rei dos reis e como libertadores que estão triunfando em nome de Jesus. Por Jesus ser o juiz justo de cada situação que é trazida a Deus em oração, devemos orar com *autoridade* – especialmente em relação a Satanás e às forças do mal.

Contudo, também oramos como pessoas doentes que foram feitas íntegras, como pecadores que foram justificados, como servos que sabem que podem orar somente porque são respaldados pela intercessão constante de Jesus. Há muitas vezes, por exemplo, que precisamos ser curados antes de oferecer cura, e precisamos ser perdoados antes de poder levar uma pessoa ao arrependimento. Isso quer dizer que deveríamos orar com *humildade* – principalmente quando estamos orando por pecadores.

Também oramos como seguidores de Jesus, e como exemplos aos outros, que estão sendo trazidos à perfeição por Sua perfeita humanidade, porque somos cheios com o Espírito Santo e por Ele controlados. Quando seguirmos a sugestão do *Parakletos*, nós oraremos com compaixão, interesse e lágrimas de Jesus, e nos tornaremos mais como Ele em Sua capacidade de “ir ao lado” dos feridos. Então, deveríamos orar com *solidariedade e entendimento* – especialmente pelos problemas comuns da vida.

E oramos como crentes que são os próprios frutos da obra de Jesus, como pessoas que receberam a Sua vida, como filhos que nasceram de novo e foram adotados na família. Sabemos que Deus pode fazer exatamente a mesma obra nas outras pessoas, e por isso podemos orar com *confiança* – especialmente por aqueles que parecem estar tão longe de Deus como nós um dia estivemos.

Os interesses da oração

Por um tempo é fácil orar por algumas questões favoritas, mas todos nós precisamos procurar manter um método bem elaborado de oração que cubra uma ampla escala de interesses – mais do tipo que vemos na oração do Senhor.

Por exemplo, o Reino deveria ser o interesse maior de nossas orações. Devemos orar para Jesus governar cada parte de nossas vidas, para mais cristãos obedecê-Lo plenamente e devemos clamar por Sua vitória completa em situações que não estão como deveriam.

O serviço cristão deve ser outro interesse. Devemos orar para Deus atender às necessidades do pecador, do doente, do doente mental, do sem-teto, do ferido, do desagradável e assim por diante. É claro, não transferimos a responsabilidade total desses problemas a Deus por meio de nossa intercessão, pois as nossas orações acerca dos serviços devem incluir pedidos de força para atender às necessidades as quais recebemos recursos para suprir.

Também deveríamos orar acerca dos problemas que realmente preocupam o perdido – dívida, desintegração social, desemprego e assim por diante. E precisamos orar para que nos tornemos mais parecidos com Jesus, e crescamos em entendimento, solidariedade, paciência, amizade e alegria.

Acima de tudo, porém, devemos estar interessados no próprio Deus em nossas orações, e precisamos passar tempo honrando-O, adorando-O e amando-O por Seu amor.

Devemos desejar que as nossas orações sejam respondidas para que o Seu nome seja glorificado. Devemos estar interessados em deixar Deus orgulhoso de Seus filhos e de deixar Jesus animado com a Sua noiva. Devemos nos preocupar com o fato de alguns crentes não serem ungidos com o Espírito, e com outros não estarem vivendo na plenitude de Seu poder. E as nossas orações devem refletir a angústia de Deus pelo estado de seu *kosmos* amado, e pela apatia de tantas pessoas por seu Criador e Redentor.

O conteúdo da oração

Embora a oração seja essencialmente “Voltada para Deus” em termos de direção, muitas de nossas orações evangelísticas são sobre pessoas e precisamos pensar cuidadosamente acerca de como deveríamos orar por elas.

Todos têm um inimigo, e um de nossos papéis principais na oração é quebrar o laço. Na cruz, Jesus quebrou, em princípio, o poder de Satanás sobre a humanidade e em cada situação; mas ainda cabe a nós clamar e aplicar essa vitória. Fazemos isso em oração.

Algumas pessoas que queremos alcançar estão nas garras do maligno, por exemplo, elas podem estar presas ao álcool, drogas ou materialismo. Quando oramos por elas, talvez precisemos adicionar jejum à oração. Nós analisamos esse aspecto no volume *Oração Eficaz*.

Há muitas outras situações em que o maligno está obviamente em ação. Então, às vezes, precisaremos orar para um amigo vencer a ansiedade, ou resistir à tentação ou escolher a justiça. Na oração, nós anunciamos a vitória de Jesus, falamos palavras de resistência e repreendemos o diabo ordenando que ele deixe a situação.

Todos nós sabemos os caminhos em que os nossos amigos cristãos são menos que perfeitos. Jesus não perde tempo criticando os Seus arautos – nós também não deveríamos perder. Hebreus 7:25 mostra que, em vez disso, Jesus ora por eles. Quando somos tentados a criticar outros, deveríamos juntar as nossas intercessões à de Jesus e orar para que eles se tornem testemunhas mais eficazes.

Em oração, devemos implorar ao Espírito Santo que convença a pessoa de seu pecado específico, e devemos instar Jesus a cobri-las com uma conscientização da tristeza do Pai por sua atitude ou ação.

E todos nós conhecemos pessoas que precisam de algum tipo de cura, seja física seja emocional. Algumas pessoas têm febre enquanto outras ficam quentes facilmente debaixo de suas roupas. Algumas pessoas estão paralisadas e outras insistem

que não conseguem fazer nada. Uma ou duas pessoas sofrem de doenças na pele, mas muitas mais acham que são horríveis aos olhos. Algumas pessoas são cegas, enquanto outras pensam que estão sempre apalpando no escuro. Muitas pessoas são surdas e muitas outras são convencidas de que não conseguem ouvir Deus claramente. Algumas pessoas coxeiam e outras simplesmente coxeiam sozinhas em suas vidas espirituais. E Jesus pode curar todas elas, pode lhes trazer integridade, pode alcançá-las se estiverem perdidas e pode enviá-las à obra de evangelismo se elas forem salvas.

Devemos trazê-las todas a Jesus em oração, e continuar intercedendo por elas, como Lucas 11:8-10 sugere, até as nossas orações serem respondidas – não importa o tempo que levar.

Temos um Amigo que se preocupa profundamente com todos os feridos da humanidade caída – tanto no geral, por todo o mundo, como no específico, as pessoas que conhecemos. Toda vez que nos aproximamos de um amigo, começamos inevitavelmente a compartilhar as suas preocupações. Logo, na medida em que nos aproximamos de Jesus, devemos naturalmente nos ver começando a interceder por Suas preocupações em relação ao mundo.

As nossas orações devem refletir a paixão de Jesus por todo o mundo, o Seu anseio pela nova criação e o Seu grande amor por homens e mulheres perdidos.

Então deveríamos orar, por exemplo:

- Pela fome na África, e pelo homem que mora aqui na rua, cujo joelho direito está lhe causando dor
- Pelas nações paralisadas por dívidas injustas e pelo casamento problemático de nosso vizinho
- Por prisioneiros políticos em todo o mundo, e pela mulher da outra rua cujo marido está na prisão por roubo
- Por nações que estão crivadas pelo desejo de posses materiais, e por nosso sobrinho que vai começar na escola
- Pelos milhões que adoram outros deuses, e por mais consagração em nossa congregação
- Para o fim da poluição, aquecimento global e comércio de

armas e pela mulher solitária no ponto de ônibus que está desprotegida

E, sabendo que Deus é muito capaz de atender às necessidades de 6.500 milhões de pessoas diferentes simultaneamente, nós confiadamente deixamos essas questões com Ele. Pois, não importa quanto possamos querer alcançar os perdidos e salvar o mundo, sabemos que esse é o Seu único desejo, a Sua grande paixão e o Seu propósito supremo.

Orando pelo Espírito

Vimos que o fator único que, acima de todos os outros, liberou os discípulos a um evangelismo bíblico eficaz e espontâneo foi a unção com o Espírito Santo. Não há limites para o que Deus pode fazer por nosso intermédio quando estamos verdadeiramente cheios com o Espírito e ungidos por Ele.

Se quisermos alcançar o perdido; se quisermos proclamar, demonstrar e encarnar as boas-novas; se quisermos restaurar a paixão e padrão bíblicos de evangelismo para a Igreja, precisamos do Espírito Santo mais do que qualquer coisa.

Precisamos aprender, portanto, como podemos ser ungidos com o Espírito para evangelizar o ferido, como podemos ser cheios com o poder de Deus para anunciar a Sua mensagem, realizar os Seus atos e viver a Sua vida.

Arrependendo

Primeiro, precisamos nos arrepender de cada pecado conhecido. Ser cheio com o Espírito significa pedir para Ele controlar e direcionar *cada* área de nossas vidas – e não podemos orar por isso com fé se houver algum aspecto de nossas vidas que nós não entregarmos a Ele.

Precisamos deixar o Espírito nos sondar para que Ele possa destacar esses aspectos de nossas vidas que precisam de mudança. É claro, não podemos nos fazer santos; mas podemos nos arrepender daquelas coisas que entristecem o Espírito e O impedem de nos encher completamente com o Seu amor e poder.

Durante séculos, muitos líderes eclesiásticos tornaram hábito se fazer regularmente uma série de perguntas investigativas. Por exemplo, podemos perguntar a nós mesmos:

- Eu estou, consciente ou inconscientemente, criando a impressão de ser melhor do que realmente sou?
- Pode-se confiar que eu faça o que prometi fazer?
- Eu sou honesto em todos os meus atos e palavras, ou eu exagero?
- Eu transmito aos outros o que me foi passado em segredo?
- Eu sou um escravo de roupas, hábitos, trabalho, amigos, passatempos?
- Eu sou inseguro, tenho autopiedade ou autojustificação?
- A Bíblia fala comigo?
- Eu me deleito na oração?
- Cristo é real para mim?
- Eu arrumo tempo diário para a Palavra e a oração?
- Quando foi a última vez que falei com uma pessoa com a intenção de ganhá-la para Cristo?
- Estou fazendo contato legítimo com pessoas não salvas e revelando a glória de Deus a elas?
- Eu aceito crítica e correção?
- Estou usando as minhas finanças de modo fiel e sábio?
- Há alguém que eu tema, não goste, critique, recinta ou ignore? Se sim, o que estou fazendo a respeito?
- Estou sendo generoso com todos os meus recursos?
- Eu vivo com pensamentos sexuais impuros?
- Estou cuidando do meu corpo com uma dieta saudável, muito exercício e sono suficiente?
- Estou desobedecendo a Deus em alguma coisa?
- Eu agradeço a Deus por não ser como algumas pessoas?
- Sou derrotado em alguma área da minha vida?
- Sou orgulhoso?
- Eu murmuro ou reclamo muito?
- Eu estou disposto a servir no anonimato?
- Preciso de aclamação e reconhecimento?
- Estou servindo outros na prática?

- Eu decepciono as pessoas?
- Sou verdadeiramente submisso a algumas pessoas?
- Eu dependo completamente do Espírito, ou confio demais em meu julgamento, experiência e treinamento?
- Estou ouvindo Deus de modo consciente?
- Eu desejo que o perdido seja alcançado e o mundo seja salvo?

Se sentirmos que a nossa pontuação foi de 0%, isso não quer dizer que não possamos estar cheios com o Espírito – pois Ele é um dom da graça de Deus e não uma recompensa por bom comportamento! Em vez disso, o Espírito pode usar esses tipos de perguntas para nos mostrar as nossas necessidades específicas e as nossas falhas, e para nos levar a algum arrependimento específico. Toda vez que nos arrependemos conscientemente de todos os pecados conhecidos, nós damos um passo imenso em direção a Deus e nos abrimos novamente à Sua unção.

Obedecer

Precisamos estar dispostos a obedecer a Deus *seja onde for que* Ele possa nos mandar e, *assim*, Ele escolhe nos usar.

Nas Escrituras, a vinda do Espírito sempre era acompanhada da chegada de dificuldade, adversidade e oposição. Vemos isso nos profetas do Antigo Testamento; vemos isso em Cristo e vemos isso na Igreja Primitiva. Quando o Espírito veio sobre os discípulos em Pentecostes, os seus problemas realmente começaram!

Logo eles foram encarcerados, espancados, perseguidos, espalhados, isolados, apedrejados, naufragados, tiveram frio, fome, sede, ficaram exaustos e em perigo constante. Isso era o que significava para eles ser cheio com o Espírito. Porém, por causa de estarem dispostos a obedecer a Deus – qualquer que fosse o preço que tivessem de pagar nesta vida – Seu poder e pureza era manifestado constantemente por meio deles.

Muitos discípulos hoje parecem querer a sensação boa do poder e o brilho da santidade, mas não o preço do poder e o calor da santidade. Na verdade, eles não querem de fato ser

completamente inundados pelo Espírito Santo do Deus Todo-poderoso.

Faminto e sedento

No volume *O Governo de Deus*, vemos que devemos estar famintos e sedentos por Deus e por uma vida de retidão em Sua presença.

Orar por mais do Espírito Santo não deve ser um requisito casual que fazemos quando desejamos uma emoção forte; deve ser uma oração séria que oferecemos quando desejamos tanto que Deus seja glorificado em nossas vidas que ficamos magoados por nosso vazio e impotência.

Estamos prontos para ser cheios e unguídos com o Espírito quando estamos extremamente famintos por Deus ser honrado como Deus, por Ele ser louvado e adorado, amado e servido, seguido e obedecido – não somente por nós mesmos, mas pelo mundo todo, todos os perdidos.

Podemos nos sentir fracos e insuficientes, mas Jesus vem a nós em Sua graça e oferece a Si mesmo. A Sua promessa em João 7:37-39 é absoluta: Quando finalmente vamos a Ele e começamos a beber rios que dão vida, água viva que traz saúde começa a fluir por nosso intermédio – e de nós para outras pessoas.

A promessa de Jesus é feita no tempo presente, o que significa que devemos continuar sedentos, continuar famintos, continuar indo para Jesus e bebendo Dele – e o rio de cura do Espírito continuará fluindo em e por meio de nós para o aflito e o ferido.

Neste exato momento Jesus está reinando no céu. Um dia toda a humanidade se dobrará a Ele e confessará que Ele é o Senhor. Até lá, porém, fomos incumbidos e equipados para alcançar o perdido com as boas-novas de que Ele é o Senhor.

A primeira mensagem evangelística da era cristã, dada por Pedro em Pentecostes, em Atos 2:32-36, encerrou com as notícias trinitarianas de que “Deus ressuscitou a este Jesus, do que todos nós somos testemunhas. De sorte que, exaltado pela

destra de Deus, e tendo recebido do Pai a promessa do Espírito Santo, derramou isto que vós agora vedes e ouvis...”

Esse Espírito Santo que capacitou e instrumentou Jesus para evangelizar o ferido é tudo que precisamos para alcançar o perdido. Precisamos que Ele nos guie e nos direcione se quisermos proclamar as boas-novas em nossa localidade. Precisamos que Ele nos encoraje e nos console se quisermos persistir quando a apatia e a oposição ameaçarem nos arrasar. Precisamos Dele. Precisamos do Espírito Santo. Deus não mudou de ideia. Ele não retirou a Sua promessa. Ele espera que nós, os seus arautos escolhidos, venhamos a Jesus com a nossa necessidade óbvia; e Ele ungirá com o Espírito Santo aqueles que assim Lhe pedem – para que possamos ser Suas testemunhas, Seus arautos, toda vez que Ele escolher nos enviar com o Seu santo evangelho.